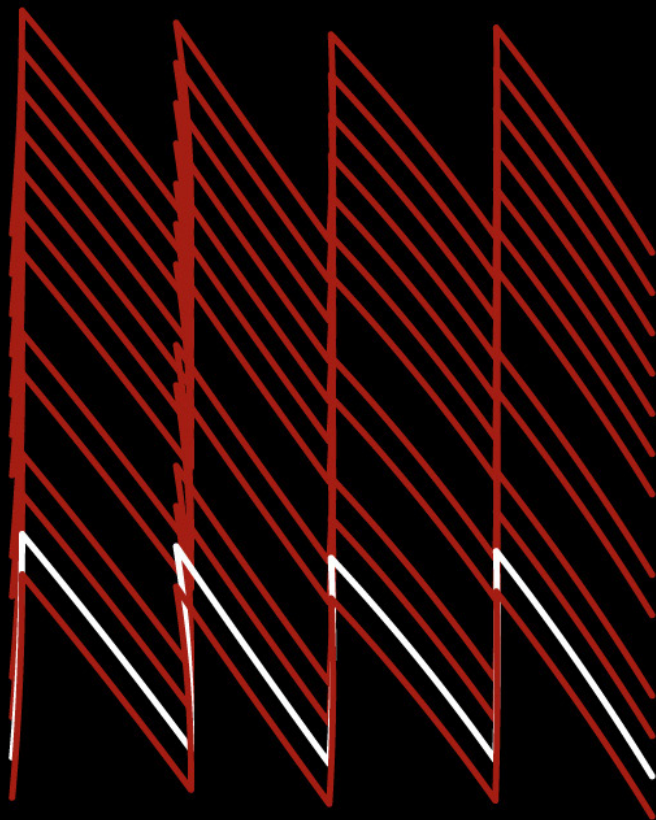


verve

33
2018

Revista do NU-SOL — Núcleo de Sociabilidade Libertária
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais PUC-SP



verve

verve

Revista Semestral do Nu-Sol — Núcleo de Sociabilidade Libertária
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP

33

2018

VERVE: Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária/
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP.
Nº33 (Junho 2018). São Paulo: o Programa, 2018 - semestral

1. Ciências Humanas - Periódicos. 2. Anarquismo. 3. Abolicionismo Penal.

I. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais.

ISSN 1676-9090

VERVE é uma publicação do Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP (coordenadoras: Lucia Maria Machado Bógus e Vera Lucia Michalany Chaia); indexada no Portal de Revistas Eletrônicas da PUC-SP, no Portal de Periódicos Capes, no LATINDEX e catalogada na Library of Congress, dos Estados Unidos.

Editoria

Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária.

Nu-Sol

Acácio Augusto, Andre Degenszajn, Beatriz Scigliano Carneiro, Edson Passetti (coordenador), Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Leandro Siqueira, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Maria Cecília Oliveira, Ricardo Abussafy, Rogério Zeferino Nascimento, Salete Oliveira, Sofia Osório, Thiago Rodrigues, Vitor Osório.

Conselho Editorial

Alfredo Veiga-Neto (UFRGS), Cecília Coimbra (UFF e Grupo Tortura Nunca Mais/RJ), Christian Ferrer (Universidade de Buenos Aires), Christina Lopreato (UFU), Clovis N. Kassick (UFSC), Doris Accioly (USP), Guilherme Castelo Branco (UFRJ), Heliana de Barros Conde Rodrigues (UERJ), Margareth Rago (Unicamp), José Maria Carvalho Ferreira (Universidade Técnica de Lisboa), Pietro Ferrua (CIRA – Centre Internationale de Recherches sur l'Anarchisme), Rogério Zeferino Nascimento (UFPB), Silvana Tótora (PUC-SP).

Conselho Consultivo

Dorothea V. Passetti (PUC-SP), Heleusa F. Câmara (UESB), João da Mata (SOMA), José Carlos Morel (Centro de Cultura Social – CSS/SP), José Eduardo Azevedo (Unip), Maria Lúcia Karam, Nelson Méndez (Universidade de Caracas), Silvio Gallo (Unicamp), Stéfanis Caiaffo (Unifesp), Vera Malaguti Batista (Instituto Carioca de Criminologia).

ISSN 1676-9090

verve

revista de atitudes. transita por limiares e instantes arruinadores de hierarquias. nela, não há dono, chefe, senhor, contador ou programador. verve é parte de uma associação livre formada por pessoas diferentes na igualdade. amigos. vive por si, para uns. instala-se numa universidade que alimenta o fogo da liberdade. verve é uma labareda que lambe corpos, gestos, movimentos e fluxos, como ardentia. ela agita liberações. atíça-me!

verve é uma revista semestral do nu-sol que estuda, pesquisa, publica, edita, grava e faz anarquias e abolicionismo penal.

sumário

- 15 Anarquia e maio de 1968 na França
Anarchy and May 1968 events in France
José Maria Carvalho Ferreira

- 46 A bandeira negra do anarquismo
The Black Flag of Anarchism
Paul Goodman

- 68
68
67 [página única 1]
Nu-Sol

- 78 Adeus à revolução
Goodbye revolution
Tomás Ibáñez

- 89 EXTERMÍNIO
EXTERMINATION
[página única 2]
Nu-Sol

- 101 Anotações para Extermínio: higienizações e ilegalismos
Social hygiene and illegalism: notes for Extermination
Salete Oliveira

- 116 estamos todos presos. estamos?
we are all imprisoned. are we?
Edson Passetti & Acácio Augusto

resenhas

- 147 A revolução negra anarquista
The anarchist black revolution
Vitor Osório

- 153 As estranhas notícias de um jornalista quase invisível
Odd news from a journalist almost invisible
Gustavo Simões



∞ ... é no fogo anarquista de 1968 que irrompe esta **verve**.

josé maria de carvalho e **paul goodman** afirmam a vitalidade libertária no calor dos acontecimentos a partir das experiências na própria pele na França e nos Estados Unidos, respectivamente. com o *hypomnemata* 201, publicado em maio de 2018, o **nu-sol** percorre as centelhas de 68, liberando-se do registro histórico para empolgar ardentes combates no presente-agora. desde o oriente, **hikaru tanaka** reitera a intensidade das agitações deste ano, responsáveis por reacender, no Japão, a existência incendiária de bakunin. direto da Espanha, **tomas ibañez**, formado nas barricadas do final da década de 1960, ataca contemporaneamente os efeitos autoritários da revolução como programa político e projeto futuro. diante da recente intervenção militar no Rio de Janeiro e dos extermínios sistemáticos ocorridos no Brasil, nesta **verve** 33, a vida vibra na luta com mais um *hypom.* e pulsa livre na veia com as “anotações para extermínio: higienizações e ilegalismos”, ensaio de **salete oliveira**, apresentado em sessão pública do *nu-sol*, flama para abolir imediatamente o aprisionamento de jovens. e para dar um fim aos castigos, a aula-teatro, escrita por **edson passetti** e **acácio augusto**, texto que já no título incita a ação corajosa, *estamos todos presos. estamos?* **vitor osório** com resenha sobre a revolução negra sob mirada anarquista e **gustavo simões** sobre os breves e infames registros do quase invisível anarquista Félix Feneon ainda alimentam o ardume. entre os textos desta edição, capas de livros-bomba publicados em 68, ou em seu rescaldo, 69, marcas das prazerosas pelejas. o fogo realiza com o ardor da vida sempre em transformação. é na labareda do agora que segue adiante nossa viva revista...

LOS JAMES JOLL
ANARQUISTAS



GRIJALBO

anarquia e maio de 1968 na França

josé maria carvalho ferreira

Passados que são 50 anos sobre o acontecimento histórico de Maio de 1968 em França, vários fatores de análise são hoje possíveis contextualizar, compreender, interpretar e explicar. Para além das mundivivências políticas, sociais, econômicas, culturais e ideológicas que atravessaram Maio de 68 em França, em termos de causas e efeitos, não são de menosprezar todos os aspectos precedentes que estiveram, em grande medida, na sua origem. Por outro lado, na sua essencialidade, é imperioso descortinar do conteúdo dos conflitos e das contradições que deram azo à erupção de reivindicações e mudanças de cariz revolucionário que ultrapassaram, em grande escala, os limites normativos e institucionais dos partidos e sindicatos clássicos inscritos nos parâmetros da democracia representativa das sociedades capitalistas. Pode-se e deve-se equacionar a natureza das contingências dos prolongamentos históricos do Maio de 1968, em França, nas sociedades contemporâneas onde o capitalismo atingiu maior desenvolvimento.

José Maria Carvalho Ferreira é professor e pesquisador no SOCIUS/ISEG, na Universidade de Lisboa, Portugal. Contato: jmcf@iseg.utl.pt.

Nem sempre é pacífico construir cenários analíticos onde persista uma correlação estreita entre o Maio de 1968 em França e o que podemos denominar, etimologicamente, de anarquia. Não obstante essa dificuldade perceptiva analítica e ideológica, o discernimento sobre esse cenário revela-se sintomático se articularmos o processo revolucionário de Maio de 1968 com a emergência singular de diferentes expressões anarquistas nas cidades e Paris, Lyon, Bordéus, Nantes, Marseille, Toulouse, etc. Fenômenos culturais de crítica ao Estado e ao capitalismo, experiências autogestionárias e de auto-organização nas fábricas, liceus, universidades, movimentos sociais espontâneos emergentes nas ruas e avenidas, e a conseqüente construção de barricadas com o intuito de desenvolver um processo insurrecional contra a polícia e o poder estatal, são disso uma prova insofismável. Não se pode afirmar que os anarquismos no sentido etimológico e mais representativos da anarquia tenham sido o anarcossindicalismo e o anarcocomunismo, nem tampouco o municipalismo libertário. No meu entendimento, e sobretudo no movimento estudantil que emergiu ali, o Maio de 1968 em França estava mais pautado por exigências de mudança cultural e de valores nas relações entre homem e mulher, de luta contra a burocracia estatal e a opressão e exploração capitalista. Deduz-se que a maioria destas opções, simbolicamente anarquistas, decorriam do anarco-individualismo e do anarconaturismo, não esquecendo, bem entendido, alguns aspetos espontaneístas antiorganizacionais, do federalismo e da autogestão proudhoniana.

Não é de modo algum negligenciável discernir sobre a atualidade do Maio de 1968 em França pensando, sempre

como é que o mesmo se repercutiu desde então nos espaços-tempos de outras sociedades contemporâneas, quer como tentativas de construção de um modelo de sociedade singular, quer ainda como espaço-tempo de confronto e de alternativas ideológicas revolucionárias no sentido da estruturação de movimentos sociais, partidos e sindicatos com a pretensão de se constituírem como vanguardas revolucionárias.

Em função do que foi introduzido para a elaboração deste artigo, posso deduzir que é sintomático estruturá-lo do seguinte modo: 1) antecedentes históricos que estiveram na origem de Maio de 1968 em França; 2) Maio de 1968 em França e a emergência do anarquismo; 3) prolongamentos do Maio de 1968 francês nas sociedades contemporâneas.

antecedentes históricos que estiveram na origem de maio de 1968 em França

Se bem que possamos analisar o Maio de 1968 em França com base na sua singularidade específica inscrita na sua genuinidade revolucionária, em quaisquer circunstâncias persistem sempre as precedências de aprendizagem e de aculturação históricas que estimularam todo o processo revolucionário nas suas múltiplas dimensões. Em termos de causas e efeitos dos fenômenos sociais, econômicos, políticos, culturais, ideológicos e religiosos, é pacífico perceber o seu impacto, a sua emergência e generalização nas metrópoles coloniais e países capitalistas mais desenvolvidos.

Entre os vários fatores longínquos que estão em estreita correlação causal com a natureza do Maio de 68 em França, destaque-se as consequências mortíferas da utilização de armamento nuclear, com dezenas de milhões de mortes e estropiados causados pela Segunda Guerra Mundial entre 1939-1945. De seguida e em sintonia com esta realidade é criado um movimento social de oposição a essa tragédia histórica da humanidade polarizado à volta da *beat generation* nos EUA, assumindo-se como movimento contracultural, contra a guerra e a destruição do planeta Terra, e tomando, por outro lado, a defesa dos vigaristas, toxicodependentes, dos loucos, dos vadios, dos pequenos ladrões, dos marginais e contestatários da moral e da ética vigentes. As incidências das leituras de autores como Jack Kerouac (*On the Road*, 1951; *The Dharma Burns*, 1958) e Allen Ginsberg (*Howl and Other Poems*, 1956; *Kaddish and Other Poems*, 1961; *Empty*, 1961) propagam-se com extrema acuidade junto dos estudantes universitários, na juventude e nos círculos intelectuais e artísticos, culminando, muitas vezes, pela sua originalidade, numa série de pressupostos de contestação no seio dos países capitalistas mais desenvolvidos, entre as quais a França.

Logo após terminar a Segunda Guerra Mundial, as lutas pela independência nacional dos países colonizados contra as grandes metrópoles coloniais tornou-se o grande desiderato histórico da emancipação dos povos que eram objeto da escravidão e da exploração colonial. Este movimento independentista, se bem que tinha a sua expressão máxima nos continentes africano e asiático, e por essa razão tenha tido as suas implicações gravosas com o império colonial francês, não obstante as suas incidências políticas, sociais, militares, econômicas e políticas gravosas

foram sentidas, crucialmente, com o advento da guerra da Argélia.

Consequentemente, esta guerra, que ocorreu entre 1954 e 1962 e se traduziu numa série de milhares de mortos, de contradições e conflitos entre a França e a Argélia, depressa emergiu para um conjunto de dissensões na sociedade francesa, nomeadamente, por parte de uma juventude que opinava contra as perversões causadas pela guerra da Argélia. No cômputo geral, estima-se que morreram entre 300.000 e 1.000.000 de argelinos nesta guerra e que cerca de 3.000.000 foram enviados para campos de reagrupamento (de uma população de 10.000.000 de argelinos). As mazelas ideológicas e políticas decorrentes da ação do Estado francês, sobretudo no que se reporta aos aspectos coloniais, despóticos e burocráticos, ficaram doravante inculcadas no espírito contestatário da juventude francesa, principalmente aquela que sofria as vicissitudes mais gravosas da exploração e da opressão vividas nos campos de guerra, nas fábricas e nos campos, ao ponto de ter também consequências lógicas no movimento social de Maio de 1968 em França.

Das guerras que tiveram maior impacto ideológico e militar nos EUA e nos países capitalistas mais desenvolvidos da Europa Ocidental, a Guerra do Vietnã foi, sem dúvida alguma, a que maior despertou animosidade e identidade universal, quer pelos países que já eram comunistas (URSS, China, Cuba, etc.), quer pelos partidos comunistas do mundo inteiro que seguiam os passos do modelo soviético e de ideologia mais esquerdista, como eram os casos do maoísmo, trotskismo e guevarismo. A Guerra do Vietnã ocorreu entre 1959 e 1975, tendo envolvido países como o Vietnã do Sul e o Vietnã do Norte, o Laos e o Camboja.

Das estimativas que nos foram facultadas, o total de vietnamitas que foram mortos, civis ou militares, varia entre o mínimo de 900.000 e o máximo de 4.000.000. No que concerne os cambojanos, morreram cerca de 20.000, e entre os laocianos morreram 62.000. Entre os americanos contabilizaram-se 58.000 militares mortos, havendo ainda 300.000 feridos e 1.600 desaparecidos em 1975. Para os Estados Unidos, a Guerra do Vietnã transformou-se numa grande frustração histórica para sua hegemonia militar mundial, mas também no nível da supremacia ideológica e política que pretendiam assumir como modelo de sociedade democrática, ao mesmo que esta derrota militar provocou traumatismos emocionais e cognitivos com grandes reflexos na vida cotidiana dos que tinham participado diretamente na guerra.

Desta guerra emerge um movimento contracultural nos EUA que se repercute pela Europa Ocidental, países capitalistas mais desenvolvidos, inclusive na França, com incidências manifestas no Maio de 1968 em França. A contracultura da década de 1960 nos EUA resulta de um fenômeno cultural rebelde e subversivo, contrário aos costumes, valores e moral que orientavam a vida normativa dos indivíduos em múltiplos patamares de seu quotidiano. Os movimentos sociais contra a Guerra do Vietnã, a defesa de relações interpessoais balizadas pela liberdade entre homem e mulher, com especial incidência para a libertação desta no que concerne à prática do amor livre, a divisão social do trabalho, ambiente, valores morais, artísticos e estéticos tiveram a sua expressão máxima na década de 1960, num primeiro momento, nos Estados Unidos e no Reino Unido, espalhando-se depois pelo resto do mundo ocidental desenvolvido desde

a década de 1960 e meados dos anos 1970. Em abono da verdade sublinhe-se a importância dos movimentos cívicos dos afro-americanos nos EUA como pressuposto emancipalista universal relativamente aos povos e raças colonizados e escravizadas. O movimento social contracultural para além da mudança gerada na vida cotidiana em vários aspectos da liberdade e da criatividade relativamente à arte e estética do corpo, da paz, do amor e da amizade, traduziu-se num dispositivo motivacional modelar para participar num processo revolucionário em escala universal contra o capitalismo e o Estado.

Entre os vários modelos ideológicos defendidos pela militância dos estudantes que arrastaram o movimento social dos estudantes para uma relativa radicalização das lutas nas barricadas e na distribuição de propaganda revolucionária, encontram-se em primeiro lugar os maoístas, depois os trotskistas e, por último, os castristas e guevaristas.

De qualquer modo, a influência estruturante do maoísmo resultava muito da familiaridade e impacto que a revolução cultural chinesa exercia sobre o imaginário coletivo dos estudantes e da auréola da liderança exercida por Mao Tsé-Tung em todo esse processo. Em síntese, quer um elemento quer outro tinham o condão e o significado de personificarem o melhor método para a consecução da revolução comunista no planeta Terra. Por outro lado, para além do seu conteúdo, genuinamente revolucionário, estava isenta de espúrios contrarrevolucionários ou qualquer contradição reformista, como ocorria com a URSS. Para os devidos efeitos, a revolução cultural chinesa de 1966, sob a batuta do grande timoneiro Mao Tsé-Tung, é bastante elucidativa na destituição de todos os

contrarrevolucionários, eliminação e educação dos grupos sociais privilegiados, como foram os casos dos intelectuais, estudantes e funcionários contrarrevolucionários do PCC.

A revolução cultural na China, não obstante os seus dilemas de milhões de mortes e prisões, durou o tempo suficiente para que o Comitê Central do PCC (Partido Comunista Chinês) fosse objeto de grandes mudanças favoráveis à hegemonia do poder por parte de Mao Tsé-Tung e para que fosse, simultaneamente, criada uma estrutura militar e policial com poderes absolutos na sociedade chinesa. Em articulação estreita com essa estrutura militar e policial, foi editado *O Livro Vermelho*, que funcionava como uma autentica bíblia. A revolução cultural transformou-se, desse modo, numa religião, numa ideologia, numa estrutura militar e policial despótica, pronta a praticar o terror e a morte quando fosse útil. As atrocidades e os atropelos contra a dignidade humana levavam a que os Guardas Vermelhos prendessem, assassinassem, constrangessem nos planos psíquicos e físicos e, por essa via, obrigassem a confessarem o seu ódio e predisposição na luta contra os valores e ideologia da burguesia e do capitalismo.

Claro que esta opção ideológica maoísta revelou-se uma tremenda frustração histórica para aqueles que a tentaram aplicar na China entre 1966 e 1968. Não obstante, isso não impediu que durante a Revolução Cultural na China, segundo certas estimativas, fossem contabilizados cerca de 30 milhões de mortos. Este espírito de crítica radical que poder-se-ia exercer sobre esta tragédia humana na China, na altura era quase impossível exercê-la, com a exceção de certos meios anarquistas, marxistas radicais e sociais-democratas atentos às vicissitudes emancipalistas

dos processos revolucionários. No caso específico da grande maioria dos movimentos estudantis, quase sem exceção, importavam o modelo comunista chinês ou o modelo soviético da URSS. A importação destes modelos era feita de uma forma cega e religiosa, razão pela qual os estudantes franceses fossem mais propensos a copiar e a aderir ao modelo maoísta, porque mais potencialmente revolucionário e mais efetivo na luta contra a burguesia e o capitalismo.

Se contextualizarmos a natureza do capitalismo e do Estado em França no final da década de 1960, não teremos dificuldade em encontrar algumas similitudes com os Estados e capitalismos mais desenvolvidos na Europa Ocidental, como são os casos nos EUA, Japão, Canadá, Austrália, etc. Em todos eles subsiste o mesmo denominador comum: atingiram taxas de crescimento econômico e de Produto Interno Bruto bastante razoáveis, realidades geradoras do quase pleno emprego. Acresce a estes índices de evolução econômica, altas taxas de lucro do capital e uma distribuição de riqueza social propiciadora de uma relativa paz social. Por último, na estrita medida em que um tipo de capitalismo tinha respondido positivamente a uma grande parte das reivindicações históricas que o proletariado lhe tinha exigido, os pressupostos contraditórios, antagônicos e conflituais que estiveram na origem da erupção da revolução na URSS, em 1917, na China, em 1949, em Cuba, em 1959, revelavam-se obsoletos, razão pela qual a luta por esses modelos sociais e ideológicos não tenham mais validade heurística.

Toda esta realidade só começa a ser estruturada a partir do final da Segunda Guerra Mundial. O investimento

em máquinas-ferramentas, siderurgias, indústrias de automóvel, química, eletrônica; indústria espacial, petróleo, carvão, ferro, aço, cimento, vidro, etc., potenciam a expansão do capitalismo para patamares de crescimento e de desenvolvimento inauditos. Evidentemente que este é um processo histórico paulatino inserido nos “trinta gloriosos do capitalismo” (1945-1975), cujas características encerram um período hegemônico estruturante da economia real em relação a qualquer outro tipo de economia.

No caso específico das contingências dos “trinta gloriosos anos do capitalismo” verifica-se que as condições econômicas, assim como as relações de trabalho no seio das grandes empresas, primavam por salários baixos e altas cadências de esforço físico nas cadeias de montagem; verificava-se que a idade para atingir a aposentadoria era alta e o montante monetário mensal das mesmas eram bastante baixas. Diga-se, por outro lado, que as condições socioeconômicas dos imigrantes eram bastante desfavoráveis, não somente no que respeite ao nível dos salários como também às condições de trabalho.

Quando nos referimos ao Estado francês como uma das causas geradoras do Maio de 1968 em França, estamos sobretudo a cingir-nos a tudo aquilo que tem que ver com a tipologia de funcionamento das instituições burocráticas do Estado: referimo-nos, bem entendido, a tudo o que diz respeito à política, à justiça, à educação, à saúde, à segurança social, à economia e à cultura. É notório que a cultura e a educação são os espaços-tempos causais que influenciam sobremaneira a atitude dos estudantes no início do Maio de 1968, quer na erupção da liberdade e da prática de amor livre nas universidades, quer ainda na contestação da política de educação dos reitores nas

universidades francesas. Diga-se, em abono da verdade, que a ideologia política que os líderes estudantis fomentaram não estava nada identificada com a grande maioria dos esquerdistas (maoístas, trotskistas, guevaristas, castristas, etc.) e comunistas (PCF).

maio de 1968 em França e a emergência do anarquismo

Se bem que possamos equacionar o conteúdo e as formas iniciais do Maio de 1968 em França com base no movimento social de 22 de Março de 1968 que emergiu na Universidade de Nanterre-Paris X, não é menos verdade que os alicerces e os contornos de várias causalidade internas e externas já tinham sido, em parte, estruturados no seio estudantil da sociedade francesa. No campo estritamente ideológico, político e educacional há que se referir a um texto revolucionário emblemático publicado por um grupo de estudantes da Internacional Situacionista na Faculdade de Strasbourg, em 1966. De fato, a leitura do manifesto denominado *A Miséria no Meio Estudantil* depressa se transformou num meio de crítica e de subversão não só da condição-função estudantil, mas também do capitalismo e do Estado francês.

Em consonância estreita com esta crítica subversiva, ideológica, política e educacional fomentada no meio estudantil francês, na Universidade de Nanterre-Paris X, o movimento social de 22 de Março emerge e age, coletivamente, pela primeira vez, em 22 de março de 1968, conjugando a sua luta subversiva na defesa da libertação de um estudante que havia sido preso pela polícia ao manifestar-se contra a Guerra do Vietnã. Para esse efeito,

cerca de 700 estudantes convocam uma Assembleia Geral para debater e decidir sobre os assuntos que eram objeto de litígio. Simbólica e concretamente pode-se afirmar que o movimento social de 22 de Março de 1968 inicia-se com esta assembleia, porque, quer no seu conteúdo, quer na sua forma, a espontaneidade e a informalidade, assim como a auto-organização e a democracia direta, presidem e determinam a sua ação coletiva contra a burocracia das universidades e a repressão policial. A luta contra o Estado e o capitalismo, por outro lado, passou a estar na ordem do dia, sem que para o efeito fossem necessários chefes, partidos, sindicatos ou burocratas de quaisquer espécie.

Os 140 a 150 estudantes que iniciaram o movimento social 22 de Março de 1968, não obstante existirem maoístas e trotskistas, podemos-lo afirmar que na sua grande maioria eram libertários ou, por qualquer motivo, não tinham partido ou ideologia, mas identificavam-se com uma ideologia libertária difusa. De qualquer modo, importa sobremaneira destacar o impacto estruturante das ideias e práticas libertárias ancoradas na ação individual e na ação coletiva revolucionária, nomeadamente, na ocupação das fábricas e das universidades, na construção e na luta das barricadas e na sustentabilidade da greve geral.

Dando continuidade ao processo revolucionário em curso, ao final da Assembleia Geral de 22 de março de 1968, foi decidido tomar os locais físicos estratégicos do poder universitário pela sua funcionalidade e pelo seu simbolismo institucional, dando azo, depois, à elaboração de uma moção assente num caderno reivindicativo, com especial relevo para a luta contra o imperialismo, a repressão policial, a crítica da universidade e do capitalismo, alertando também para as consequências negativas do aumento da

repressão policial. Esta moção foi votada, favoravelmente, por 142 estudantes. Entretanto o diferendo entre estudantes e o poder da Universidade de Nanterre-Paris X é desbloqueado, não sem que o movimento social de 22 de Março de 1968 tenha continuado no sentido da crítica e da agitação permanente em prol da liberdade sexual e de relação social baseada na liberdade e na igualdade entre homens e mulheres.

Na criação e dinamização do movimento 22 de Março, Daniel Cohn-Bendit, Renè Riesel e Jean-Pierre-Deuteuil foram pioneiros, sendo que os princípios e práticas que defendiam estavam em sintonia com a defesa do modelo libertário e do modelo situacionista. Por razões midiáticas, Cohn-Bendit destacava-se de todos os restantes, daí que no dia 27 de abril de 1968 fosse interpelado pela polícia e, no dia 30 de abril de 1968, tornava-se objeto de um mandato judicial. Receava-se que fosse transferido para outra universidade ou fosse expulso da França. Esta foi a razão plausível que levou à realização de uma greve na Universidade de Nanterre-Paris X, com o patrocínio de anarquistas, situacionistas, juventude comunista revolucionária e outros grupos esquerdistas.

Entretanto, a agitação revolucionária era dinamizada pelo movimento 22 de Março, sendo que no dia 2 de maio de 1968 foi realizada mais uma “jornada anti-imperialista” na Universidade de Nanterre-Paris X. Nesse mesmo dia, os estudantes reclamaram locais para exibirem os seus filmes e para debaterem assuntos do seu interesse. Esta exigência impossibilitou um professor de dar o seu curso, razão suficiente para que o Ministro do Interior, Alain Peyrefitte, tenha suspenso todos os cursos na Universidade de Paris X-Nanterre.

Em função desta suspensão dos cursos, o movimento social de 22 de Março, em 3 de maio de 1968, exterioriza-se e sai dos limites da Universidade de Nanterre-Paris X, e reconfigura-se, simbólica e praticamente, como movimento social estudantil no espaço-tempo da Universidade de Sorbonne-Paris I. Esta, por sua vez, foi ocupada na sua plenitude física, funcional e institucional. Face a esta situação subversiva e caótica, o reitor da academia de Paris aciona os mecanismos para permitir a intervenção da polícia de modo a expulsar os estudantes que tinham ocupado a Sorbonne. Entretanto, passado algum tempo, pelas 17 horas dá-se a intervenção da polícia, sendo cerca de 300 estudantes aprisionados e levados para as masmorras dos carros dos polícias.

Perante esta situação generalizou-se uma atmosfera de revolta e de mal-estar junto de milhares de estudantes que entretanto tinham ocorrido ao Bairro Latino (Quartier Latin) em solidariedade para com as reivindicações do movimento social 22 de Março. Como consequência, emergem as primeiras escaramuças e afrontamentos entre a polícia e estudantes; ao mesmo tempo em que se inicia a construção de barricadas da luta contra a polícia já não só protagonizadas por libertários e situacionistas, mas também por esquerdistas de diferentes ideologias, jovens proletários marginalizados e desempregados, assim como jovens desclassificados socialmente pela sociedade vigente.

O cenário da construção das barricadas, assim como da luta que seguiu na noite de 3 de Maio de 1968 no Bairro Latino, com pedras, espingardas, bastões e gás lacrimogêneo, foi extremamente violento. O resultado desta experiência da luta entre estudantes e as forças da ordem foi extremamente negativo, já que automóveis,

vitruines de estabelecimentos comerciais e o patrimônio público foram bastante danificados, para não esquecer as estimativas que, no cômputo geral, cifraram em 481 os feridos, entre as forças da ordem e estudantes, e, ainda, 574 presos entre estes últimos. A relação entre estudantes e as forças da ordem foi progressivamente baseada em mecanismos violentos, razão pela qual se tenha permitido radicalizar a luta dos estudantes para patamares organizacionais, ideológicos e políticos contra a polícia, o Estado e o capitalismo de modo inaudito. Para os estudantes, tratava-se de extinguir cursos e matérias que serviam para a sua formação superior, mas que estavam em sintonia com os desígnios superiores da ciência capitalista e tinha, em última análise, como função exclusiva dinamizar a exploração da classe operária e do campesinato. Por outro lado, só a democracia direta com base em relações sociais informais, espontâneas e horizontais deveria orientar os processos de liderança e de decisão em qualquer organização de natureza libertária. No fundo, para os progenitores do movimento social de 22 de Março, não existe qualquer tipo de modelo de sociedade, partido ou sindicato prévio que orienta ou preside os destinos do movimento estudantil no seu todo.

Perante este cenário belicoso de consequências gravosas para a ordem social estabelecida, Daniel Cohn-Bendit, René Riesel e Jean-Pierre Duteuil são convocados no dia 6 de Maio de 1968 para comparecerem perante a Comissão dos Assuntos Contenciosos e Disciplinares da Universidade de Sorbonne-Paris I.

Esta radicalização do movimento estudantil em Paris teve dois horizontes temporais distintos. Primeiro, um de características mais radicais foi assumido, prioritariamente,

até 13 de maio de 1968 pelos estudantes de cariz libertário. Um outro momento importante surge com a eclosão da greve geral nas fábricas, campos e oficinas, entre 13 e 27 de maio de 1968, e a presença estruturante do movimento social operário equaciona a dimensão do Maio de 1968 em França não como um problema especificamente estudantil de Paris, mas também da classe operária e do campesinato, dos sindicatos e dos partidos a elas ligados. Por outro lado, não se pode escamotear o âmbito territorial do Maio de 1968 em França no que concerne às reivindicações e à solidariedade dos objetivos revolucionários vivificados depois de 3 de maio de 1968 em Paris, Nantes, Angers, Lyon, Chambéry, Rennes, Strasburg, Montpellier, Lille, Saint-Etienne, Aix-en-Provence, Clermont-Ferrand, Toulouse, Bordeaux, Marseille, etc. Sobretudo até 13 de maio de 1968 denota-se que não existe qualquer tipo de modelo de sociedade, partido ou sindicato a presidir os destinos do movimento social de 22 de Março ou do movimento estudantil no seu todo.

Com a início da greve geral em 13 de maio de 1968 envolvendo 10 milhões de trabalhadores assalariados em todo o território francês, as interdependências e as complementaridades entre os pressupostos reformistas das reivindicações das massas trabalhadoras e dos respectivos sindicatos passam a estar na ordem do dia em detrimento dos pressupostos libertários da revolução social. Os acordos de Grenelle, assinados em 27 de maio de 1968, envolvendo as cinco centrais sindicais (CGT, CFDT, FO, CFTC, FEN), as associações patronais (CNPFF, PME)¹ e o governo francês da época atomizou qualquer veleidade revolucionária que aspirasse à supressão do capitalismo e do Estado. Desde que se notou uma certa pacificação das

relações entre as massas trabalhadoras, o Estado e o capital, a normalização da vida cotidiana tornou-se um fato nas empresas, nas instituições e organizações do Estado, ao ponto das greves perderem o seu impacto e se tornarem irrelevantes, ao mesmo tempo em que as manifestações dos estudantes foram perdendo, paulatinamente, sua força estruturante, conteúdo reivindicativo e simbolismo revolucionário nos primeiros dias de junho de 1968.

Esta vitória do poder instituído sobre a genuinidade do movimento social libertário que teve o seu início no dia 22 de março de 1968, generalizando-se, posteriormente, no movimento estudantil e no movimento operário francês, no entanto, foi ainda necessária para que no dia 31 de maio de 1968 os carros de combate se reagrupassem no campo de Frileuse e reocupassem os emissores da ORTF que estavam nas mãos dos revolucionários. Por outro lado, a derrota de Maio de 1968 em França no decorrer do mês de junho de 1968 foi corroborada pela utilização de processos violentos e dissuasivos policiais, nomeadamente, para desmobilizar os comitês de greve nas fábricas de Renault-Flins, em 7 e 10 de junho de 1968, em Peugeot-Montbéliard-Sochaux, em 11 de junho de 1968. No mesmo sentido, nos dias 11 e 12 de junho de 1968, no Bairro Latino, são construídas novas barricadas com o intuito de fomentar a luta contra a polícia, sendo que, desta vez, essas barricadas são construídas e dinamizadas no seu epílogo final por grupos esquerdistas.

Podemos, explicitamente, detectar os nexos de causalidade entre o que denominamos por anarquia no sentido genérico do termo, sem a interpretarmos ou vivenciarmos como um hipotético modelo, e a natureza do Maio de 1968 em França — pelo que acabo de analisar

em relação ao seu conteúdo ideológico, pragmático e simbólico singularizado no movimento social de 22 de Março, pelas características de ação individual e coletiva que estiveram na origem da ocupação dos espaços físicos e contestação do poder estatal circunscrito na Universidade de Nanterre-Paris X e Universidade de Sorbonne-Paris I, por tudo ainda que decorre da natureza auto-organizacional e autogestionária imbuída pela democracia direta, na consecução dos objetivos induzidos pelo movimento 22 de Março; por último, não podemos escamotear os dilemas históricos que estiveram na sua essência e criação no sentido da extinção do Estado e do capitalismo, na generalização da prática do amor livre e igualdade entre homem e mulher na vida cotidiana e no mundo do trabalho. Todos estes objetivos e pressupostos eram e só podem ser analisados num campo epistemológico polissêmico muito vasto e profundo, olhando para a sua plausibilidade e valor heurístico, interdependência e complementaridade com o étimo anarquia, nunca podendo analisar esta como um hipotético modelo econômico, social, político ou cultural.

No sentido amplo do termo e meramente num exercício metafórico, simbólico, ideológico e utópico, podemos extrair o que entendo por resquícios probabilísticos da anarquia como identidade, intencionalidade, motivação, emoção reportada a pulsões de vida circunscrita a tipologias de ação individual e coletiva traduzidas na criação de um conjunto de cartazes, cujas palavras de ordem se tornaram emblemáticas aquando da ocorrência do Maio de 1968 em França:

Anarquia e maio de 1968 na França

- CORRE CAMARADA CORRE, O VELHO MUNDO ESTÁ ATRÁS DE TI
- SEJA REALISTA, EXIJA O IMPOSSÍVEL
- AS LIBERDADES NÃO SE DÃO, ELAS SE TOMAM
- TOMAI OS VOSSOS DESEJOS POR REALIDADES
- É PROIBIDO PROIBIR
- AS MOÇÕES MATAM A EMOÇÃO
- O PATRÃO TEM NECESSIDADE DE TI, TU NÃO TENS NECESSIDADE DELE
- O SONHO É REALIDADE
- A BARRICADA FECHA A RUA, MAS ABRE O CAMINHO
- CADA UM É LIVRE DE SER LIVRE
- NÃO MUDEMOS DE EMPREGADORES, MUDEMOS O EMPREGO DA VIDA
- A BELEZA ESTÁ NA RUA
- SE TENS NECESSIDADE DE RECORRER À FORÇA, NÃO FIQUES NO MEIO
- TRABALHADOR, TU TENS 25 ANOS, MAS O TEU SINDICATO É DE OUTRO SÉCULO
- A IMAGINAÇÃO AO PODER!
- O TÉDIO É CONTRA-REVOLUCIONÁRIO
- EXAGERAR É COMEÇAR A EXISTIR

- MESMO SE DEUS EXISTISSE ERA NECESSÁRIO SUPRIMI-LO

- NÓS SOMOS TODOS JUDEUS ALEMÃES

- A LIBERDADE É O CRIME QUE CONTÉM TODOS OS CRIMES. ELA É A NOSSA ARMA

- NÃO É MAIS QUE O COMEÇO, CONTINUEMOS O COMBATE

- FAZEI AMOR, NÃO A GUERRA

- DESLIGUEMOS A TELEVISÃO, ABRAMOS OS OLHOS

- NÓS NÃO QUEREMOS UM MUNDO ONDE A CERTEZA DE NÃO MORRER DE FOME É TROCADA PELO O RISCO DE MORRER DE TÉDIO

- TODO O PROFESSOR É ESTUDANTE. TODO O ESTUDANTE É PROFESSOR

- UMA SOCIEDADE QUE ABOLE TODA AVENTURA, FAZ DA ABOLIÇÃO DESTA SOCIEDADE A ÚNICA AVENTURA POSSÍVEL

prolongamentos do maio de 1968 francês nas sociedades contemporâneas

As primeiras manifestações históricas que resultam do epílogo de Maio de 1968 em França, quase sempre, primaram pela descrença e negação dos pressupostos utópicos e revolucionários que indiciava. A plausibilidade da grande maioria dessas análises foi e é quase sempre sujeita a um modelo e um crivo restritivo de ideologias normativas da

democracia representativa, onde não cabem reivindicações ou mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais se não tiveram o selo da institucionalização e da normalização do Estado e do capitalismo. Com estes, em termos ideológicos, tanto faz que a hegemonia e a liderança da governação sejam realizadas por comunistas, fascistas, socialistas, social-democratas ou democratas-cristãos.

Todos estes, sem exceção, regozijaram-se com o fracasso da utopia que os estudantes, operários, desempregados, marginais e desclassificados socialmente tentaram, durante cerca de 30 dias, construir em termos de criatividade e liberdade relacional que há muito não se via na história da humanidade.

Todavia, não se pode afirmar que o substrato básico da utopia originado pelo Maio de 1968 em França seja mais frustração histórica, no que concerne à efetividade das mudanças revolucionárias. Não subsistem dúvidas de que em termos estéticos, da moral e dos costumes, as mudanças foram irreversíveis, nomeadamente nos aspectos reportados às relações entre homens e mulheres, à libertação sexual, às relações entre pais e filhos, às melhorias das condições de trabalho e regalias salariais, à contestação e às mudanças radicais nos conteúdos da estrutura curricular e pedagogia do sistema educacional francês.

Não obstante, não poderemos descurar da multiplicidade de fenômenos econômicos, sociais, políticos e culturais que formaram o movimento social de Maio de 1968 em França. Em termos das suas causas e efeitos nucleares, podemos resumir a originalidade e a centralidade utópica e revolucionária do Maio de 1968 em França com base na criação do

Centro Universitário Experimental de Vincennes, no outono de 1968. Foi uma decisão genial de Edgar Faure, Ministro da Educação Nacional do governo chefiado na altura por Maurice Couve de Murville que, por outro lado, tinha Georges Pompidou recém-eleito Presidente da República. Diga-se em abono da verdade que estas decisões políticas e outras de âmbito econômico, social e político estiveram na base da demissão do general Charles de Gaulle, presidente da República, entre 1959-1969, após referendo em que viu as suas opções políticas preteridas.

Num contexto bastante convulsivo e conflitual, a decisão do governo francês ao criar o Centro Universitário Experimental de Vincennes foi uma decisão genial porque concentrou num local bem específico as energias contestatárias e revolucionárias dos estudantes que pretendiam abolir o capitalismo e o Estado. Não era só a concentração, a visibilidade e controle à distância da energia física dos estudantes e dos professores que poderiam emergir para manifestações e criação de barricadas contra a polícia. Por outro lado, subsistia uma adesão massiva por parte de estudantes e sobretudo de professores que estavam ansiosos por refletir e analisar variadíssimas temáticas que fossem passíveis de estruturar a emancipação social do proletariado que tinha aderido massivamente a esta experiência universitária criada por Edgar Faure, mas sobretudo o dispêndio de energia mental e psíquica em análises e reflexões

Os governos tutelados por Georges Pompidou e Maurice Couve de Murville, ao permitirem deslocar e centralizar a luta dos estudantes do Maio de 1968 para a aprendizagem universitária de Vincennes, transformaram esta experiência num laboratório revolucionário experimental de utopias educacionais e pedagógicas. A

consecução prática destes objetivos foi corroborada por uma inscrição massiva de estudantes que tinham participado no Maio de 1968, assim como foi permitido o acesso direto de trabalhadores que tinham mais de 25 anos e não possuíam o ensino secundário completo. Para dar maior credibilidade científica e idoneidade moral e ética ao projeto, professores de reconhecida competência e credibilidade integraram-no desde o seu início. Entre vários, destaque-se: François Châtelet, Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard, Michwel Deguy, Michel Foucault, Maurice Gross, Georges Lapassade, Hélène Cixous, Michel Beaud, Alain Badiou, René Schérer, Michel Serres, Robert Castel, André Miquel, Yves Lacoste, Jean Bouvier, Jean Claude Chevalley, Nicolas Ruwet, Henri Weber, Denis Guedj, Madeleine Rebérioux, Giorgio Agamben, Jacques Lacan, etc.

Eu próprio participei como trabalhador-estudante nesta experiência histórica a partir de outubro de 1970, num contexto em que a maturidade do Centro Universitário Experimental de Vincennes já tinha sido ultrapassada pela criação da Universidade de Vincennes-Paris VIII, nesse mesmo ano. Todas áreas científicas, sem exceção, com predominância para as ciências sociais e humanas, primavam pela crítica radical do capitalismo com base no paradigma marxista e, por outro lado, como a consecução da emancipação social do proletariado estava na ordem do dia, a revolução passava, inevitavelmente, pela construção do socialismo mundial.

A experiência da Universidade de Vincennes-Paris VIII como consequência direta do Maio de 1968 em França, se teve um conteúdo revolucionário efetivo, foi, sem dúvida, na natureza dos aspectos pedagógicos desenvolvidos nas salas de aulas, nas relações entre professores, alunos e funcionários.

As relações hierárquicas baseadas na autoridade formal foram quase sempre abolidas, a transmissão de conhecimentos deu lugar a uma aprendizagem generalizada entre ambos e, ao mesmo tempo, a democracia direta e a autogestão eram atributos dos professores e estudantes. Os exames e testes foram abolidos, sendo que a avaliação de cada disciplina era outorgada pela presença física e discussão de textos. A prática pedagógica da Universidade de Vincennes-Paris VIII em algumas áreas científicas era de tal modo radical que, na disciplina de Sexologia, as aulas teóricas eram, por vezes, conjugadas com experiências sexológicas entre estudantes.

Outro elemento do Maio de 1968 em França prende-se com o movimento social operário que varreu os países capitalistas desenvolvidos no final da década de 1960. Desde as greves selvagens, passando pela greve geral em Maio de 1968 na França, envolvendo quase 10 milhões de operários, fato que os operários mais desqualificados e emigrantes ultrapassaram a lógica reivindicativa normativa dos sindicatos e dos partidos políticos, pondo em causa todo o funcionamento da produção de riqueza social. As condições de trabalho, os salários mínimos paupérrimos, assim como a natureza do montante das reformas, estiveram na base da contestação social gerada pela greve geral que perdurou de 13 a 27 de maio de 1968, aquando da realização dos acordos de Grenelle assinados entre as centrais sindicais (CGT, CFDT, FO, FEN, CGC; CFCT), o patronato (CNPf, PME) e o governo liderado por Georges Pompidou.

Não obstante a greve geral de Maio de 1968 atenuar-se, drasticamente, a partir do mês de junho de 1968, ficou para a história uma melhoria substancial de 35% no SMIG (Salário Mínimo Interprofissional Garantido), assim

como um aumento de 10% no salário real médio de outras profissões, diminuição do horário semanal de trabalho e aumento mensal do montante das reformas. Por outro lado, foram criadas seções sindicais de empresas com um número mínimo de trabalhadores. Se existe alguma lição a extrair da greve geral dos trabalhadores assalariados de Maio de 1968 em França, algo de substancial nos induz a perceber como estes, saturados pela rigidez burocrática reformista dos sindicatos, procuraram emancipar-se das amarras históricas que mantinham com o patronato e o Estado. A greve geral de carácter selvagem e espontâneo, pela sua auto-organização e reivindicações radicais, teve o condão de obrigar os sindicatos, o patronato e o Estado a mudarem a sua atitude em relação ao mundo do trabalho, nomeadamente, no que concerne ao mundo das relações, dos salários, das reformas e das condições laborais.

Se bem que os prolongamentos do Maio de 1968 em França se tenham repercutido internamente no espectro político e ideológico, não é menos verdade que essa repercussão não foi linear nem tampouco pacífica. Desde logo podemos visualizar a importância da tendência libertária e situacionista, que se posicionou como uma crítica sistemática do Estado e do capitalismo e ainda perdura até hoje², e uma outra que acompanhou as vicissitudes ideológicas do maoísmo, trotskismo, castrismo e guevarismo, etc., mas que tem diminuído, progressivamente, de importância, embora ainda persista. A resultante libertária e situacionista ainda mantém uma posição crítica estruturante importante no que concerne à criação de hipóteses de um movimento social revolucionário e utópico, nada mais de que isso. Na atualidade não se vislumbra que, objetivamente, irrompa

um movimento social estudantil ou operário de carácter espontâneo e informal, baseado na democracia direta, com intuito explícito de derrubar o Estado e o capitalismo.

Se generalizarmos bem o impacto do Maio de 1968 pelos outros países, depressa chegamos à conclusão da sua enorme importância ideológica, cultural e política. Vários fatos podem e devem integrar essa noção de causalidades e efeitos. Em primeiro lugar, todos os aspectos educacionais envolvendo o conteúdo das matérias e pedagogias ministradas nas universidades, assim como todas as relações entre alunas e alunos. Em segundo lugar, a estrutura burocrática dos partidos e sindicatos e o modelo ideológico e político a eles associados. Em terceiro lugar, o questionamento sobre qual modelo de sociedade está ou estaria mais ajustado aos desígnios de emancipação social do proletariado.

Pelas leituras críticas e analíticas do Maio de 1968 em França noutros países, naqueles em que a sua incidência se revelou mais contundente, o mundo da agitação e mudança estudantil nas universidades francesas, com especial relevância na Universidade de Nanterre-Paris X, Universidade de Sorbonne-Paris I e, por último, na experiência de Vincennes, extrai-se, em síntese, um denominador comum: 1) a passagem da transmissão de conhecimentos para a aprendizagem de conhecimentos; 2) a estruturação de conteúdos curriculares balizados pela crítica radical do capitalismo e do Estado e a sua subordinação aos imperativos da emancipação social do proletariado e do campesinato; 3) relações sociais balizadas pela liberdade entre homem e mulher em todos os domínios da vida cotidiana na universidade.

Outro ensinamento não menos importante, com repercussões manifestas nos países da Europa Ocidental, mas também nos EUA, Canadá, Japão e Austrália, cinge-se à tipologia de relacionamento que as massas trabalhadoras mantinham com os respectivos partidos e sindicatos a que pertenciam. Como não existia um sindicalismo puro fora da influência dos partidos políticos, na grande maioria dos casos os sindicatos não eram mais do que correias de transmissão dos partidos políticos, como era aliás o caso dos partidos comunistas que tinham aderido às 21 condições da Internacional Comunista em 1921, em Moscou. Fosse por questões de obediência ideológica, ou por realismo reformista nas reivindicações que eram feitas ao patronato e ao Estado, a situação econômica e social das massas trabalhadoras não era objeto de melhorias substanciais. Por outro lado, os partidos políticos de ideologia comunista, desde a instauração histórica do modelo soviético em 1917 na URSS e a revolução do PCC na China em 1949, entraram num clima internacional de guerra fria ou de coexistência pacífica, razão pela qual abrandaram o ritmo pela criação de situações revolucionárias conducentes à instauração do modelo de sociedade comunista. É com base na luta espontânea e informal contra estes atavismos burocráticos, a incapacidade de decisão e de liderança dos partidos e sindicatos, que emergem as soluções dos movimentos sociais dos estudantes e dos trabalhadores, razão pela qual outros países tenham tentado ao longo dos anos copiar o processo revolucionário de Maio de 1968 em França.

Em qualquer circunstância analítica, não podemos escamotear o modelo de sociedade nuclear que esteve sempre subjacente à multiplicidade de fenômenos que corporizou o Maio de 1968 em França. Evidentemente,

se nos reportamos a este exemplo histórico, o seu prolongamento noutros países sempre foi pautado pela criação de condições e subjetivas de um tipo de sociedade socialista libertária sem capitalismo, sem patrões e sem Estado. Por se basear num tipo de socialismo anti-Estado e antipatronato, é bem evidente que os conflitos e as contradições não se resumem a estes modelos de sociedade, mas também são contrários e antagónicos dos modelos de sociedade comunistas ou socialistas existentes em China, Cuba, Vietnã, Síria, etc. Os antagonismos, contradições e conflitos também são manifestos em relação às estruturas e instituições que corporizam esses modelos de sociedade, com especial relevância para os partidos e sindicatos. O significado do Maio de 1968 em França é bastante relevante neste aspecto porque, em última instância, a razão de ser do mesmo decorreu da luta que travou contra essas estruturas.

Entre os exemplos revolucionários mais consistentes que exprimem uma continuidade histórica do Maio de 1968 em França, devemos focar as greves selvagens na Europa Ocidental (Itália, Bélgica, Polónia, EUA e Alemanha, etc.), no final da década de 1960 e princípios da década de 1970. Como modelo de sociedade socialista libertária presente em princípios organizacionais autogestionários em determinados contextos da revolução portuguesa em 1974-1975 persistem indícios genuínos do Maio de 1968 em França. Importa também realçar que a agitação política e ideológica fomentada pelos grupos esquerdistas, nomeadamente, maoístas e trotskistas, foram buscar muitos dos seus ensinamentos ao usufruto da aprendizagem do modelo revolucionário de Maio de 1968.

síntese conclusiva

Após a análise muita sumária que acabei de realizar em relação ao Maio de 1968 em França, decorridos que foram 50 anos da sua historicidade, é possível extrair quatro lições fundamentais da sua ligação/identidade com os princípios básicos da anarquia.

Essa identidade denota-se, desde logo, com o processo de criação espontânea e informal dos movimentos sociais dos estudantes e da greve geral dos operários. Quer num caso, quer noutro, o pressuposto básico da sua erupção prescindiu de qualquer decisão ou liderança de âmbito partidário e sindical, remetendo as funções clássicas destes para uma situação de subalternização contrarrevolucionária e de condicionalismo burocrático. Seja qual for a perspectiva em que nos possamos debruçar, verifica-se quão antiquados e contraditórios eram os pressupostos da ação coletiva dos sindicatos e dos partidos que aspiravam evoluir no sentido da revolução socialista e da emancipação social almejada pelo proletariado.

Uma outra familiaridade entre o Maio de 1968 em França e a anarquia é bastante visível na auto-organização e na autogestão do espaço-tempo inscrito nos princípios e práticas da ação direta que já tinham sido testadas pelos anarquistas na Comuna de Paris de 1871, na Revolução Russa de 1917, no período do comunismo de guerra, entre 1917 e 1921, sobretudo com a formação de soviets nas fábricas, o movimento Makhnovista, a insurreição de Kronstadt e a coletivizações nos campos e nas fábricas dinamizadas pela revolução social na Espanha em 1936-1939. Mais do que vivificar estas experiências históricas do passado, o Maio de 1968 atualizou-as e reconfigurou-as no sentido para que tinham sido predestinadas.

Como terceira dimensão desta síntese conclusiva importa, sobremaneira, destacar os aspectos culturais que o Maio de 1968 comporta no que diz respeito a vida cotidiana dos indivíduos, nomeadamente, em tudo o que se reporta aos valores, à estética, à moral, aos costumes, à atividade artística, envolvendo relações de liberdade e criatividade entre homem e mulher, relações sexuais e relações entre a espécie humana e as demais espécies animais e vegetais. Persiste nestes domínios o que de mais radical foi realizado pelo Maio de 1968 e, também, o que de mais profundo foi conseguido no sentido da consecução prática da anarquia, no que concerne à liberdade e à criatividade da vida humana em termos da sua psiquê, da sua mente e do seu corpo.

Finalmente, como última dimensão da identidade e das relações entre o Maio de 1968 em França e a anarquia, devemos sublinhar a crítica radical que é feita ao Estado e ao capitalismo, não esquecendo aquela que é feita também ao socialismo que perdurava como modelos sociais hegemônicos na URSS e na China. Neste sentido, a crítica à atividade improdutiva, repressiva e burocrática do Estado a partir das suas múltiplas funções, estruturas e instituições era, por outro lado, acompanhada pela crítica da escravidão salarial exercida pelo capitalismo sobre as massas trabalhadoras. Partindo desta perspectiva, não havia qualquer espaço para mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais envolvendo reformas ou processos reivindicativos para manutenção do Estado e do capitalismo. O sinal de Maio de 1968 no sentido da anarquia implica, assim, que nem o Estado, nem o capitalismo, nem o socialismo real, tal como existem, são coadunáveis com a emancipação social da espécie humana.

Notas

¹ CGT (*Confédération Générale du Travail*), CFDT (*Confédération Française Démocratique du Travail*), FO (*Force Ouvrière*), CFTC (*Confédération Française des Travailleurs Chrétiens*), FEN (*Fédération de l'Éducation nationale*), CNPF (*Conseil National du Patronat Français*), PME (*Petites et Moyennes Entreprises*), ORTF (*L'Office de Radiodiffusion-Télévision Française*).

² Claire Auzias. *Trimards – “Pègre” et mauvais garçons de Mai 68*. Lyon, Atelier de Création Libertaire, 2017.

Resumo

O artigo apresenta uma análise acerca dos movimentos estudantis e operários com os quais se iniciou o que ficou conhecido como Maio de 1968, na França, indicando as procedências de muitas de suas práticas nos princípios da anarquia. Aponta a radicalidade das críticas ao Estado e ao capitalismo tecidas naquele momento, acenando também para sua pertinência nos dias atuais.

Palavras-chave: Maio de 1968, anarquia, França.

Abstract

This article presents an analysis of students and workers movements that had started what is known as the May 1968 event in France. It indicates that many of those practices arose from the principles of anarchy; points out the radical criticisms against the State and Capitalism in that moment and its relevance today.

Keywords: May 1968, anarchy, France.

Anarchy and May 1968 events in France, José Maria Carvalho Ferreira.

Recebido em 2 de março de 2018. Confirmado para publicação em 7 de maio de 2018.

a bandeira negra do anarquismo

paul goodman

A onda de protestos estudantis nos países avançados ignora as fronteiras nacionais, as diferenças raciais, as distinções ideológicas do fascismo, do liberalismo corporativo e do comunismo. Obviamente, as autoridades dos países capitalistas afirmam que os agitadores são comunistas, e os comunistas afirmam que estes seriam revisionistas burgueses. Em minha opinião, há uma filosofia política subjacente totalmente diversa: o anarquismo.

As questões reais são localizadas e muitas vezes parecem trivialidades. Os problemas costumam ser imediatos, embora, por vezes, haja algum grupo buscando encontrar na inquieta turbulência um tema para a luta. Uma peça de teatro proibida, um professor demitido, uma publicação estudantil censurada, cursos universitários pouco afeitos à prática ou contando com instalações

Paul Goodman (1911-1972) nasceu e viveu em Nova York; escritor, ensaísta, anarquista e bissexual, foi um dos fundadores da terapia gestalt. Durante a II Guerra Mundial, começou a frequentar grupos anarquistas e a escrever para publicações ácratas. Nos anos 1960, seus ensaios e livros com forte questionamento do conservadorismo estadunidense do Pós-Guerra, iniciaram os protestos dos jovens e das minorias em geral.

inadequadas, uma administração rígida demais, restrições à mobilidade socioeconômica ou um mandarinato tecnocrático, tratamento arrogante em relação aos pobres, recrutamento de estudantes para uma guerra injusta — qualquer um destes assuntos, em qualquer parte do mundo, pode desencadear uma grande explosão, resultando em ação policial e em cabeças rachadas. A espontaneidade, a concretude das questões e as táticas da ação direta são características do anarquismo.

Historicamente, o anarquismo tem sido a política revolucionária de artesãos especializados e de agricultores que não precisam de um patrão; de operários em ocupações perigosas, tais como, mineiros e de lenhadores, que aprendem a confiar uns nos outros; e de aristocratas que economicamente podem se permitir serem idealistas. Surge quando o sistema social não é suficientemente moral, livre ou fraternal. Os estudantes são propensos a serem anarquistas, mas, decorrente da enorme expansão da escolaridade por todos os lugares, formam uma categoria nova enquanto massa e estão confusos sobre sua posição.

O anarquismo político é raramente mencionado e nunca apareceu na imprensa e na TV. No Ocidente e no Oriente, os jornalistas falam de ‘anarquia’ entendida como um tumulto caótico e um desafio fútil à autoridade; ou então, juntam “comunistas com anarquistas” e também “revisionistas burgueses e esquerdistas infantis com anarquistas”. Ao relatarem os problemas na França, precisaram distinguir comunistas e anarquistas porque os sindicatos comunistas prontamente repudiaram os estudantes anarquistas, mas nenhuma proposta dos anarquistas foi mencionada, exceto a famosa declaração de

Daniel Cohn-Bendit: “tiro um sarro de todas as bandeiras nacionais!”

(A possibilidade de uma revolução anarquista — descentralista, antipolicial, antipartidária, antiburocrática, organizada por associação voluntária e valorizando a espontaneidade popular de base — sempre foi um anátema para os comunistas marxistas e impiedosamente suprimida por eles. Marx expulsou os sindicatos anarquistas da Associação Internacional de Trabalhadores; Lênin e Trotsky massacraram os anarquistas na Ucrânia e em Kronstadt; Stalin os assassinou durante a Guerra Civil Espanhola; Castro os encarcerou em Cuba, assim como Gomulka fez na Polônia. Tampouco o anarquismo é necessariamente socialista, no sentido de defender a propriedade comum. Isso dependeria. O capitalismo corporativo, o capitalismo de Estado e o comunismo de Estado são todos inaceitáveis, porque capturam as pessoas, exploram-nas e as pressionam. O comunismo puro, significando trabalho voluntário e apropriação livre, tem a simpatia dos anarquistas. Mas a economia de Adam Smith, em sua forma pura, também é anarquista, assim foi chamada em seu tempo, e há um elo anarquista na noção agrária de Jefferson de que um homem precisa controlar sua subsistência de modo satisfatório para estar livre de uma pressão irresistível. Subjacente a todo pensamento anarquista está o anseio pela independência camponesa, pelo autogerenciamento da guilda artesanal e pela democracia das Cidades Livres medievais. Naturalmente, é uma questão de como tudo pode ser alcançado em condições técnicas e urbanas modernas. Em minha opinião, poderíamos ir muito mais longe do que pensamos

se estabelecermos como metas a decência e a liberdade em vez de grandeza ilusória e de afluência suburbana.)

Neste país, onde não há uma tradição anarquista contínua, os jovens mal conhecem sua própria tendência como um todo. Vi a bandeira negra da Anarquia em apenas uma única manifestação, quando 165 estudantes queimaram seus certificados militares¹ no *Sheep Meadow* em Nova York, em abril de 1967 — naturalmente, a imprensa notou apenas as bandeiras vietcongues pomposamente exibidas, que não tinham conexão com os que queimavam os cartões militares. Recentemente, em Columbia, foi a bandeira vermelha que balançou no telhado. Uma bandeira negra também foi levantada, mas junto com uma bandeira vermelha, na convenção nacional de Estudantes para uma Sociedade Democrática (SDS) em East Lansing, em junho de 1968. Os jovens americanos são em geral ignorantes da história política. O hiato geracional, o distanciamento de uma tradição, é tão profundo que eles não conseguem lembrar o nome correto do que eles de fato fazem.

Essa ignorância tem consequências lamentáveis para o movimento e os coloca em contradições violentas. Nos Estados Unidos, a Nova Esquerda concorda em se considerar marxista e fala em “tomar o poder” e “construir o socialismo”, embora se oponha fortemente ao poder centralizado e não tenha qualquer teoria econômica para uma sociedade e tecnologia como as nossas. É doloroso ouvir estudantes que protestam amargamente por serem tratados como cartões de I.B.M., e, no entanto, defendem o livrinho vermelho do Presidente Mao. Carl Davidson, editor do *New Left Notes*, foi longe demais ao falar de “liberdades civis burguesas”. No bloco comunista,

ao contrário de países latinos, a tradição também é eliminada. Por exemplo, na Tchecoslováquia, na Polônia e na Iugoslávia, os estudantes que querem liberdades civis e mais liberdade econômica são chamados de burgueses, embora de fato se sintam enojados com o materialismo de seus próprios regimes e aspirem à gestão operária, à reconstrução rural, à desapareção do Estado, ao próprio anarquismo que Marx prometeu como um castelo no ar.

O pior de tudo, ao não reconhecerem o que são, os estudantes não se consideram entre si como um movimento internacional, embora tenham um estilo, tática e cultura comuns. Há metas vitais, porém, que, em minha opinião, só podem ser alcançadas pela imensa força potencial da juventude atuando internacionalmente. Certamente, como tarefa prioritária, os estudantes deveriam estar agindo em conjunto para banir as bombas nucleares da França, China, Rússia e Estados Unidos; caso contrário, nem viverão suas vidas.

Os estudantes contestadores são anarquistas porque estão em uma situação histórica à qual o anarquismo é a única resposta possível. Durante toda a vida deles, as Grandes Potências estiveram no impasse da Guerra Fria armazenando armas nucleares. Vastos complexos militar-industriais se desenvolveram, a tecnologia foi explorada, a ciência e as universidades foram corrompidas. A educação se transformou em processamento, com uma duração mais longa e um ritmo mais acelerado. A engenharia social centralizada está criando o mundo previsto por Orwell em *1984*. Manipulados por metas nacionais em que não conseguem acreditar, os jovens estão alienados. Em cada continente há uma urbanização excessiva e o mundo está se dirigindo para um desastre ecológico.

Sob essas condições, os jovens rejeitam a autoridade, pois ela não é apenas imoral, mas funcionalmente incompetente, o que é imperdoável. Achrom que podem fazer melhor por si mesmos. Querem abolir as fronteiras nacionais. Não acreditam na Grande Potência. Uma vez que os jovens estão dispostos a deixar os Sistemas desmoronarem, não se encontram motivados por apelos à lei e à ordem. Achrom no poder local, no desenvolvimento da comunidade, na reconstrução rural, na organização descentralizada, assim podem ter algo a dizer. Preferem um padrão de vida mais simples. Embora seus protestos gerem violência, eles mesmos tendem à não-violência e são internacionalmente pacifistas. Mas não confiam no devido procedimento dos gestores e são rápidos em recorrer à ação direta e à desobediência civil. Tudo isso se soma ao anarquismo comunitário de Kropotkin, ao anarquismo resistente de Malatesta, ao anarquismo agitador de Bakunin, ao socialismo gremial de William Morris², à política personalista de Thoreau.

O confuso emaranhado de ideias anarquistas e autoritárias foi bem demonstrado pelas ações dos Estudantes por uma Sociedade Democrática (*Students for a Democratic Society* – SDS) na condução do protesto em Columbia³.

As duas questões originais: purgar a universidade das forças armadas e dar poder local à comunidade do Harlem, eram anarquistas em espírito — embora, é claro, pudessem ser apoiadas também por liberais e marxistas. A ação direta de ocupação não violenta dos edifícios foi classicamente anarquista.

As questões não eram estritamente autênticas, no entanto, a vertente do SDS estava, durante a primavera, realizando um plano nacional para forçar muitas escolas a atacar o Sistema, usando quaisquer pretextos convenientes. Em si, isso não era injustificável, já que certamente as grandes universidades, incluindo a Columbia, são uma parte importante de nossas operações militares, as quais deveriam ser interrompidas. Mas a formulação do SDS não era aceitável: “Como ainda não podemos conquistar toda a sociedade, vamos começar conquistando Columbia”. Duvido que a maioria dos estudantes que participaram quisesse “conquistar” qualquer coisa, e tenho certeza que teriam ficado igualmente irrequietos se fossem governados tanto pelos líderes do SDS, quanto pelo presidente e curadores da Columbia.

Quando o corpo docente ganhou vida e as exigências justificadas dos alunos começaram a ser levadas a sério — no curso normal dos eventos, como acontecera em vários outros campi, os alunos teriam ficado impunes ou suspensos por 45 minutos — de repente, o SDS revelou um propósito mais profundo: politizar os estudantes e radicalizar os professores forçando um confronto com a polícia: se a polícia precisasse ser chamada, as pessoas perceberiam o Sistema nu. Desta forma, a liderança subiu a aposta e tornou a negociação impossível. A administração não foi compreensiva o suficiente para aceitar de onde isso veio, nem paciente o suficiente para ficar de fora: chamou a polícia e houve uma bagunça.

Na hipótese de que a ruptura total é a única maneira de mudar uma sociedade totalmente corrupta, causar uma bagunça não é necessariamente injustificável. Mas o conceito de “radicalização” é uma manipulação bastante

presunçosa das pessoas em benefício próprio. É anarquismo quando as pessoas agem por princípio e aprendem da maneira mais dura que os poderes estabelecidos são brutais e injustos, mas é autoritarismo quando as pessoas são usadas em uma causa pela estratégia de alguém. (Na minha experiência, um profissional realmente se torna radical quando tenta seguir sua profissão com integridade e coragem; isso que ele conhece e com isso que se importa, e logo descobre que muitas coisas precisam ser mudadas. Nos distúrbios estudantis, os professores não foram “radicalizados” para o insípido programa de *New Left Notes*, mas se lembraram de levar em conta o que significa ser um professor.)

Finalmente, quando quatro líderes foram suspensos e os estudantes novamente ocuparam um edifício para apoiá-los, a tendência do SDS em direção à autoridade tornou-se francamente ditatorial. A maioria dos estudantes votou para sair por conta própria antes da chegada da polícia, pois já não havia sentido em ser espancado e preso novamente; mas a liderança ignorou a votação porque esta não representava a posição correta, e os outros — suponho que por lealdade animal — ficaram e foram novamente presos.

No entanto, a ação na Columbia foi também um exemplo de anarquismo, e os mesmos líderes do SDS merecem muito desse crédito. Em primeiro lugar, a remoção de pessoas pobres pela universidade parece ter se interrompido, considerando que os protestos dos cidadãos (incluindo o meu) não haviam conseguido nada durante anos. Quando, por causa da brutalidade policial, houve uma greve bem-sucedida e as aulas das faculdades e de alguns setores da pós-graduação foram

encerradas no semestre, os estudantes fizeram rápida e eficazmente novos acordos com professores favoráveis a continuar o trabalho. Organizaram uma universidade livre e trouxeram uma série de pessoas de fora para o campus. Um grupo denominado Estudantes para uma Universidade Reestruturada separou-se amigavelmente do SDS para dedicar-se às artes da paz e estabelecer relações duradouras com a administração. Por algum tempo, até a polícia voltar, a atmosfera no campus era bucólica. Professores e alunos conversavam entre si. Como Berkeley depois de seus problemas, a Columbia tornou-se um lugar bem melhor.

Na teoria anarquista, “revolução” significa o momento em que a estrutura da autoridade é desmontada, de modo que o livre funcionamento pode ocorrer. O objetivo é abrir áreas de liberdade e defendê-las. Nas complicadas sociedades modernas, é provavelmente mais prudente trabalhar de forma gradual, evitando o caos que tende a produzir ditaduras.

Para os marxistas, por outro lado, ‘revolução’ significa o momento em que um novo aparato estatal toma o poder e comanda as coisas à sua maneira. Do ponto de vista anarquista, isso é a ‘contrarrevolução’, pois há uma nova autoridade para se opor. Mas os marxistas insistem que a mudança gradual é mero reformismo e que é preciso tomar o poder e ter uma administração forte para evitar a reação.

Em Columbia, a administração e os autoritários do SDS parecem ter se envolvido em uma conspiração quase deliberada para agravar o conflito e tornar a teoria marxista verdadeira. A administração ficou surda

a reclamações justas, não teria sido necessário chamar a polícia quando o fez, e não precisaria ter suspenso os estudantes. Foi obstinada e vingativa. Pior ainda, foi mesquinha. Por exemplo, durante a greve, os jardineiros receberam ordens para manterem a atividade de irrigação o dia todo — estragando a grama — para evitar que os estudantes realizassem as aulas da ‘universidade livre’ no gramado. Quando um orador discursava em um comício, um varredor havia sido instruído a levar um aspirador de pó barulhento ao local para abafá-lo. William J. Whiteside, o diretor de edifícios e terrenos, explicou a um repórter do *Times* que “essas congregações de megafone acarretam uma enorme quantidade de lixo, por isso temos que ir até lá e limpá-lo”. Isto vindo de uma universidade fundada em 1754.

Consideremos dois termos-chave da retórica da Nova Esquerda: “democracia participativa” e “quadros”. Penso que esses conceitos são incompatíveis, mas ambos são continuamente usados pela juventude mesma.

A “democracia participativa” foi a ideia central da Declaração de Port Huron, a carta fundadora do SDS (Estudantes por uma Sociedade Democrática). É a reivindicação para ter voz nas decisões que moldam nossas vidas, em oposição à direção de cima para baixo, à engenharia social, à centralização corporativa e política, a proprietários ausentes, à lavagem cerebral pela mídia de massa. Suas conotações abrangem “nenhuma taxação sem representatividade⁴, um populismo de base, as assembleias municipais, os conselhos, o federalismo, *Student Power* (poder estudantil), *Black Power* (poder negro), gestão dos trabalhadores, democracia dos soldados, organizações

guerrilheiras. Claramente, isso é a essência da ordem social anarquista: a federação voluntária de empresas autogeridas.

A democracia participativa baseia-se na seguinte hipótese sociopsicológica: as pessoas que de fato desempenham uma função sabem melhor como esta deve ser feita. De modo geral, sua decisão livre será eficiente, inventiva, graciosa e vigorosa. Sendo ativas e autoconfiantes, elas cooperarão com outros grupos com um mínimo de inveja, ansiedade, violência irracional ou necessidade de dominar.

Como Jefferson tinha apontado, somente tal organização da sociedade é auto reguladora: aprendemos fazendo, e a única maneira de educar cidadãos cooperativos é dar poder às pessoas como elas são. Exceto em circunstâncias incomuns, não há tal necessidade de ditadores, de reitores, de policiais, de currículos pré-arranjados, de horários impostos, de alistamento compulsório, de leis coercitivas. Pessoas livres concordam facilmente entre si sobre regras plausíveis de trabalho; ouvem a orientação de especialistas quando necessário; escolhem sabiamente os líderes temporários. Remova-se a autoridade e haverá auto-regulação, e não o caos.

A atividade radical dos estudantes de fato seguiu essa linha. Opondo-se ao sistema burocrático de bem-estar social, os estudantes dedicaram-se ao desenvolvimento da comunidade, servindo não como líderes ou especialistas, mas como catalisadores para reunir os pobres para que estes pudessem se conscientizar e resolver seus próprios problemas. Na política, os estudantes radicais geralmente não consideram que valha o esforço e os custos em tentar

eleger representantes distantes; é melhor organizar grupos locais para lutar por seus próprios interesses.

Nas próprias ações de protesto dos estudantes, como o Movimento pela Liberdade de Expressão (*Free Speech Movement*), FSM, em Berkeley, não havia líderes — exceto na cobertura televisiva —, ou melhor, havia dezenas de líderes temporários; e, ainda assim, o FSM e outras ações desse tipo avançaram com eficiência considerável. Mesmo em imensos comícios com a reunião de dezenas de milhares de pessoas vindas de milhas de distância, como ocorreu em Nova York em abril de 1967, ou no Pentágono em outubro desse mesmo ano, a regra invariável era não excluir grupos com base em “princípios”, por mais incompatíveis que fossem suas tendências. Apesar de terríveis advertências, cada grupo fez o que teve vontade, e o conjunto esteve suficientemente bem. Quando foi necessário fazer arranjos imediatos, como organizar os edifícios ocupados em Columbia ou conceber novas relações com os professores, a democracia espontânea funcionou maravilhosamente. No movimento pelos direitos civis no Sul — Martin Luther King costumava apontar — cada localidade planejava e realizava sua própria campanha e a liderança nacional apenas dava a ajuda financeira ou legal que fosse possível.

Voltemos agora para o tema dos “quadros”. Nos últimos anos, esse termo do vocabulário da arregimentação militar tornou-se esmagadoramente prevalente na retórica da Nova Esquerda, como já esteve nas várias seitas comunistas na década de 1930. (Meu palpite é que foram os trotskistas que lhe deram moeda política. Trotsky foi o comandante do Exército Vermelho). Um quadro, ou esquadrão, é a principal unidade administrativa ou tática pela qual

pequenos grupos de seres humanos são transformados em entidades sociológicas para executar a vontade unitária da organização, seja do exército, do partido político, da força de trabalho, do sindicato, da máquina de agitação ou de propaganda. Em termos marxistas, é a unidade de alienação da natureza humana, e o jovem Marx certamente teria desaprovado.

O “quadro” conota o rompimento de relações humanas comuns e transcende motivos pessoais a fim de canalizar energia para a causa. Para propósitos de agitação, é a ideia jesuíta de doutrinar e treinar um pequeno grupo que então se expande e se multiplica. Os oficiais, a disciplina e as táticas dos quadros militares são determinados nos quartéis-general; isso é o oposto da organização guerrilheira, pois os guerrilheiros são autoconfiantes, elaboram suas próprias táticas e estão vinculados à lealdade pessoal ou feudal, de modo que é incompreensível ouvir os admiradores de Che Guevara usarem a palavra “quadro”. Como um método político revolucionário, a formação de quadros conota o desenvolvimento de um partido conspiratório fortemente unido que acabará por tomar um conjunto de instituições e exercer uma ditadura até que esta transforme a maioria de acordo com sua própria doutrina e comportamento. Etimologicamente, “quadro” e “esquadrão” vêm do latim *quadrus*, um quadrado, com o sentido de encaixar as pessoas em uma moldura.

Obviamente, essas conotações são totalmente repugnantes aos reais motivos e ao espírito dos jovens de hoje, em todos os lugares do mundo. Em minha opinião, os líderes que usam essa linguagem estão sofrendo de um delírio romântico. Os jovens não são conspiratórios, mas devastadoramente abertos. Por exemplo, quando os

jovens do movimento de resistência ao alistamento são intimados para um grande júri, é muito difícil para os advogados das Liberdades Civis convencê-los a pleitear a Quinta Emenda⁵. Eles se sacrificarão e terão suas cabeças a prêmio, mas isso terá sido em conformidade à convicção pessoal. Insistem em usar sua própria roupa, mesmo que seja ruim para a respectiva imagem pública. A ética deles é embaraçosamente kantiana de tal modo que até a prudência comum e a casuística razoável são consideradas “covardias”.

Não penso que os jovens queiram o “poder”, mas apenas serem levados em conta, serem capazes de realizar o que desejam e serem deixados em paz. Querem realmente uma mudança revolucionária, mas não por esse caminho. Exceto por algum momento, em ocasiões específicas, eles simplesmente não podem ser manipulados para ser a tropa de choque de um golpe leninista. (Nunca achei que eu poderia também lhes ensinar qualquer outra coisa). Se eles concordam com as ações organizadas pelos trotskistas ou pelo Partido Trabalhista Progressivo ou com algumas ilusões do SDS, seria porque, no julgamento deles, a ruptura resultante faria mais bem do que mal. Comparado com a arrogância, a violência fria e a desumanidade de nossas instituições estabelecidas, a arrogância, a cabeça quente e a loucura demasiadamente humana dos jovens são pecados veniais.

O problema com a ala neo-leninista da Nova Esquerda é algo diferente. É que a manipulação frustrada da energia viva e do fervor moral em favor de uma revolução política que não ocorrerá e que não deve ocorrer, confunde a revolução social fragmentada que é claramente possível. Isso me desencoraja — mas é claro que eles têm de fazer do

seu próprio jeito. Não é autêntico fazer desenvolvimento comunitário com a finalidade de “politizar” as pessoas, ou usar um bom projeto do tipo “faça você mesmo” como meio de “trazer pessoas para o movimento”. Tudo deve ser feito por si mesmo. A incrível coragem de manter as convicções diante da polícia é insultada quando manipulada como um meio de radicalização. A lealdade e a confiança mútua nos jovens são extraordinárias, mas podem se transformar em desilusão se eles perceberem que estão sendo enganados. Muitos dos melhores jovens passaram por isso nos anos trinta. Mas pelo menos não há ouro de Moscou por aí, embora pareça haver bastante CIA, e dinheiro, tanto interno quanto do exterior.

Finalmente, no relato desse anarquismo confuso, devemos mencionar o conflito entre os ativistas e os hippies.

Os ativistas reclamam que os *dropouts*⁶ não são políticos e não vão mudar nada. Em vez disso, são sedutores que interferem drasticamente na formação de quadros. (Estamos de volta à “Religião é o ópio do povo” ou, talvez, “o LSD é o ópio do povo”). Certamente que há algo nisso, mas em minha opinião, a amargura da polêmica da Nova Esquerda contra os *hippies* só pode ser explicada dizendo que os ativistas estão na defensiva contra seus próprios impulsos reprimidos.

De fato, os *dropouts* não são apolíticos. Quando há uma demonstração importante, eles lá estão em peso e são espancados com o resto — embora não sejam radicais. Com suas flores e seu slogan *Make Love Not War*, eles fornecem toda a cor e muito de um significado profundo. Um grupo *hippie*, o *Diggers*⁷, tem uma economia

plenamente desenvolvida, criou livrarias e tentou cultivar seus alimentos, para ser independente do Sistema, enquanto se engaja no desenvolvimento da comunidade.

Os *Yippies*, o Partido Internacional da Juventude (se isso fosse tão simples assim!), dedicam-se a minar o Sistema; foram eles que despejaram notas de dólar no pregão da Bolsa de Valores, amarraram a Grande Estação Central de Nova York, e tentaram exorcizar o Pentágono com encantamentos. E os Provos holandeses, o “provotariado”, que são menos confusos com drogas do que os *Yippies*, improvisam melhorias engenhosas para tornar a sociedade melhor como um meio de destruí-la; até ganharam uma eleição em Amsterdã.

Por seu lado, os *hippies* afirmam que a Nova Esquerda foi nitidamente capturada na rede do Sistema. Fazer um ataque frontal é agir de acordo com as regras do inimigo, junto ao qual não há chance; e de qualquer maneira a vitória seria um peso. A coisa seria usar o jiu-jítsu, o ridículo, o Schweikismo⁸, a resistência não-violenta, a desconsideração das regras, a raiva, a experimentação de drogas, a sedução pelo oferecimento de alternativas felizes. Uma sociedade complexa é irremediavelmente vulnerável, e as crianças de catorze anos fogem e se juntam aos ciganos.

Essa crítica da Nova Esquerda é consistente. Uma nova política exige um novo estilo, uma nova personalidade e um novo modo de vida. Formar quadros e tentar tomar o poder é o mesmo velho engano. O anarquismo dos *dropouts* é em geral bastante autoconsciente. É notável, por exemplo, ouvir Emmet Grogan, o porta-voz dos *Diggers*, recriar as teorias do príncipe Kropotkin diretamente de

suas próprias experiências em Haight-Ashbury, no Lower East Side e na tumultuada Newark.⁹

Mas penso que os *dropouts* são irrealistas em seus próprios termos. Vivendo entre os pobres, eles aumentam os aluguéis. Tentando viver livremente, ofendem as pessoas que querem ajudar. Às vezes, os negros e os hispano-americanos se voltam contra eles com selvageria. Observo que a “comunicação” que eles têm com as drogas é ilusória; e confiar em produtos químicos em nossa era tecnológica é certamente estar no papo. Como o padrão de vida é corrupto, eles optam pela pobreza voluntária, mas também há muitos bens úteis que eles têm direito e aos quais desnecessariamente renunciam. E muitas vezes eles são simplesmente tolos.

Os mais sofisticados Provos caíram em uma visão desastrosa do futuro, a Nova Babilônia, uma sociedade na qual todos cantariam, fariam amor e o que quisessem, enquanto o trabalho do mundo seria feito por máquinas automáticas. Eles não perceberam que em tal sociedade o poder seria exercido pelos tecnocratas, e eles próprios seriam colonizados como índios em uma reserva.

Em geral, duvido que seja possível ser livre, ter voz e viver uma vida coerente, sem realizar um trabalho que valha a pena na direção das artes e das ciências, exercendo alguma profissão, educando os filhos, engajando-se na política. Diversão e relações pessoais formam um pano de fundo necessário; mas os homens não vivem em função disso. Mas talvez eu seja um antiquado, um calvinista.

Tradução do inglês por Beatriz Carneiro.

Notas

¹ A queima coletiva de “draft card”, equivalente ao certificado de reservista, marcava as manifestações contra a guerra do Vietnã dos anos 1960 e 1970. Desde 1948, mediante o *Selective Service Act*, todos os homens entre 18 e 25 anos deveriam se registrar em um junta militar e tornar-se um ‘reservista’, passível de convocação em caso de guerra (N.T.).

² *Guild socialism*, movimento político inglês do início do século XX, que defendia o controle da indústria pelos operários nos moldes das guildas, ou grêmios de artesãos, inspirado nas atividades do artista britânico William Morris (1834-1896) (N.T.).

³ Em 1968, na Universidade de Columbia, Nova York, ocorreram grandes protestos dos estudantes logo após descobrirem que a instituição mantinha ligações estratégicas com a Guerra do Vietnã. Diversos outros temas entraram na pauta das manifestações, inclusive as ações da universidade contra os moradores do Harlem, bairro da cidade que concentra afrodescendentes (N.T.).

⁴ “*No Taxation Without Representation*” foi um slogan utilizado nas décadas de 1750 e 1760 resumindo uma das principais queixas dos colonos estadunidenses: pagar impostos a um governo em que não tinham representantes, o que atizou a guerra entre eles e a Inglaterra até a Independência (N.T.).

⁵ A Quinta Emenda à Constituição estadunidense garante o direito de permanecer calado e, dessa maneira, não se autoincriminar (N.T.).

⁶ *Dropouts* nomeia aqueles que ‘caíram fora do sistema’, seguindo a famosa frase divulgada nos anos 1960 pelo guru do LSD, Thimoty Leary, “*Turn on, tune in, drop out*” (Ligue-se, sintonize, caia fora) (N.T.).

⁷ *Diggers* de São Francisco é um grupo de ativistas radicais dos anos 1960 (N.T.).

⁸ Schweikismo se refere a um romance, *O bom soldado Schweik*, do tcheco Jarosl Hasek, que narra a história de um soldado que se finge de tonto e, assim, desobedece todas as ordens dos superiores (N.T.).

⁹ Cidade de Nova Jersey com violentos protestos contra o racismo, especialmente no ano de 1967 (N.T.).

Resumo:

Neste artigo, publicado no periódico New York Times em julho de 1968, Paul Goodman afirma que os movimentos estudantis de todo mundo apresentam práticas anarquistas apesar desses jovens desconhecerem a fundo o anarquismo, principalmente nos EUA. Mostra que há também certa confusão entre essas ações libertárias e as doutrinas esquerdistas de cunho marxista-leninista, as quais buscam centralizar as especificidades das lutas e das ações em uma pauta marcada pela formação de quadros e pela democracia participativa.

Palavras-chave: movimento estudantil, 1968, anarquismo, Nova Esquerda.

Abstract:

In this article, published in the New York Times in July 1968, Paul Goodman states that student movements around the world exhibit anarchist practices despite the fact that these young people are profoundly ignorant of anarchism. He shows that there is also a certain confusion between these libertarian actions and the Marxist-Leninist leftist doctrines, which seek to centralize the specificities of struggles and actions in an agenda marked by the formation of cadres and participatory democracy.

Keywords: student movement, 1968, anarchism, New Left.

The Black Flag of Anarchism, Paul Goodman.

Recebido em 10 de março de 2018. Confirmado para publicação em 10 de maio de 2018.

**PAUL
GOODMAN**

**People or
Personnel**

and

**Like a
Conquered
Province**

With seven additional essays, including
"We Won't Go"
"Rural Life: 1984"
"A Causerie at the Military-Industrial"

by the author of **GROWING UP ABSURD**

68

Quanto a amor político e vexame social, não conheço na história de minha época momento mais apaixonado e mais vexatório do que o inaugurado na cidade de Paris em maio de 1968. (...) Ainda tenho na memória a violência da repressão policial nos confrontos com a juventude brasileira que, na mesma época, manifestava-se publicamente contra a ditadura. Se não me engano, a invasão e barbárie cometidas pela polícia dentro da minha Faculdade Nacional de Medicina da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, ocorreram em 1968 (...). A juventude de hoje sabe que, nesse sentido, deve fazer o que fez a juventude de 68 em Paris, não confiando e não respeitando instituições, praticando desobediência civil, partindo para as ruas e para as escolas gritando o seu amor à liberdade, seu ódio à repressão e ao autoritarismo, desprezando lideranças autoritárias, desmoralizando os partidos ditos revolucionários e os sindicatos que existem para defender as classes oprimidas, mas que temem e condenam como em 68 em Paris, essa ação libertária espontânea, para depois, passado o perigo, aderir por puro oportunismo. (...) Os herdeiros mutantes de 68, são em sua maioria os jovens anarquistas viscerais, militantes

ou não, exatamente como eram aqueles jovens que percorriam abraçados as ruas de Paris, empunhando as bandeiras negras. Aqueles jovens envelheceram (...) não são mais os mesmos, nem precisam ser, pois os que agora fazem desobediência civil, barricadas em defesas dos seus sonhos aparentemente impossíveis, no pensamento, no coração e no sexo, nas ruas (...) já são os mutantes em ação (...) os subversivos, os terroristas vindos do futuro. Roberto Freire. Ame e dê vexame.

Kostka expressou, ao sair, votos de que seu apartamento me proporcionasse 'realmente alguma coisa de bom'.

- É - disse eu -, ele vai me permitir efetuar uma bela destruição.

- Você acha que as destruições podem ser belas? - perguntou Kotska, e eu sorri intimamente (...).

- Sei que você é um pacífico operário na eterna obra divina e que ouvir falar em destruições lhe desagrada, mas é o que posso fazer: quanto a mim, não sou um aprendiz de pedreiro de Deus. Além do mais, se os aprendizes de pedreiro de Deus construísem aqui embaixo edifícios com paredes de verdade, haveria poucas chances de que nossas destruições pudessem abalá-las. Ora, parece-me que, em vez de paredes, o que vejo em todo lugar são apenas cenários. E a destruição de cenários é uma coisa inteiramente justa.

(...)

- O que você acaba de dizer soa bem. Mas, diga-me: cético como é, de onde tira a segurança que faz com que você diferencia o cenário da parede? Nunca lhe aconteceu duvidar que as ilusões das quais zomba sejam de fatos apenas ilusões? E se você estivesse enganado? E se fossem valores, e você um destruidor de valores?

- Eu disse em seguida: - Um valor degradado e uma ilusão desmascarada têm ambos o mesmo corpo deplorável, se parecem, e nada mais fácil do que confundi-los. Milan Kundera. *A Brincadeira.*

Década de 1960, estudantes no Japão pesquisam a vida de Ôsugi Sakae, libertário que no começo do século XX abalou tanto a obediência milenar japonesa como os anarquistas. Em meio às revoltas de 1968, seus textos eram urgentes, diante da tomada de direção pela famosa e autoritária *Zengakuren* (abreviação de *Zen Nihon Gakusei Jichikai Sô* - Aliança das ligas estudantis japonesas autogovernadas), extensão do Partido Comunista Japonês. A *Zengakuren*, entre tantas regras, era a responsável por determinar os uniformes das manifestações, sendo comumente capacetes de construção em diferentes cores para os variados grupos socialistas que a integravam.

Fui banido da minha vida de forma traumática durante a semana de 4 de abril desse ano, ao tentar cruzar os umbrais da Igreja da Candelária para assistir à missa de 7º dia de Edson Luís, estudante assassinado pela polícia do Rio de Janeiro numa manifestação de protesto contra a comida que se servia num restaurante universitário chamado Calabouço (...). Fui arrastado por essa onda de protestos através do meu irmão e da minha namorada, o que resultou na minha prisão ou sequestro com torturas durante a Semana Santa daquele ano. (...) Fui fugazmente promovido, juntamente com meu irmão Ronaldo, à condição de herói nacional por ter denunciado pela primeira vez, de forma clara, a prática de tortura em dependências do exército, no II Becondiv, da Vila Militar de Realengo. (...) Durante os oito dias fomos submetidos a torturas, espancamentos, interrogatórios, lavagem cerebral, todo um pacote sistemático de técnicas para desestruturar completamente uma personalidade, que eu chamei de desinformativo. Estive numa cela onde havia dezenas de placas de papelão presas num suporte de pau com o clássico desenho da caveira e as iniciais E.M., de Esquadrão da Morte. Essas placas eram sempre encontradas nos 'presuntos de desovados' na baixada fluminense. Aquela foi uma típica 'cela da morte'. (...) Às vezes, ainda me ocorre a dúvida se não sou um fantasma daquele cara que morreu naquele ano que de fato não

terminou. Para denunciar, tivemos que entrar na clandestinidade, pois fizemos um pacto forçado de silêncio no meio da noite da floresta da Tijuca. (...) Na véspera desse dia, Sexta-Feira da Paixão, com os pulsos amarrados pelas costas, fui deixado de tanga (feita de uma calça rasgada e mijada por toda a corporação) numa 'geladeira' com uma carteira de cigarros e uma caixa de fósforos nos bolsos. (...) Eu me lembro que no último dia quando um deles me ofereceu uma Pepsi e disse: 'É sempre bom tomar uma Pepsi antes de morrer'. Rogério Duarte. Encontros.

Espanha. 1968. Dois amigos.

Um, filho de anarquistas na Catalunha. O cantor Joan Manuel Serrat começa a despontar musicalmente e é escolhido pela Televisão Espanhola (TVE) como representante no Festival da Eurovision. Serrat queria cantar em catalão, ao que o encarregado da TVE respondeu: "Serrat, você quer ser um artista internacional ou um artista provinciano?". No dia seguinte, Joan Manuel Serrat abriu mão do posto e foi substituído por Massiel. "Quando o assunto da Eurovision ainda estava quente, iniciamos com Tete Montoliu uma turnê inesquecível, a que as autoridades governamentais prosseguiram com a suspensão de vários shows, de modo que nunca

sabíamos, até o último minuto, se poderíamos tocar ou não".

O outro, filho de policial. O pai do cantor Joaquin Sabino, foi convocado a entregar o filho, no natal de 1968, por supostas atividades contra o governo franquista. Dois anos depois Sabino vai para o exílio na Inglaterra, após atirar um coquetel Molotov em uma sucursal do Banco Bilbao de Granada, contra o Processo de Burgos. 16 pessoas do País Basco haviam sido condenadas à morte, acusadas de participar do ETA, grupo de liberação Basca fundado em 1968.

Os blousons noirs eram temidos sem exceção. Eles eram parte do proletariado mais selvagem e niilista. Nunca se aliaram a estudantes ou operários, mas no início do mês [de maio] algo acontece. Os estudantes enfrentam a polícia em duro combate. Em 7 de maio o jornal L'Aurore escreve: "Estamos com os manifestantes de bandos de blousons noirs armados com barras de ferro, nas portas de Paris para dar ajuda aos estudantes. (...) Um dos blousons noirs me disse: "A vocês, os policiais incomodam de vez em quando; a nós a todo momento. Não fazemos nada sem que eles caiam em cima de nós. E não temos como nos defender porque estamos sós. Hoje, somos muitos e podemos enfrentá-los". Spider. "Las chaquetas negras del outro mayo frances".

Não vejo quem - na direita ou na esquerda - poderia ter colocado este problema do poder. Pela direita, estava somente colocado em termos de constituição, de soberania, etc., portanto em termos jurídicos; e, pelo marxismo, em termos de aparelho do Estado. Ninguém se preocupava com a forma como ele se exercia concretamente e em detalhe, com sua especificidade, suas técnicas e táticas. Contentava-se em denunciá-lo no "outro". (...) Mas a mecânica do poder nunca era analisada. Só se pôde começar a fazer este trabalho depois de 1968, isto é, a partir das lutas cotidianas e realizadas na base com aqueles que tinham que se debater nas malhas mais finas da rede do poder. Michel Foucault. "Verdade e poder".

Revisitando os 366 dias (sim! 1968 foi um ano bissexto) fixados em um calendário estabelecido pelo Papa Gregório XIII no século XVI. Arquivo revirado de uma garota de 12 ou 13 anos em 1968:

Muitas fotos, o fotojornalismo consolidado das revistas O Cruzeiro, Manchete, Fatos e Fotos; notícias divulgadas pelo jornal O Estado de S. Paulo e, desde setembro, pela Revista Veja; imagens na televisão a lenha (festivals de MPB e telenotícias); transmissões em português da BBC de Londres e da Rádio de Moscou, as tentativas de compreender o

noticiário em espanhol da Radio Havana (sim! havia um aparelho de rádio que pegava estações de vários países em ondas curtas AM). "Estive" nos acontecimentos 68 dessa maneira, sem sair de casa ou da escola, a propósito, para mim dois ambientes tediosos, sufocantes e, para usar um termo de época, *alienados*. Discursos acalorados de defesa da Revolução de 1964, dos militares e de delegados de polícia - falar *Golpe* de 64 era proibido -, debates pela proteção da família e da moral cercavam-me por todos os lados, exceto pelas conversas com uma tia avó que flertava com o Partido Comunista. No âmbito escolar, como exceção, havia um ou outro comentário velado contra a ditadura; professores mais *conscientes* ou foram demitidos ou silenciados nos corredores. A mãe de uma colega de classe, cuja irmã mais velha fora presa em Ibiúna devido à reunião da UNE, apareceu na televisão com a faixa "Libertem nossos filhos". No final do ano, circula nas rádios a notícia da prisão de Gilberto Gil e Caetano Veloso, e em 13 de dezembro promulga-se o AI-5.

Tudo isso são instantâneos de imagens coladas (ainda) em uma memória neuronal: lembranças vagas de notícias, sentimentos e sensações. De sólido: ajambrados manuscritos, poemas tolos e garatujas rabiscadas! A idade não desculpa poemas tão ruins, mas nos rabiscos e desenhos, talvez aí haja ainda algo pulsante que não mais ficou esquecido em gavetas e pastas.

Há temas que incendiaram as ruas e foram e ainda são capturados para o aperfeiçoamento de instituições, de governos, do controle das minudências da vida de cada um. Haveria forças que têm se mantido subterrâneas e ainda não eclodiram como vulcões cobertos de neve, sementes de espécies raras, placas tectônicas lentas? Forças que necessitam se conectar com partículas vindas do espaço sideral, da poeira das estrelas para explodir?

1968 encerrou-se com a imagem do planeta Terra mostrado a seus habitantes.

Ao largo das resistências, 1968 foi um ano de uma série de eleições nacionais ou locais na Europa, e nas Américas. Entre eleições diretas e ditaduras, prevaleceu o governo conservador de militares e dos democratas-cristãos. Nas eleições legislativas italianas, prevaleceram os deputados e senadores da Democracia Cristã; na França, novas eleições foram chamadas para conter os levantes de maio e o partido conservador da União Democrática para a República, elegeu o Primeiro Ministro Georges Pompidou, com campanha apoiada pela *maioria silenciosa*; em Portugal e na Espanha, seguiam as ditaduras salazarista e franquista; nas eleições belgas, venceu o Partido Social Cristão; em Luxemburgo, o Partido Popular Social Cristão; nos Estados Unidos da América

o republicano cristão, Richard Nixon, venceu as eleições para presidente; em El Salvador, o conservador Partido da Conciliação Nacional recebeu 47,7% dos votos, seguido do Partido Democrata Cristão, com 43, 3% dos votos; na Venezuela, o Partido Social Cristão elegeu Rafael Caldera; Brasil, Paraguai e Peru já viviam sob regime ditatorial.

As explosões rebeldes de 1968 conviveram com a propagação conservadora institucional. A população de bem, cristã, bem comportada e bem conformada mostrou que diante de ebulições inventivas, Deus e o Estado devem assegurar a paz em sua mortificação, ainda que sobre carnificinas silenciosas.

68 foi também o mote para Seattle e para o movimento antiglobalização. Não ficou para a memória lírica das coisas ou de eventos nostálgicos, mas no incêndio e no espocar da vida jovem e salutar dos que avançam sem temer para atirar práticas de liberdade. 68 dissolveu a necessidade de lideranças, ainda que os acadêmicos, políticos e mídias os incensem e os exumem até hoje, como objetos do museu de gabinetes da sua história monumental e iluminista. 68 colocou os jovens quebrando bancos, vitrines, propriedades, algo que não foi inédito e que permanece vivo nas manifestações de hoje em dia. No passado e no presente, com

suas razões diferenciadas de liberdade estes jovens iracundos foram e são taxados de vândalos, arruaceiros, etc. e tal, inclusive pelos que se esqueceram que atiraram pedras e molotovs, agora recostados na poltrona de seu bazar de melancolias, oportunismos e protagonismos. 68 aboliu castigos, ressentimentos, fronteiras entre os revoltados... e de ontem a hoje, a revolta não dá sossego às pacificações e às migalhas oferecidas, acatadas e que satisfazem grupos identitários conformados com o reconhecimento oficial da matança colonial, da submissão de minorias, dos governos do sexo porque são produtivos e estão entupidos de *direitos*. 68 não é nem deve ser referência aos *ativistas* do momento, ansiosos de serem protagonistas no *espetáculo*. Naquele carnaval não havia autorização para a profanação. 68 é procedência de hoje pelas descontinuidades que provoca ao conforto da mesma maioria silenciosa, agora travestida de maioria falante - cheia de opinião, compartilhando tudo nas redes sociais, comunicando-se o tempo todo com bate panelas, buzinaços, gritinhos e não-me-toques - que berra seu fascismo e microfascismos de tempos em tempos. 68 é a referência intimamente atada no passado e no presente à potência da revolta e ardente luta para dar formas à liberdade.

[Publicado como hypomenamta 201. Boletim eletrônico mensal do Nu-Sol. Maio de 2018.]

adeus à revolução (1984)

tomás ibáñez

Qual a relação que há entre, de um lado, anarquismo e, de outro, revolução social? O movimento anarquista abandonou tal pergunta há muito tempo e, em certo sentido, pode-se dizer que o debate "revolução: sim ou não" é uma controvérsia antiga ou, se preferirmos, uma polémica para dinossauros ideológicos, entre os quais evidentemente eu me incluo. Afirmo que o conceito de revolução é antiético ou incompatível com o pensamento anarquista por ser um portador histórico de uma série de consequências ou efeitos que são necessariamente "liberticidas".

Não se trata, porém, de pôr em questão o "desejo da revolução", pelo contrário, pois este consiste num elemento fundamental da sensibilidade social emancipatória e do pensamento utópico. Os libertários e, com eles, milhões de pessoas, sonham, mais ou menos vagamente, com uma mudança social que desembocaria em uma sociedade radicalmente diferente da que conhecemos. Este sonho

Tomás Ibanéz foi professor na Universidade Autônoma de Barcelona, membro dos coletivos de redação de Refracciones e Libre Pensamiento e autor de diversos artigos e livros, como Anarquismo é Movimento, publicado em português pela editora Imaginário. Contato:

constitui um elemento do imaginário social desde o tempo, não tão distante, em que se descobriu que as formas sociais são formas sócio-históricas, ou seja, formas relativas, e que, portanto, concebeu-se agir sobre elas para voluntariamente modificá-las. Desejar ativamente viver "em outro lugar", em relação ao social instituído que conhecemos, constitui certamente o imperativo de toda ética. Portanto, não é o desejo de revolução que deve ser questionado. Ao contrário, o desejo de revolução constitui um elemento fundamental de todo pensamento crítico e é uma parte indispensável da utopia libertária. Por sua vez, o que resulta seriamente problemático é o *projeto de revolução*. Ou seja, a elaboração política ou estratégia do desejo de revolução, sua tradução concreta em uma concepção e uma prática sociopolítica que se queira libertária. O que se apresenta seriamente problemática é a constituição do desejo de revolução em um projeto racional, elaborado, articulado, que sirva de motor para a eficácia da ação individual e coletiva, pois o desejo de revolução se torna então, necessariamente, um empreendimento totalitário e um instrumento de dominação.

Porque o projeto revolucionário se contrapõe ao que poderia ser considerado como a essência do pensamento anarquista? Não se trata de uma pergunta ligada ao aspecto insurrecional ou não da revolução. De fato, o recurso à violência constitui frequentemente a única via de saída válida frente a certas situações, e eu não sou daqueles que veem o uso da violência como uma "tara" que desnatura irremediavelmente toda ação com intenção emancipatória. É verdade que os meios ou os instrumentos utilizados nunca são neutros e que o uso da violência implica necessariamente consequências específicas, mas

todos os meios que podemos utilizar estão carregados de efeitos secundários não desejados e não controlados. O anátema lançado contra a violência dos dominados não parece justificável, a menos que se dirija a uma eventual "estratégia da violência", e nesse caso também eu estaria de acordo. Além do aspecto insurrecional da revolução, o que é posto em questão se refere a um problema fundamental ligado à mesma lógica do conceito de revolução. Uma análise histórica da emergência e do desenvolvimento do conceito de revolução social nos mostraria até que ponto este conceito tem sido marcado pelo modelo científico próprio da mecânica clássica e até que ponto é tributário da ideologia científica cientificista, determinista e dominadora que impregna o modelo "científico galileu-newtoniano".

Lappo Berti¹ realizou esta análise em um excelente artigo publicado na revista *Aut-Aut*, por isso não tratarei este ponto de forma detalhada e me limitarei a assinalar que o conceito de revolução tem sido fundamentalmente útil, de um modo histórico, para os desígnios da burguesia e, de um modo mais geral, para os projetos de qualquer tentativa de poder político.

Este aspecto por si só bastaria para projetar uma sombra de dúvida sobre a pretendida pertinência libertária do conceito de revolução, mas o que importa é assinalar outros aspectos e, para isto, é necessário distinguir algumas características da ideia de revolução. Uma revolução não se reduz certamente a uma simples transformação da sociedade; é necessário especificar ao menos cinco elementos suplementares para dar conta dela:

Adeus à revolução

1. É uma transformação relativamente brusca e rápida, do contrário, os termos "revolução" e "evolução" seriam intercambiáveis.

2. É uma transformação radical, do contrário, se falaria de um simples reajuste ou de "reforma" social.

3. É uma transformação orientada ou finalista, sendo que os libertários não são "democráticos", não se satisfazem com a noção de realização do desejo majoritário das pessoas e exigem que, para ser autêntica, a revolução deve constituir seus próprios critérios.

4. É uma transformação global, que concerne a toda sociedade, caso contrário, seria de uma prótese social local.

5. Por último, enquanto projeto político, a revolução se converte necessariamente em um objetivo transcendente.

De fato, os efeitos atribuídos à sua realização são suficientemente importantes, porque este objetivo, a revolução, situa-se em um plano qualitativo diferente dos outros objetivos, relegando-os a uma situação de subordinação hierárquica.

Se analisarmos as diferentes consequências que derivam das cinco características enunciadas, é fácil ver por que a ideia de revolução se fez incompatível com o anarquismo, desde o momento em que ela tomou forma de um projeto político, ou seja, de um projeto virtualmente realizável e que orienta uma prática social contrária à dos libertários. Muito brevemente, assinalo três destas razões:

1. A ideia de revolução, enquanto um objetivo transcendente e supremo, reintroduz necessariamente um elemento teológico no pensamento libertário. Este objetivo supremo torna legítimo o sacrifício do presente

ao futuro, do tempo concretamente vivido ao tempo puramente ideal, para não falar de outros sacrifícios que se estendem do autossacrifício militante ao sacrifício alheio, passando pelo sacrifício dos "princípios". Desde o momento em que haja um objetivo transcendente, um fim supremo, um valor colocado no tempo futuro, todos os sacrifícios do presente estão permitidos.

Se a revolução puder ser efetivada graças a uma estratégia, qualquer que seja, não nos poderíamos chamar libertários se não tentássemos realizá-la custe o que custar. Os milhares de mortos que cotidianamente a sociedade instituída provoca, os inúmeros sofrimentos e humilhações a cada momento, a injustiça permanente não nos deixariam opção. Se a revolução está inscrita como possível consequência de uma estratégia, nada pode justificar a renúncia a esta estratégia. A afirmação de que "o fim não justifica os meios" perde neste contexto todo significado que não seja moralista e piedoso. Que importam as justificativas se o resultado constitui o fim da barbárie?

Trata-se, certamente, de um velho debate, mas aqueles que acreditavam verdadeiramente que a revolução pudesse ser uma consequência direta de suas ações tinham razões para "depreciar" os "bons sentimentos" dos libertários. É efetivamente necessário escolher entre a crença no projeto revolucionário, de um lado, e a "ideologia" libertária, de outro. Não se pode ser anarquista e desenvolver um projeto revolucionário, já que este nega o conjunto dos valores libertários. Não tê-lo compreendido levou os libertários da primeira metade do século XX a incríveis aporias, escavando um fosso entre sua prática e sua ideologia.

2. A ideia de revolução enquanto projeto global e totalizante, que se refere ao conjunto de uma sociedade dada, é necessariamente um projeto totalitário porque "anula" em um mesmo ato o conjunto de trajetórias individuais, subordinando o particular ao geral. Na realidade, a sociedade é um sistema, no sentido forte do termo: todas suas partes interagem umas com as outras e estão relacionadas entre si. A sociedade é mais que uma soma de partes, mas ela também é menos do que a soma de suas partes, pelo simples fato de estar interligada em um sistema, cada parte sofre as exigências que limitam a expressão de suas características. O "projeto revolucionário" comporta também um "projeto de sociedade". Não se trata de um simples projeto negativo dirigido para a destruição do social instituído, mas também comporta a proposta de um sistema social alternativo. Em consequência, o projeto revolucionário se apresenta como um desenho que afetará, de um jeito ou de outro, a existência de cada uma das partes que compõem a sociedade, para além destas partes quererem ou não se adaptar ao projeto de sociedade concebido pelos "revolucionários". Um projeto de sociedade pode estar concebido de maneira a maximizar a liberdade e a autonomia de cada elemento social, mas cada elemento deve se ajustar ao conjunto e este conjunto deve assegurar a compatibilidade, exercendo sobre este elemento as operações materiais e ideológicas necessárias. O modelo de sociedade vinculado por um projeto revolucionário, portanto, é um modelo para todos.

Pode-se duvidar de que a finalidade da ação libertária consista em promover um sistema social, qualquer que seja, na medida em que, por definição, este sistema será parcialmente imposto.

3. Por último, a ideia de revolução implica a crença no determinismo social, isto é, a crença de que a sociedade é uma espécie de máquina regida por leis, sobre a qual se podem aplicar algumas ações casuais para produzir efeitos controlados e previsíveis. Sem esta crença o "projeto revolucionário" não tem sentido, já que uma estratégia somente pode ser elaborada se estiver baseada numa relação causal entre operações realizadas e consequências produzidas ou, pelo menos, numa convicção nestas qualidades casuais. O que leva a ignorar simplesmente que a sociedade é um sistema auto-organizado e por isso fortemente imprevisível em suas relações e em seu funcionamento. E isto leva também (porém, esta é outra questão) a aceitar um modelo de conhecimento do social baseado no controle do objeto a conhecer, ou seja, em última instância baseado no controle social.

Definitivamente, o pensamento libertário não pode alojar em seu seio o conceito de revolução e deve inclusive abandonar o uso do termo. A atividade prática dos libertários pode, eventualmente, desencadear ou provocar uma revolução, mas nunca como resultado de um projeto racional e coerente. O "desejo de revolução" e a "utopia" subjacente nas práticas libertárias constituem poderosos elementos de mudança social. Podem forçar o sistema social a se reestruturar sem que se saiba muito bem como e por que. Por sorte, nem os libertários nem quaisquer outros dominam suficientemente os mecanismos e as regras sociais para poderem controlá-las e dirigirem voluntariamente seu curso.

Para terminar, gostaria de lembrar que o anarquismo é um sistema em devir, um sistema essencialmente mutável, que em suas origens estava cheio de fracassos e de rasgos autoritários, e ainda hoje continua os tendo.

Adeus à revolução

Numa perspectiva anarquista crítica, trata-se, por assim dizer, de melhorar o anarquismo dia após dia, livrando-o paulatinamente de seus conteúdos autoritários. Hoje, o progresso do pensamento anarquista passa por três condições fundamentais:

1. Abandonar explicitamente o conceito de revolução, dar continuidade à crítica e tirar todas as consequências deste abandono.
2. Reconhecer a impossibilidade de uma sociedade privada das relações de poder e também tirar as consequências disso.
3. Reconhecer que nem todas as finalidades positivas são necessariamente compatíveis entre si e tirar as conclusões.

Utopia

Se o que foi dito é certo, isso é verdadeiramente lamentável, pois era agradável sonhar com uma sociedade sem poder, crer que todos os valores que nos pareciam positivos pudessem se organizar em uma espécie de buquê harmonioso, e era efetivamente exultante viver lutando pela revolução. Nós, anarquistas, estivemos entre os primeiros a proclamar que o homem deveria se habituar a viver sem deus, ainda que isto fosse frustrante e difícil; hoje, os anarquistas, e os homens em geral, devem aprender a viver abandonando a crença na revolução.

Tradução do espanhol por Rodolpho Jordano Netto.

Revisão técnica de Beatriz Scigliano Carneiro.

Notas

¹ Lippo Bertì. “Rivoluzione o...?”. In *Aut-Aut*, janeiro, 1980, Milão.

Resumo

O autor assinala que revolução contém aspectos autoritários tanto para ser atingida quanto para ser mantida. Nesse sentido as ações referentes à revolução apresentam uma incompatibilidade de base com o anarquismo.

Palavras-chaves: anarquismo, revolução, movimentos sociais.

Abstract

The author points out that revolution contains authoritarian aspects both to be achieved and to be maintained. In this sense, the actions concerning the revolution present a basic incompatibility with anarchism.

Keywords: anarchism, revolution, social movements.

Goodbye Revolution, Thomas Ibañez.

Recebido em 12 de março de 2018. Confirmado para publicação em 10 de maio de 2018.

MEMOIRS OF A REVOLUTIONIST PETER KROPOTKIN



**The complete
original edition
of the majestic
autobiography**

**"One of the
cornerstones for
the building
of the future"**

- Georg Brandes

With new introductions by
**PAUL GOODMAN and
BARNETT NEWMAN**

E X T E R M Í N I O

ecologia

O que se chama, propositalmente, de "crime organizado" é um produto direto do sistema penal.

Não é um resultado, mas é meio e fim que retroalimentam e garantem a continuidade e a expansão desse mesmo sistema penal que cria tanto o legal quanto o ilegal, além de distribuir e regular a violência do Estado.

Nessa atividade de distribuição e regulação se produzem mortes e execuções. É do jogo.

Ao contrário de uma insistência discursiva, inclusive de especialistas, em descrever a existência do "crime organizado" como algo que está fora, à margem, paralelo e/ou contra a sociedade, ele se encontra instalado nas mais diversas esferas da vida social, de alto a baixo. Faz parte da ordem.

Trata-se de uma atividade lucrativa e de rendimentos como outra qualquer, em torno da qual ricos e pobres, poderosos e subalternos, fazem sua vida.

Em poucas palavras, constitui um espaço de mercado no qual o uso da violência e a produção

de mortes de pessoas tem, simultaneamente, alta e baixa tolerância: baixa quando o alvo é a autoridade pública; alta quando o agente é a polícia executando os chamados *bandidos*.

Em sua atividade ordinária, não só os chamados criminosos vivem do que se classifica como crime. Basta lembrar das infinitas atividades que se realizam em torno dos temas crime, criminosos, investigação, polícia, segurança, tribunal... São questões que ocupam de produtores culturais de entretenimento a pesquisadores das mais diversas áreas científicas, mídias, reformas do próprio sistema penal, passando por agentes diretos como policiais e seguranças privados.

Embora seja um espaço de mercado, o "crime" e o "combate ao crime" são polos em torno dos quais se formam complexas relações de poder que têm e não têm conexões com as leis do Direito ou do Mercado. As leis do Estado, assim como as do Mercado, são apenas uma parte dos efeitos dessas intrincadas relações.

O chamado combate ao crime é uma política.

Trata-se de produzir um complexo de ações capazes de neutralizar potenciais perturbações da ordem, mantendo a ocorrência de "crimes" num raio tolerável e governável e, assim, extraindo delas lucratividades política e econômica. Hoje em dia, já se reconhece impossível acabar com o "crime", e o "criminoso" está incluído como variável *marginal*.

A partir do final da década de 1970, a *racionalidade neoliberal*, por meio dos seus agentes acadêmicos da Escola de Chicago e *think thanks* estreitamente relacionados, passou a chamar esse campo de relações sociais (leia-se: relações de poder) de *ecologia criminal*.

Um recurso político discursivo de descrição que descola o chamado "combate ao crime" da rigidez da lei e das ações repressivas/reativas aos denominados atos infracionais e à *escolha racional* do sujeito criminoso.

Isso permitiu uma realocação na centralidade da segurança das ações governamentais promovendo a garantia da segurança pelo Estado voltada aos cidadãos para uma produção ativa de ambientes seguros (*safe place* ou *place of safety*), termo cunhado no *Mental Health Act*, promulgado na Inglaterra, em 1983.

Assim, toda ação de governo diz respeito à segurança - da reforma de praças à construção de presídios, para ficar apenas na produção de espaços físicos na urbe - e, diferente do *Mental Health Act*, que veio para regulamentar a internação de pessoas em instituições psiquiátricas, a produção social do *place of safety* norteará a gestão dos viventes a céu aberto.

Essa formulação mais contemporânea expande o que se conheceu na emergência moderna do sistema penal como regime dos ilegalismos.

A extinção do crime deixa de ser uma meta (mesmo utópica) e todos os esforços se voltam para gestão de uma quantidade ótima de infrações governáveis. Uma ação de governo que não diz respeito apenas à polícia como destacamento especial do Estado, a quem é permitido o uso letal da violência no exercício dessa gestão.

Uma variabilidade quase infinita de agentes sociais passa a ser convocada a produzir segurança: do especialista de centros de excelência em pesquisa ao assistente social no CRAS do mais ermo bairro de periferia, fazendo com que a produção de ambientes de segurança seja o dever de cada cidadão na democracia (neo)liberal hoje.

Cada um deve cuidar da praça e do presídio, de tal maneira que o presídio vira praça e pouco se nota a diferença.

relações, em um ambiente

A centralidade da segurança nas sociedades contemporâneas a constitui como um campo de disputa.

No Brasil de hoje, o estado do Rio de Janeiro é o ambiente no qual essa disputa ocorre de forma mais aberta e incerta.

É uma disputa por recursos estatais (armas, dinheiro, infraestrutura), por território (das favelas/*comunidades* e dos bairros de classe média) e por fatias do mercado (de drogas, de serviços variados, de transportes etc.). O que determina o controle de cada uma dessas dimensões em disputa é a posição ocupada nas relações de poder, e o que garante a continuidade nesta posição é o poder de controle da segurança.

Em resumo: uma disputa pelos controles logísticos da cidade e o que podem oferecer. E esta disputa é, forçosamente, violenta.

A realização dos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro expandiu muito esse campo de disputa e o que estava sendo pleiteado, além de fazer crescer o aparato de controle estatal de segurança e monitoramento.

Em pouco menos de 10 anos, variados agentes fatiaram a cidade, o estado e seus negócios. E como todo agente econômico, eles fazem e rompem acordos entre si assim como qualquer jurista troca de gravata ou de *tailleur*.

No campo da disputa violenta, havia no mínimo quatro forças (também fragmentadas em seu interior): as milícias (a mais famosa é a Liga da Justiça ou Bonde do Batman, na zona oeste da cidade), o Comando Vermelho, a ADA (Amigos dos Amigos) e o Terceiro Comando.

As milícias - formadas por bombeiros, policiais, vigilantes privados, agentes penitenciários e militares da ativa e reformados - surgem no começo dos anos 2000 e se consolidam na esteira das UPPs e dos projetos habitacionais, para os quais oferecem, em primeiro lugar, segurança, e depois serviços associados, de distribuição de gás a ponto de TV a cabo, passando por transporte alternativo de vans e mototáxi.

Em nome do combate ao chamado poder paralelo, que na verdade age com conivência e/ou em parceria com os agentes estatais (de funcionários de carreira aos representantes parlamentares e do executivo), o Estado (governos municipais, estadual e federal) despeja muita *verba*.

Em 2008, segundo a Secretaria de Fazenda do Estado, o Rio de Janeiro gastava R\$ 5,8 bilhões em segurança; em 2017, esse montante chegou a R\$ 12,2 bilhões. Só com a intervenção federal militarizada, iniciada em fevereiro de 2018, o Comando Militar do Leste, que destacou 30 mil homens para operação, já gastou R\$ 1,2 bilhão em um estado que se declarou falido em 2018 e que não paga regularmente os seus funcionários.

Em âmbito nacional, em março de 2018, o ministro da segurança pública Raul Jungmann anunciou acordo inédito junto ao BNDES, a

liberação de 42 bilhões de reais para estados e municípios investirem em segurança pública.

E, assim, chegamos ao fechamento do círculo na retroalimentação do sistema penal: a parte mais significativa desses recursos está destinada à construção de presídios! O restante está fatiado para pagamento de pessoal; compra de equipamentos e o rubricado com gastos com presídios; aquisição de equipamentos eletrônicos para ação de monitoramento, incluindo desde *tablets* para uso em policiamento ostensivo até *scanners* para revista em presídios.

O troco dessa pequena fortuna é disputado, via editais, por pesquisadores especialistas em segurança pública. Eles estão nos núcleos de pesquisa universitários, institutos e fóruns especializados, fundações filantrópicas empresariais, *think tanks* e ONGs de direitos humanos. Criam bancos de dados e ferramentas de aferição e monitoramento de dados; teses para reforma de presídios, da polícia e da política de segurança pública; alimentam a continuidade do sistema penal, e servem como assessores de ministérios e comissões parlamentares especiais.

Em meio à *variada* produção, exibem-se na mídia e, vez ou outra, surpreendem-se com evidências de que todo seu maquinário (físico, eletrônico e conceitual) não foi capaz de

revelar. Como, por exemplo, o fato de que a chamada maior facção criminosa do país possua uma lógica de funcionamento calcada na racionalidade da gestão empresarial que envolve desde assistência social às famílias de prisioneiros até intrincados sistemas logísticos de informação, transporte e segurança.

Como ocorre nas missões de pacificação da ONU, a disposição ao enfrentamento violento (matar e morrer) vem para *motivar* os agentes. Há, nas diversas pontas do processo, três objetivos comuns: prestígio, aperfeiçoamento tecnológico e, claro, grana.

Em nome da continuidade dos negócios, nenhum desses agentes político-econômicos, estejam eles no campo da legalidade ou da ilegalidade, tem interesse na abolição do sistema penal.

variabilidade dos alvos

A bola da vez anunciada pela cúpula da intervenção federal militarizada no Rio de Janeiro é a milícia.

A ela foi atribuída a perda de controle logístico do espaço urbano, a degradação institucional por meio da corrupção dos agentes públicos e o aumento da letalidade

nos confrontos entre agentes da lei e a variabilidade dos agentes ditos criminosos.

A cereja do bolo, para incluir o componente emocional fundamental no funcionamento de toda essa racionalidade da produção do extermínio, foi a execução sumária, técnica e propositalmente explícita, da vereadora Marielle Franco e do motorista do automóvel, Anderson Gomes.

Marielle Franco era negra, como são os rostos pretos que todos se acostumaram a ver como alvos regulares do extermínio. Ao mesmo tempo, na condição de vereadora, ela circulava entre pessoas que não são alvo deste extermínio: os brancos da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Compunha uma imagem híbrida calculada, e seu assassinato foi capaz de gerar comoção na medida certa ao que ficou reduzido e marcado, entre diversas forças governamentais e da sociedade civil organizada, apenas como um golpe no Estado Democrático de Direito. Ao mesmo tempo, o caso alimentou a boataria de que ela seria namorada de um traficante e, portanto, *matável* aos olhos da sociedade punitiva.

As milícias, que nasceram de uma ânsia justiceira, especialmente em favelas/*comunidades* pacificadas pelas UPPs, logo descobriram, para além do tráfico (que eles diziam combater em nome da dignidade do

local), um amplo mercado de serviços, tendo como carro-chefe a segurança, *oferecidos* aos moradores de favelas/*comunidades*, em especial na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

De transporte alternativo, passando pela distribuição de água e gás, até a manutenção de postos com máquinas de caça níqueis, a ampla gama de pequenos negócios fez da milícia uma grande empresa local.

No entanto, ela não tem o poder e a amplitude de negócios da transacional facção empresarial paulista. Vive e se mantém por meio da corrupção e cooptação de agentes públicos subalternos, como o batalhão da PM que patrulha uma determinada região, o vereador do bairro ou prefeito de uma pequena cidade.

Com tanta gente negociando, os enfrentamentos violentos se tornam mais recorrentes e os acordos são quebrados com mais frequência. Isso sem contar as disputas territoriais com os comandos e facções, que dominavam o lugar antes das UPPs. Além disso, o envolvimento em negócios - que antes diziam combater, notadamente o tráfico de drogas, e o uso espetacular da violência -, fez com que muitas milícias perdessem os apoios, declarados ou tácitos, de moradores do bairro.

Esses fatores, sumariamente listados aqui, causaram um "desequilíbrio ambiental" na *ecologia criminal* da cidade. Sintomaticamente,

antes da intervenção, o mais longevo secretário de segurança pública da história do Brasil republicano, e responsável pela gestão do extermínio, caiu.

Não existe sistema penal sem uma gestão ótima do extermínio, sem uma regulação, medição e atualização da produção de mortes.

Ele alimenta e se nutre de negócios variados, mas para isso elege, variavelmente, seus alvos regulares e os ocasionais. Ontem, era o tráfico, hoje, é a milícia.

Se o negócio das milícias foi favorecido pela mais aclamada – à esquerda e à direita – política de segurança pública do período pós-ditadura civil-militar, as UPPs, estaria agora a intervenção federal militarizada favorecendo a introdução de um agente mais eficaz, e com maior expertise comprovada, na gestão do extermínio?

Quanto à execução de Marielle Franco, não interessa a investigação, o DNA das balas, a força-tarefa da polícia civil... Interessa a interrupção da imensa disputa por essa logística que a executou e segue gerindo o extermínio regular que retroalimenta a existência do sistema penal.

Não interessa a justiça, é urgente a abolição das penas!

E que ela não venha da caneta de uma princesa atualizada para os tempos de hoje, pois, como mostra a história republicana do Brasil, não será abolição, mas novo blefe! Como bem alertou, em cima do lance, o anarquista Lima Barreto, um preto livre!

[Publicado como hypomnemata 199. Boletim eletrônico mensal do Nu-Sol, março de 2018.]

anotações para extermínio: higienizações e ilegalismos

salete oliveira

Um filete de sangue vermelho. Denso, viscoso, um pouco adocicado, um pouco salgado. O cheiro do sangue, por sua vez, é um misto de agridoce. O sangue quando fresco é de um vermelho gritante, quando velho, com o tempo, dentro ou fora do corpo vai ficando marrom e com mais tempo resvala ao negrume. O sangue que não estanca, mata por hemorragia. Assim como um naco de sangue coagulado pode obstruir a circulação. A anticoagulação pode tentar impedir a produção de coágulos na corrente sanguínea. Mas nunca se sabe ao certo se um coágulo, quase improvável, não surgirá e levará a uma embolia pulmonar com enormes chances de matar por asfixia ou, caso o coágulo suba até a cabeça, provocará uma isquemia fazendo, dentre outras, com que se perca um naco do cérebro para sempre ou, então, estourar os miolos de uma vez por todas... Podem criar o direito que for, isto nunca responderá ao que é a minha vida!

Salette Oliveira é pesquisadora no Nu-Sol e professora no Departamento de Política e Programa de Estudos Pós-Graduados na PUC-SP. Contato: peemanki@yahoo.com.br

Como enfrentar e combater extermínios sem deparar-se frente a frente com o seu sangue fervendo em suas próprias veias e, simultaneamente, com o sangue jorrado, escorrido, esquecido, escondido, coagulado, putrefato, sumido, de gente de carne e osso? E ao mesmo tempo, como não voltar-se a um de seus baixos começos que, por sua vez, alimentam extermínios, higienizações e ilegalismos.

Talvez por isto, e em meio a tudo isto, tenha vindo à lembrança o título de um minúsculo texto de Michel Foucault de apenas algumas linhas chamado “Um esguicho de sangue ou um incêndio”. Trata-se de uma pequena e incisiva intervenção feita por ele, em 1972, em decorrência dos desdobramentos de um incêndio ocorrido em uma danceteria próxima à Grenoble, na véspera do dia de “todos os santos” de 1970. 160 jovens foram mortos por asfixia ao não conseguirem sair de lá. Não se tratou de incidente, acidente, ou seja lá o que for que derive disso. 160 jovens foram mortos asfixiados naquela noite. “Um esguicho de sangue ou um incêndio” é precedido de outro pequeno texto de Foucault, também de 1972, intitulado “Encontro Verdade-Justiça – 1500 grenoblenses acusam”, outra breve e incendiária intervenção de Foucault em torno da morte destes 160 jovens. Nela se encontra um precioso deslocamento diante do que aconteceu que não se restringe a um episódio datado.

“Antes de colocar a questão: Quem matou?, creio que é preciso colocar a questão: Quem foi morto?”¹.

Este deslocamento não é uma mera inversão, tampouco uma denúncia, mas uma entrada sem meias palavras para

enfrentar uma questão que interessa de forma definitiva e que tantas vezes é evitada, contornada, diluída, esfumaçada: a questão dos jovens que são mortos. Colocando em outros termos: jovens são os mortos preferenciais. Mas não só. Há, ainda, algumas passagens imperdíveis neste pequeno texto de Foucault e que interessam para o enfrentamento do extermínio de jovens hoje, agora.

“Fala-se dos bandos de jovens, não se fala dos bandos que extorquem os jovens, que os roubam e expõem suas vidas’ (...) Bem, digo que há roubo em todo lugar, mas roubo em que os jovens são as vítimas... Então que não venham nos falar de delinquência geral dos jovens, mas antes que nos falem, interroguem-nos sobre a delinquência geral em relação aos jovens. (...) Para o pessoal político do que chamamos uma democracia, é uma tradição estar em contato com a corrupção e as ilegalidades”².

E antes que venham com a mesma lenga-lenga de sempre, que brada aos quatro cantos que deve se proteger a vida e é para isto que estão aí o Estado, as leis, a polícia, as forças armadas oficiais ou extra-oficiais, os vigilantes do garantismo, das compensações, das averiguações, dos defensores da prisão, das penas exemplares, alternativas, restaurativas, substitutivas, das medidas socioeducativas, dos itinerários infundáveis de punições com suas prisões fechadas ou em meio aberto e suas eternas e inerentes reformas, do amor aos tribunais, ao julgamento, ao juízo e ao castigo... Diante disto é preciso urrar: dispenso-me disto! E é em tudo isto que meto fogo! A vida não é sagrada! A vida é minha! Meu corpo não é propriedade de ninguém. E, da mesma maneira que não há vida eterna, a vida não é um bem, tampouco um bem a ser gerido, gerenciado, administrado, contabilizado, monitorado,

negociado, extorquido, ameaçado, marcado para morrer pela mão de quem quer que seja.

E, mais uma vez, é preciso dizer do que não se fala. Voltemos, então, um pouquinho, a um breve trecho de outro pequeno texto de Foucault, ainda do início da década de 1970, na esteira de “Um esguicho de sangue ou um incêndio”, intitulado “Os dois mortos de Pompidou”, quando uma onda de suicídios sacudiu as prisões em 1972.

“Há um homem que mora em Auteuil que, na noite de segunda para terça-feira última, ganhou 1.200.000 francos. M. Obrecht foi esperto por duas vezes: 600.000 francos antigos por uma cabeça saltando dentro de um cesto.

Isso existe ainda, faz parte de nossas instituições, convoca em torno de sua cerimônia a magistratura, a Igreja, os policiais armados, e, na sombra, o presidente da República — em suma, todos os poderes: Há qualquer coisa de fisicamente, politicamente, insuportável.

Mas a guilhotina não é, na realidade, senão o cume visível e triunfante, a ponta vermelha e preta de uma alta pirâmide. Todo o sistema penal é, no fundo, orientado em direção à morte”³.

Não faltarão os inermes que poderão objetar: por que se demorar tanto em uma década que já vai longe, que se situou na França e não aqui? E por aí vai... Ora, mas não é disto ainda que se trata, agora e aqui? Se a guilhotina é o cume, como aponta Foucault, ela permanece o ápice nas cabeças que continuam a rolar intrínsecas aos volteios do sistema penal, do direito penal e de todos os direitos, que também o sustenta, dos canalhas de toda ordem no

vaivém das penalizações, seja com o aval sempre intrínseco do e ao direito penal, seja dos canalhas da mesma cepa de comandos, facções, empresas e congêneres que deceparam cabeças nas ruelas, becos, morros, vielas, páteos ou celas de prisões. Mas não só! No desfile da grana, muita grana, no vaivém de *caputs* e mais *caputs*, com seus vênias e data vênias do Direito. E nunca é demais lembrar que todas as penas foram criadas pela crença no castigo, assim como foi a religião e a Igreja engalanada, por meio de sua pedagogia do amor, que criou, também, a distinção e complementaridade entre a “pena capital” e a “pena venial”. Eis seu cume: *caput* = cabeça.

Mais uma vez é preciso perguntar: onde estão e o que é feito dos jovens tragados, seletivamente, pelo sistema penal? Este canalha sórdido, também, *caput* = cabeça que sustenta, alimenta e retroalimenta higienizações e ilegalismos. Este *caput* = cabeça, que só subsiste pela devoção de canalhas sórdidos, orientado em direção à morte³.

Na abertura do último Levantamento Anual do SINASE-2015, publicado no ano de 2018, lê-se:

“Os dados do Levantamento Anual referentes ao ano de 2015, consolidados pela Coordenação Geral do SINASE, indicam um número total de 26.209 (vinte e seis mil, duzentos e nove) adolescentes e jovens (12 a 21 anos) em restrição e privação de liberdade (internação, internação provisória e semiliberdade) na data de 30 de novembro de 2015, além de 659 (seiscentos e cinquenta e nove) adolescentes em outras modalidades de atendimento (atendimento inicial, internação sanção e medida protetiva), com um total geral de 26.868 (vinte e

seis mil, oitocentos e sessenta e oito) adolescentes e jovens incluídos no sistema”⁴.

Ao se ater, mesmo que de forma breve, a este levantamento, somente publicizado neste ano de 2018, está-se diante de informações com uma defasagem de mais de 2 anos, e alguns elementos saltam aos olhos:

- **A lei.** A lei diz que estas informações atualizadas têm de ser publicizadas todos os anos. Viu como a lei não serve para nada? Ou melhor, ela serve para proteger a propriedade. Neste caso específico, proteger os canalhas sórdidos que se arvoram em proprietários dos corpos deste jovens encarcerados, em nome da defesa da ordem pública, em defesa de sua integridade pessoal, devido à alegada violência destes jovens e do que chamam dissolução da autoridade da autoridade paterna. E tudo isto sustentado e lustrado por uma infundável corja que se presta a lustrar e proteger unidades de internação provisória, unidades de internação, unidades de semiliberdade, unidades de sanção, unidades protetivas e unidades de tratamento. Sem falar na defesa do cortejo de aplicação das chamadas medidas socioeducativas aplicadas em meio aberto.

-**Os funcionários.** Fala-se tanto em unidades de internação superlotadas. Simples, acabem com elas que elas se esvaziarão, e deixarão de existir. Basta que não se interne mais jovem algum. Entretanto, salta aos olhos o que se repete desde a criação da Secretaria do Menor, como mostrou Márcia Lazzari em *Panaceia Burocrática*, seu mestrado orientado por Edson Passetti, ainda na década de 1990: há mais funcionários empregados nesta tralha carcerária do que jovens que para lá são destinados. Segundo o levantamento SINASE-2015, os jovens

cumprindo as chamada medidas socioeducativas de restrição de liberdade no país, levando em conta meninos (56%) e meninas (44%), somam 26.868, enquanto os funcionários perfazem um total de 34.543 profissionais. Então, sem contar o incontável corolário de serviços do aprisionamento e portanto morticínio de jovens, que cerca o encarceramento de jovens no Brasil, encontra-se pelos dados de 2015, relativos ao campo da multifacetado das unidades de internação, mais de 1 funcionário para cada jovem, ou, mais especificamente: 1,28 funcionário para cada jovem. Conclui-se, mais uma vez: só mudam as moscas zunindo sobre os corpos deste jovens destinados ao extermínio.

E agora, danem-se os dados deste maldito levantamento defasado. Isto não passa de gente de carne osso que vira estatística no vaivém asséptico dos higienismos e ilegalismos. Onde estão estes jovens que são tragados pelo sistema penal e o que é feito deles, que estatística alguma jamais será capaz de apanhar? Simplesmente porque bastava que fosse um jovem, e qualquer um, para isto expor o inaceitável e o insuportável para alguém que, diante do encarceramento intra ou extra-muros, permanece com o sangue fervendo nas veias. E mais uma vez interessa Foucault, em outro trecho de “Dois mortos em Pompidou”.

“A prisão não é alternativa para a morte, ela traz a morte consigo. (...) É de vida ou de morte, não de ‘emenda’, do que se trata nas prisões (...) Meditemos um pouco sobre isto: somos punidos na prisão quando queremos nos matar; e quando a prisão está cansada de nos punir, mata-nos. (...) A prisão é uma máquina de morte”⁵.

Retomo agora o hyponnemata 194 do Nu-Sol, intitulado *Com a garganta seca*.

“Com a garganta seca

Aprisionar jovens, um moedor de carne

O perito do IML, na porta da sala onde se encontram os cadáveres na geladeira, fala para ela:

- Você tem coragem de entrar para reconhecer seu filho?

- Por quê?

- É que o corpo dele ficou *bem estragado*.

Aprisionar jovens, esta calcinação

Um cárcere para jovens considerados infratores em Lagoa Seca, próximo à Campina Grande, na Paraíba. O nome da prisão? *Centro Educativo Lar do Garoto Padre Otávio Santos*.

Na madrugada do dia 03 de junho de 2017, após uma rebelião e fuga, sete jovens trancados numa cela, destinada a presos provisórios, são queimados vivos.

O caso ganha repercussão. A versão dada pelos carcereiros (chamados, atualmente, de agentes ou agentes de suporte) sobre o que aconteceu, e adotada pelas autoridades e especialistas, é que eles foram mortos por outros jovens devido a rixas entre eles.

Não foram não! Parem as buscas, as devassas, tá tudo aí, lá, aqui, na cara, no óbvio: os canalhas deram cabo deles! E somam-se a estes canalhas, a horda infinda dos preconizadores das medidas socioeducativas, das medidas protetivas, substitutivas, alternativas e restaurativas.

Falar que foram os outros jovens encarcerados que os carbonizaram é apenas a versão diletta, predileta e oportuna para justificar a continuidade da existência de prisões para jovens no país e suas infundáveis reformas.

Mas não só.

Não seria preciso esperar por estes 7 corpos, entre 15 e 17 anos, calcinados, para constatar: matar jovens é o ofício de vida de todos aqueles que defendem, aceitam, recomendam, ou contemporizam com a continuidade da prisão, das penas e dos castigos.

Mas não só.

Salta, também, aos olhos um pequeno detalhe. Permanece insuportável a fuga de jovens dos cárceres que abundam no país. E, é preciso não perder de vista que a prisão para jovens consiste em uma das pedras de toque que liga, ergue, sustenta e retroalimenta o sistema penal e suas terminações carcerárias, manicomiais, de monitoramentos, de alternativas, e todas as suas variações para adultos.

Dito de outro modo, não há sistema penal que viva ou sobreviva sem se erguer sobre o aprisionamento de jovens intra e extra-muros.

Aprisionar jovens, o óbvio do mais no mesmo

7 jovens foram queimados vivos.

Recomeça-se, mais uma vez, pela milésima vez, pela trilionésima vez, pela enésima vez, a conhecida la-da-i-nha em torno da carnificina inerente à prisão, seja ela a pocilga do lar-do-garoto-do-padre-dos-santos na aridez da miséria de Lagoa Seca no nordeste brasileiro, seja ela a pútrida Fundação Casa no estado mais rico do sudeste e do Brasil, seja ela a reluzente ‘casinha do papai’ ao molde estadunidense, onde há até mesmo máquinas onde basta apertar um botão e saem bolos e docinhos decorados para as celebrações de matrimônios realizadas no cárcere, e que serve de meta do paraíso prisional onde pretende chegar a prática do esmero carnífice voltada à continuidade da prisão e sua melhoria e seu aperfeiçoamento.

O executivo do estado da Paraíba vem a público se solidarizar com as famílias.

BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ.....

No dia 05 de junho de 2017, o judiciário e o executivo do estado da Paraíba, com base nos preceitos promulgados pelo legislativo, tomando como parâmetro o ECA, trocam acusações, por meio de notas oficiais, sobre a chacina ocorrida no cárcere para jovens em Lagoa Seca.

Nota do judiciário, endossada por 35 juízes das Varas da Infância e da Juventude do estado da Paraíba:

‘A responsabilidade pela administração de tais unidades é do Poder Executivo e o problema da superlotação pode ser resolvido com a construção de novas unidades para cumprimento de medida socioeducativa de internação, nomeação e capacitação de servidores (...).’

Anotações para Extermínio: higienizações e ilegalismos

BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ.....

Nota do executivo, por meio de sua secretaria de comunicação:

‘O Governo do Estado da Paraíba vem a público lamentar o ocorrido na unidade Lar do Garoto, neste sábado (3), e informar que tomará todas as providências cabíveis para apuração exata de todo o fato e, conseqüentemente, punição, no âmbito administrativo, dos responsáveis por eventuais omissões, negligências ou excessos. No entanto, não admitirá que instituição alguma se revista do direito absoluto da verdade e possa apontar o dedo acusatório sem antes mesmo olhar-se no espelho. (...)’

BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ.....

100 dias depois, em setembro de 2017, o Ministério Público Federal, por meio da Comissão de Direitos Humanos e Combate à Tortura do Ministério Público do estado da Paraíba, convoca uma audiência de homenagem aos jovens calcinados no cárcere para jovens de Lagoa Seca. Anunciam melhorias, novas contratações, plano de “ajuste de conduta” para os velhos e novos carcereiros, tratamento de água potável que abastece a prisão, vila olímpica, oficinas mil de capacitação e profissionalização, uma unidade prisional específica para semi-liberdade etc, et, etc.

BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ, BLÁ.....

Em poucas palavras, o Executivo administra, apura, sanciona e pune; o Judiciário manda construir, capacitar, aceita denúncia ou representação, interpreta (leia-se julga), sentencia e pune. A polícia prende, realiza o inquérito, diuturnamente tortura, regularmente mata, pune, e

apresenta o jovem considerado infrator ao Ministério Público. O Ministério Público, por sua vez, apresenta ou acata denúncia, representa e pune. O legislativo respalda e elucubra velhas e novas maneiras de punir. As organizações de direitos humanos fiscalizam, denunciam ao Ministério Público, recomendam melhorias na prisão para jovens, ou seja, punem. As prisões para jovens por uma questão de lógica, punem.

Afinal, todos precisam justificar seus empregos, seus cargos, suas ocupações, seus afazeres, suas diligências, suas comissões, seus conselhos, seus laudos e contra-laudos, suas perícias, seus relatórios, suas supervisões, suas visitas de averiguação, suas recomendações, suas audiências, seus plantões, suas críticas ao “sistema” visando aprimorá-lo... assim como a Justiça, o Direito, a Lei, a Norma, a Moral..., ou seja: deus, o diabo e todos os santos.

Atear fogo na prática de aprisionar jovens

É de se perguntar em meio a toda esta parafernália: o que é feito destes garotos e garotas sequestrados pelo sistema penal? E, nada mais fácil do que fazer ouvidos moucos ao óbvio.

O sistema penal alimenta-se dele mesmo, ou, trocando em miúdos a partir da perspectiva do abolicionismo penal: o sistema penal é o seu próprio cliente. Logo, serve a todos que se alimentam dele, assim como a prisão.

E se é a carne triturada destes garotos e garotas que se mostra tão valiosa para sustentar tudo isto, então, é simples, basta dar um fim ao aprisionamento de jovens no

país, como primeiro gesto para abolir o direito penal, e por derivação implodir o próprio sistema penal.

Para dar um fim à prisão para jovens no país não é preciso esperar por nada.

E, quem defende a prisão para jovens é porque deseja segurança ou paz eterna, o que dá no mesmo. Para estes é simples, também. Pule o muro do cemitério cave uma cova e se enterre vivo, seguro e em paz! Ou então, vá até o IML, descubra onde fica o necrotério, adentre na sala, abra uma das gavetas vazias e se enfie lá para queimar vivo no frio do congelador, seguro e em paz!”⁶.

Notas

¹ Michel Foucault. “Encontro Verdade-Justiça – 1500 grenoblenses acusam”. In *Repensar a política (Ditos e escritos VI)*. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010, p. 66.

² Idem, p. 66-67.

³ Michel Foucault. “Os dois mortos de Pompidou”. In *Repensar a política (Ditos e escritos VI)*. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010, p. 70

⁴ SINASE. *Levantamento Anual SINASE-2015*. Brasília, 2018, p. 4.

⁵ “Michel Foucault, 2010, op. cit., p. 71.

⁶ Nu-Sol. *Hypomnemata 194 – Com a garganta seca*, set. de 2017. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/blog/hypomnemata-194-2/> (acesso em 04/06/2018).

Resumo

A partir de textos de Michel Foucault publicados no início dos anos 1970 e de material do Nu-Sol, o artigo afirma a urgência em interromper o aprisionamento de jovens no Brasil.

Palavras chave: extermínio; higienismo; ilegalismo

Abstract

Based on Michel Foucault's works published in the early 1970s and in Nu-Sol's researches materials, this article states the urgency of stopping the imprisonment of young people in Brazil.

Keywords: Extermination, Social hygiene, illegalism.

Social hygiene and illegalism: notes for Extermination, Salete Oliveira.

Recebido em 7 de maio de 2018. Confirmado para publicação em 17 de maio de 2018.

extermínio: higienizações e ilegalismos

pe. julio lancelotti
rosalina santa cruz
acacio augusto
edson passetti

23 de abril
19h30

auditorio 117-a
puc-sp



realização
nu-sol
pepg em ciências sociais

estamos todos presos. estamos?¹

edson passetti & acácio augusto

Abertura

Gus:

“... falo da responsabilidade do poeta, esse irresponsável por direito próprio, esse anarquista apaixonado por uma ordem solar e jamais pela nova ordem, ou o slogan que faz 5 ou 700 milhões de homens marcarem passo numa paródia de ordem; falo de uma coisa que vai contrariar profundamente os comissários... Todo comissário está pronto para ver no poeta o maricas ou o cocainômano ou o irresponsável de turno; e o mais espantoso é que certa vez houve um comissário chamado Platão.”²

Vitor:

“Ao caminhar em meio aos julgadores, roupa
Cinza e gasta vestia;
Tinha um boné de críquete, e seu passo lépido
E alegre parecia;
Mas nunca em minha vida vi alguém olhar
Tão angustiado o dia.”³

Edson Passetti é professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Nu-Sol. Contato: passetti@matrix.com.br Acácio Augusto é professor no Departamento de Relações Internacionais UNIFESP e pesquisador no Nu-Sol. Contato: acacioaugusto1980@gmail.com.

estamos todos presos. estamos?

Flávia:

“Quando Ismália enlouqueceu,
 Pôs-se na torre a sonhar...
 Viu uma lua no céu,
 Viu outra lua no mar.
 No sonho em que se perdeu,
 Banhou-se toda em luar...
 Queria subir ao céu,
 Queria descer ao mar...
 E, no desvario seu,
 Na torre pôs-se a cantar...
 Estava perto do céu,
 Estava longe do mar...
 E como um anjo pendeu
 As asas para voar...
 Queria a lua do céu,
 Queria a lua do mar...
 As asas que Deus lhe deu
 Ruflaram de par em par...
 Sua alma subiu ao céu,
 Seu corpo desceu ao mar...”⁴

Vitor:

“Como pode a revolução significar a sujeição de alguém, como pode a liberdade significar o domínio sobre o ex-rei da parte dos súditos? Tais relações são demasiado tristes para o novo mundo. Após a revolução nada mais de punição. Mas estamos falando de uma transformação no espírito, no ânimo. A economia é o córtex, a política é a epiderme.”⁵

Acácio:

“Encontrei o Rafa. Está totalmente convencido de que é um cara impecável. Faz ginástica todas as manhãs e tira dez em todas as matérias. Demos uma passada na casa do professor Jiménez. Logo se pôs a ler para nós trechos de Ortega y Gasset, tem todos os livros amarelos numa estante à parte, como se pensasse que estes livros de um jornalista espanhol bastassem para ser um homem bem informado. Eu lhe disse que sou anarquista. Ele sorriu com o seu sorriso canalha de sujeito que sabe tudo.”⁶

Cena 1. Na Cela

Ricardo:

Merda. Tá olhando o quê?

Gus:

O que 'tá acontecendo aí?

Vitor:

Problema seu!

Ricardo:

O que você 'tá agitando aí? Acabou de chegar e quer o quê? Cabeça baixa! Preciso dizer quem manda? Escuta bem o que vou dizer.

Vitor:

Vai bancar o pastor, agora? Não preciso disso, logo 'tô fora daqui.

Ricardo:

Você pode até sair rapidinho, mas não vai esquecer jamais que se “para os que vivem em liberdade, a visão é o sentido mais importante, para nós, é a audição.”

Gus:

Você vai sempre lembrar: a “porta que range, o assovio do amigo, o pigarro combinado, vozes ao longe, passos num corredor...”, domingo na visita íntima, e rapidamente não vai esquecer, também, quanto tempo você tem pra “tomar providências. Quando o alarme vem pelos olhos é sinal de que a coisa está feia: o preso só vê quando foi visto primeiro.”⁷

Ricardo:

Porra, já deu errado com os irmãos no mundão e esse cara me enchendo o saco. Mas, rapidinho, ele aprende como funciona.

estamos todos presos. estamos?

Gus:

Esse aí ainda não entendeu que aqui ele começou um curso novo. Essa é outra faculdade.

Vitor:

Então, tem o pastor, e agora o professor...

Ricardo:

Falou demais. Liga o sistema que no banho de sol os irmãos vão explicar melhor pra ele. Aqui você vê, ouve e leva no couro. Não vai esquecer as lembranças na pele. Não se esqueça: “o importante de tudo é que ninguém nos deterá nessa luta porque a semente se espalhou por todos os sistemas penitenciários do Estado e conseguimos nos estruturar também do lado fora com muitos sacrifícios e muitas perdas irreparáveis...”

Gus:

... mas nos consolidamos a nível estadual e a médio e longo prazo nos consolidaremos a nível nacional...

Ricardo:

... Conhecemos a nossa força e a força de nossos inimigos. Poderosos, mas estamos preparados, unidos e um povo unido jamais será vencido. Liberdade, justiça e paz.”

Gus:

“Aquele que estiver em liberdade ‘bem estruturado’, mas esquecer de contribuir com os irmãos que estão na cadeia, será condenado à morte sem perdão.”⁸

Ricardo:

Nós vamos mostrar para o governo como se pacifica a cadeia e a quebrada.

Cena 2. Um mendigo, Um habitante de rua

Acácio:

Não tenho história. A minha história é a mesma de qualquer outro morador de rua. Se ele soubesse que você ia aparecer, e se tivesse televisão pra gravar, ele era capaz até de pintar o cabelo. Do que você riu? Não vou fazer biografia, nem dizer o que eu fui, mas nós que aqui estamos não cabemos nem numa possível família, casa, rua, amigos que tivemos ou ainda temos. Não pergunte por quê. Não volto lá e pouco importa se vão me ver aqui. Não sou, não estou, sou o que não cabe em lugar nenhum. Sou o que vive na rua, o flagelo, o resto dos drogados, dos egressos, dos evadidos e de quaisquer outras palavras que caberão no seu formulário. Sou um refugiado da quebrada. Sou uma das poucas pessoas que andam livre e sem medo pelas ruas. Ando com o padre, ando com a peste.

Cena 3. O banqueiro, os terrorismos e os matadores

Gus:

Tenho um assunto grave para colocar para vocês. “Há uma barreira intelectual e social no Brasil: presídio não é assunto para uma roda social. O que as pessoas discutem é: mata ou não mata. Esse fosso entre a sociedade e o preso é extremamente perigoso. O sistema é reciclável. O criminoso vai e volta, vai e volta, e cada vez aumenta mais.”

Vitor:

Pra banqueiro nada é difícil... nem ficar um tempo na cadeia. Rapidinho adquire respeito. O banqueiro é o dono da grana, do faz-me rir, ‘tá de bem com o pastor, com pai de santo, com a organização e com os otários.

Gus:

“A maneira de se combater esse crime organizado não é (...) com a polícia, matando, prendendo — não é nada disso. Isso não resolve absolutamente nada. Só instiga o problema. Isso se resolve dando uma condição correta ao preso e à sua família. E como é que se dá essa condição correta?”

estamos todos presos. estamos?

Com uma palavra: trabalho. O preso tem que trabalhar e ganhar bem, tem que ser produtivo, para que se reedueque e entenda a função social da pena.”

Vitor:

Como o cara é bonzinho! Bom para os colegas dele, industriais, bom para a organização, bom para a prisão não acabar. É tão bom que até dá nojo de bom que é.

Gus:

“O crime organizado: o crime organizado nasce nos presídios onde tem depósito humano exatamente pela preocupação do preso em manter sua família viva aqui fora. Então eles organizam esquemas, uma forma de dar sustentabilidade à família. A organização acaba servindo os presos, aos seus familiares, dando proteção dentro e fora da cadeia.”⁹

Vitor:

Vai se foder! Pensa que a gente é jornalista de esquerda e acredita em lenda? Você sai, eu morro, a organização continua firme, minha família permanece em cana lá fora. ‘Tá olhando o quê, filho da puta!

Flávia:

“O que é fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara, se mostra como tirania levada aos mais ínfimos detalhes...”

Lili:

... e, ao mesmo tempo, é puro, é inteiramente ‘justificado’,

Flávia:

... [e] pode inteiramente se formular no interior de uma moral que serve de adorno a seu exercício:

Lili:

Sua tirania brutal aparece então como dominação serena do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem.”¹⁰

Acácio:

Século XIX, últimas décadas: “Uma jovem geração, que não havia conhecido os atentados e não queria conhecer o sindicato, inquietava-se. Abandona as estereis polêmicas, recorda as origens da anarquia e o grito de Proudhon: ‘a propriedade é o roubo!’ Recorda Kropotkin: ‘Nossa ação deve ser a revolta permanente pela palavra, pela escrita, pelo punhal, o fuzil, a dinamite [...]. Tudo que não é a legalidade é bom para nós’. Se a indignação dos miseráveis explica-se pelo roubo permanentemente realizado pelos patrões, proprietários e burgueses, roubar a esses últimos constitui legítima defesa! E porque o roubo é reprimido pela lei, é ilegal, celebra-se o ilegalismo.”¹¹

Lili:

“Fazia meses que os serviços do governo o vigiavam, censuravam sua correspondência, monitoravam suas visitas e, de vez em quando, uma vez noturna o ameaçavam pelo telefone. Não se tratava de uma ameaça, na realidade ele mantinha com estas pérfidas vozes uma conversa filosófica e teórica sobre o sentido do dever civil e da responsabilidade moral.

Flávia:

Esses homens eram os novos intelectuais, os pensadores do futuro, qualquer argentino sabe que ao dissentir põe na própria vida uma marca que em algum momento do futuro pode ser invocada para persegui-lo e encerrá-lo. Os serviços tinham se transformado na versão policial do oráculo de Delfos, decidiam em segredo o futuro de populações inteiras. São as bruxas de Macbeth que agora controlam o poder!

Lili:

Suprimem tudo o que pode ameaçar a vida média e medíocre, atacam a diferença em todos os seus aspectos, controlam e ficham tudo, escrevem nossas biografias. O conformismo é a nova religião e eles são seus sacerdotes.

estamos todos presos. estamos?

Flávia:

Tinha chegado a um ponto em que discutia diretamente com o Estado, com os porta-vozes da *inteligência* do Estado. Diálogos de alta voltagem no fundo da noite, as vozes indo e vindo pelos circuitos e cabos. Eles o assediavam, o encurralavam, queriam transformá-lo num fora da lei psíquico. Sabem que eu sei, querem anular meu pensamento.”¹²

Gus:

Me classificaram terrorista e me enfiaram em uma cela de segurança máxima. Claudio Lavazzo, Espanha, final do século XX: “Não desejo justificar meus atos a esta sala, não me importo, de forma alguma, com sua opinião ou decisão, não quero nenhum tipo de trato com meus inimigos. Tampouco quero me justificar ante a opinião pública, a mesma que permite e olha com indiferença a miséria diária e a eliminação de milhares de pessoas, indignando-se com a morte dos policiais. Quando somos nós que disparamos, dizem que somos assassinos, e quando é a polícia que mata, ‘foi feita a justiça’.”¹³

Vitor:

Me classificaram terrorista e vão cortar minha cabeça na guilhotina. Émilie Henry, França, final do século XIX: “As minhas mãos estão cobertas de sangue, tal como sua toga! De resto, não tenho que lhe responder. Não reconheço a tua justiça; estou contente com o que fiz!... Ninguém é inocente!”¹⁴

Bia:

“Os *serial killers* matam réplicas, série de réplicas que se repetem e as quais é preciso eliminar, uma após outra, porque reaparecem inesperadas, perfeitas, em uma rua escura, no meio de uma praça abandonada, como miragens noturnas.”¹⁵

Flávia:

“A turma ou gangue de jovens que se diverte com o surdo-mudo do lugar, no bar da estação. Ficaram ameaçando o

sujeito com um revólver para fezê-lo reagir, ‘para ver como reagem’, e no fim o matam. ‘Deixam escapar um tiro’.”¹⁶

Ricardo:

“O arco se verga, a madeira geme. No auge da tensão, alçará voo, em linha reta, uma flecha mais inflexível e mais livre.”¹⁷

Cena 4. Dois casais na prisão.

Acácio:

“Um senso de completa indiferença se apossa de mim. Eu me estico no banco de madeira ao longo da parede da cela e caio imediatamente no sono. Acordo sentindo-me cansado e com calafrios. Tudo está quieto e escuro em volta de mim. A cela é sufocante e mofada; o ar sujo me dá náuseas. E agarro as grades. A sensação do ferro é tranquilizadora. Pressionada próxima à porta, minha boca na estreita abertura, eu tomo fôlego com rápidas e curtas inalações de ar. Eu estou quente, transpirando.”¹⁸

Bia:

Alexander, “fui à Filadélfia para pedir doações e ajudar a organizar o movimento para tirar você da prisão. Os jornais da tarde desvirtuaram meu discurso. Disseram que eu havia incitado a multidão à revolução. ‘Emma, a Vermelha possui uma grande oratória, sua língua mordaz era justamente o que o povinho precisava para destroçar Nova Iorque’. Também afirmavam que uns robustos amigos me tinham feito desaparecer, e a polícia seguia o meu rastro.”

Acácio:

“O silêncio cresce, melancólico, opressivo. Inunda-me com misteriosa reverência. O silêncio vive. Eu ouço sua respiração acelerando-se. Ah! É o guarda! É a vigília da morte?”¹⁹

Bia:

“Na segunda manhã depois de ser presa fui transferida para outra prisão. (...) No dia seguinte, a quietude se fez opressiva e as horas se arrastavam interminavelmente. Comecei a me

estamos todos presos. estamos?

sentir cansada pelo constante ir e vir da janela para a porta, da porta para a janela. Estava tensa pelo esforço em ouvir um som humano.”

Acácio:

“Meu ânimo natural é esmagado por uma apreensão inominável.”²⁰

Bia:

“Durante a noite tive uma forte dor de cabeça. A luz elétrica queimava meus olhos. Golpeei a porta. Exigi ver o doutor. Veio uma mulher, a doutora. Deu-me um medicamento e lhe pedi algo para leitura ou, ao menos, algo para costurar. No outra dia, me deram toalhas para cerzir. Costurei horas e horas, desesperadamente.”²¹

Lili:

...desesperadamente. “Tive forças para falar a Julian: ‘Estou com medo’. Julian respondeu: ‘Tenha coragem’. Aliás, eu sofro de ligeira claustrofobia e tenho certo medo de escuro, mas Julian acrescentou: ‘Eu te amo’, e o medo diminuiu’.”²²

Gus:

Ele, Alexander Berkman, anarquista, começo do século XX. Eu, Julian Beck, anarquista, final do século XX. “A Revolução Anarquista Não-Violenta é a mudança gerada pela produção e distribuição de tudo o que as pessoas precisam sem o uso de suborno coercitivo, violência ou trabalho rancoroso. Significa tentar viver junto, sem leis punitivas, cadeias, polícias, exércitos, e o controle exercido pelo dinheiro sobre o trabalho, a produção e o caráter humano.

Lili:

Não pode ser a mudança imposta por uma nova classe dominante. Os anarquistas acreditam que é possível alimentar a todos e resolver melhor todos os problemas da condição humana sem o incentivo do dinheiro, sem regras que sugerem que se você não trabalhar você não come, e

sem os padrões de vida impostos por sistemas políticos e econômicos.

Gus:

Os anarquistas acreditam que todos os homens podem fazer o trabalho que querem e podem viver juntos de maneira pacífica e criativa, pois a mente humana que inventou o intrincado sistema-de-produção-por-meio-da-exploração e a regulação do consumo-por-meio-do-desejo-e-da-super-produção irá inventar jeitos de alimentar todas as pessoas sem o uso da violência ou medidas coercitivas. Livre-se do sistema monetário, afirma o Anarquista, livre-se do controle do governo centralizado, e o que acontecerá?”²³

Bia, Gus, Acácio e Lili:

Livre-se do sistema monetário, afirma o Anarquista, livre-se do controle do governo centralizado, e o que acontecerá?

Cena 5. Existimos: X, Y, Z e...

Ricardo:

“Não existimos, a menos que estejamos profunda e sensualmente em contato com o que pode ser tocado, mas não conhecido.”²⁴

Vitor:

“O criminoso é sempre um juiz solitário; em virtude de sua solidão o compreendemos.”²⁵

Flávia:

“Se julgar é tão repugnante, não é porque tudo se equivale, mas ao contrário porque tudo o que vale só pode se fazer e se distinguir desafiando o juízo.”²⁶

Ricardo:

“Como pode um prisioneiro escapar a não ser atravessando o muro à força?”²⁷

estamos todos presos. estamos?

Cena 6. Uma receita dos nossos dias

Lili:

Escolha um tipo: moderno, conservador, *eclético* (o mais indicado).

Flávia:

Procure em revistas e guias, ou na internet as opções de roupas, músicas, gírias, etc., indicadas para o seu tipo.

Ricardo:

Procure pessoas através de aplicativos de relacionamentos que correspondam ao seu tipo.

Gus:

Não se preocupe, você pode escolher mais de um tipo, se quiser.

Bia:

Se o que você prefere não corresponde aos valores adequados de comportamentos aos quais está habituado,

Gus:

você pode criar inúmeros perfis.

Vitor:

Procure um médico, psicólogo, psicanalista e coloque suas aflições.

Gus:

Se não for suficiente, ele lhe indicará um psiquiatra que poderá prescrever-lhe remédios que ajudarão no seu auto-controle.

Flávia:

Para alguns desvios mais leves de sua personalidade, existe a possibilidade de projetá-los na web.

Lili:

A internet é um meio seguro para você e para os outros que te circundam, mas cuidado com os monitoramentos.

Flávia:

Espere, a sua vida com qualidade só estará completa se também for altruísta:

Gus:

é preciso policiar os outros, e ajudá-los através de denúncias às instituições que possam cuidar destes desviados graves:

Flávia:

o direito é para criminalizar condutas, produzir penas e prisões.

Lili:

Agora é só abrir o casaco, apertar o botão, e... Bum!

Cena 8. No ônibus

Acácio:

Mãe, olha o rato!

Bia:

A cidade está cheia de ratos e pombas. Olha, ele faz o ninho ali. Gostou do almoço? Responde, responde.

Acácio:

Gostei.

Bia:

Ainda bem que não tem mais a internação, senão você não poderia mais experimentar os quitutes que faço para você.

Acácio:

Sorte sua. Azar meu.

estamos todos presos. estamos?

Bia:

Eu detesto andar de ônibus. Pensa que é fácil tomar os remedinhos — não é assim que fala? — e ficar rodando nessa bosta de coletivo! Com esse monte de gente parda e fedida!

Acácio:

Mãe, por favor!

Bia:

Por favor? Você me põe nesse coletivo e quer o quê, que eu fique quieta, olhando pela janelinha, vendo a tevezinha, apreciando esse bando de cretinos com crachás pendurados no pescoço e com a cara enfiada no celular? Esses empregadinhos que se matam para pagar prestação? Eu não nasci para andar de ônibus.

Gus:

Pede para sua mãe falar baixo... ninguém tem obrigação de ficar aturando... Falta muito para chegar no hospital, e ela, hoje, começou cedo a confusão.

Vitor:

Cobrador... na humildade, posso passar por baixo? 'Tô sem bilhete.

Gus:

Por mim até podia, mas assim você compromete o meu emprego. Sabia que tem câmara, fora os fiscais que você nunca sabe quem é?

Vitor:

Não tem nada aí. Você acha que eles iam colocar uma câmara em cada ônibus... e fiscal anda com crachá.

Bia:

Deixa o menino passar.

Gus:

Não se mete. Se 'tá com pena desses vagabundos, paga a senhora.

Vitor:

Vagabundo não. 'Tô conversando... esqueci o bilhete. Pego esse ônibus todo dia, você me conhece.

Gus:

E daí. Cada vez que você pega tem que pagar, esse é meu trabalho... Senão vira festa. Não te conheço nada.

Lucia:

Deixa que eu pago para o menino.

Bia:

Não tem dinheiro para pagar o ônibus, mas tem dinheiro para comprar droga, né?

Lucia:

A senhora não pode falar assim. Hoje é ele, amanhã pode ser o seu filho.

Bia:

Olha a cara do safado... Conseguiu, né?

Acácio:

Mãe...

Bia:

Depois eu que sou louca!

Vitor:

Obrigado, senhora. E a senhora não tem o direito de falar assim comigo.

Gus:

Cala boca. Você já conseguiu a passagem. Senta lá no fundo e fica na moral.

estamos todos presos. estamos?

Salete:

Você viu no jornal?

Lili:

O quê?

Salete:

Os china.

Bia:

Os chineses, burra!

Salete:

Os caras trabalham tipo escravo, direto, para ganhar uma merreca.

Bia:

Ei, vocês aí! Nem leem jornal direito. Burras!

Lili:

Que falta de educação falar assim...

Salete:

Ninguém 'tá falando com a senhora.

Bia:

É burra, sim. Vou ensinar. Eu era professora. E você aí, menino, presta atenção para ver se aprende alguma coisa.

Gus:

Lá vem discurso...

Acácio:

Mãeee...

Bia:

Quando era só comunismo todo mundo trabalhava para o Governo. Agora, eles trabalham também para os donos das

empresas, os capitalistas. Não são escravos, não. Escravos foram os negros no Brasil;

Lili:

É a sua opinião!

Bia:

escravo não ganha salário, mesmo que seja uma merreca como falou essa aí. Nem você é escrava... Nem esse aí que estava encrocando com o menino. É tudo trabalhador. Vão todos enlouquecer como eu, que tive que aturar...

Acácio:

Mãe!

Bia:

Tá bom. Vou voltar a olhar pela janelinha, pra telinha ali na frente... Empresta o celular!

Salete:

Que falta de respeito. Você tem que trabalhar, vai com toda boa vontade para o emprego — que ‘tá tão difícil hoje em dia — e tem que ficar ouvindo isso. Pelo menos, não tenho que pagar mais dois ônibus, com bilhete único, eu pago um só e pego três, graças à boa vontade de alguns políticos que ainda pensam na gente que mora longe.

Lili:

Essa aí deve ser daquelas que ganha bilhete da prefeitura e ainda cospe no prato que come, ou é terceira idade...

Gus:

Essa louca é um saco. Toda semana ela vai no posto de louco perto do ponto final e fica perturbando meus passageiros.

Salete:

Nossa, não é lá que tem a escola de inglês que você faz?

estamos todos presos. estamos?

Lili:

É sim. O professor na última aula disse que a minha pronúncia é ótima.

Saete:

É?

Lili:

Quer ver? I think!

Bia:

Burra, mas fala inglês!

Gus:

Essa louca é um saco!

Lucia:

Tenha respeito pela doença dos outros... Você nunca sabe o que Deus reserva para você e seus familiares.

Bia:

Eu não acredito que essa aí é crente... era só o que faltava. Responde para mim, o que você fazia antes de virar crente? Por um acaso você tem o marido ou o filho na cadeia?

Lucia:

A senhora não tem nada com a minha vida. A boa nova do Senhor vem, quase sempre, pelo sofrimento, seu ou de seus parentes. Jesus poderia tirar essa chaga da senhora, se a senhora ouvisse a palavra do Senhor.

Bia:

Jesus é da Disney. Sabe o que ele acabou de me falar no ouvido? Ih, nem vou contar!

Gus:

Se não parar com essa feira, eu peço para o motorista parar é na delegacia.

Ricardo:

Não precisa parar não. Isso aqui é um lugar público, quem põe ordem, se precisar, sou eu. Aqui é da lei, eu sou da lei.

Bia:

Mostra os documentos!

Ricardo:

A senhora é muito abusada.

Bia:

Não. Não sou abusada, sou louca! Pode perguntar para os psiquiatras. Vai querer me prender? Saiba que estou interditada. Eu sou a louca, não posso ser presa, só tenho que ir nesse lugar toda semana para ser medicada.

Vitor:

“A loucura enuncia verdades insuportáveis”.

Bia:

Quem aqui dentro não toma remédio, não está medicalizado, para suportar esse mundo de merda! Essa vida vazia! Essas crianças murchas por dentro, e quase viçosas por fora. Essas operárias conformistas. Esses trabalhadores obedientes. Esses estudantes quase espertos e servis, que baixam a cabeça até para esse aí. Esse mundo cheio de polícia, televisão e celulares. Essas pessoas como eu.

Vitor:

Tudo bem. ‘Tô cumprindo a medida, mas ‘tô na rua. Tenho que ir para escola senão volto para internação. Não sei o que é pior, lá ou aqui. Lá, se não são os monitores e os polícias, são os caras do partido que ficam dizendo o que tenho que fazer; aqui, até o cobrador e essa louca dizem o que eu sou e o que eu tenho que fazer; parecem a psicóloga lá do projeto.

Lili:

Meu irmão era igual ele.

estamos todos presos. estamos?

Lucia:

Jesus! Só por Deus, glória ao Pai. É mesmo o fim dos tempos.

Bia:

E ainda assim, a louca sou eu... por favor, não vai chegar logo essa coisa... prefiro meu remédio.

Vitor:

É um assalto, passa a grana. Se todo mundo colaborar, ninguém sai machucado. Vamos velha bota o dinheiro aqui, e você *bambi*, quietinho. É isso mesmo, vai tudo mundo jogando a carteira, celulares e os pertences aqui na sacola... Anda, carola fingida, joga carteira e bagulhos aqui; vocês duas bacaninhas também...

Lili:

Mas eu acabei de tirar vale, estou com o dinheiro para pagar contas...

Vitor:

Você é lindinha, um dia eu desenrolo a sua língua, mas, agora, bote os bagulhos aqui dentro...

Gus:

Motorista toca, toca...

Vitor:

Não toca nada. E você, não disfarça não, pode esvaziar o caixa aqui e quietinho.

Gus:

Motorista, não toca não!

Bia:

Que pena que não tem mais outdoors na cidade.

Acácio:

Mãe, fica quieta.

Vitor:

Eu não aguento mais. Nem a minha casa, a escola, a medida, esse bairro de merda e todas essas pessoas que são as mesmas desde que eu nasci, desde sempre. Esse bairro, esses colegas meio bandido meio polícia, meio solução meio problema, só o meio sem recheio e eu no meio dessa merda! Ninguém me salva, ninguém me tira daqui. Nem eu quero me salvar. Fico entre viver pouco como um rei ou muito como um Zé. Todo otário é capaz de escrever um verso inesquecível: “Estamos todos presos!”

Todos:

Estamos?

Flávia:

“Tentaram me reduzir a pó e não me reduziram, aqui estou eu com a minha corda e com a minha consciência, íntegro e íntegro, fora do alcance de suas armas de longo alcance, de suas experiências homicidas e suicidas, fora do seu sistema solar ou de qualquer outro sistema — eu o rebelde, o rebelado, mesmo que apenas um desertor: o desertor no deserto. (...) Mesmo morto continuarei dando meu testemunho de morte. Esta chuva imóvel serei eu que estarei cuspiendo.”²⁸

Bia:

... essa vida vazia! Essas crianças murchas por dentro, e quase viçosas por fora. Essas operárias conformistas. Esses trabalhadores obedientes. Esses estudantes quase espertos e servis, que baixam a cabeça até para esse aí. Esse mundo cheio de polícia, televisão e celulares. Essas pessoas como eu.

Vitor:

Tudo bem. Tudo bem, nada. Tudo bem? É só o que eu ouço. Como posso estar bem? Como? É só surra. Em casa as coisas só funcionavam na cinta. Ardia! Depois começaram murros na cabeça, chutes onde pegava... Depois cresci e metem o pau. E batem de pau. E você acha que eu vou

estamos todos presos. estamos?

revidar contra minha mãe e meu pai? Aí vou para a escola. E tome! Porque sou o mais novo, o mais quieto, nem preciso ser fraco, porque me atacam em bando. Porque não me suportam. E porque não me suportam? Eu não vou contar.

Flávia:

“Essa é a lógica do delírio. Tudo acontece no presente, e há quem chegue a matar para sair desse tempo absoluto e recuperar uma temporalidade normalizada, o crime é uma consequência lógica do pesadelo do presente, do peso da paixão.”²⁹

Salete:

Toda vez que eu vejo uma coisa como essa eu me lembro de como foi difícil compreender a morte de minha irmã. Eu não sei por quê. Minha mãe era calma. Meu pai era calmo. Eu sou calma e tranquila, você sabe! Um dia, de repente, minha irmã apareceu chorando e sem um dente, a boca cheia de sangue. E eu perguntei o que tinha acontecido. Ela virou o rosto e foi lavar a boca.

Lili:

O que tem isso a ver com a morte de sua irmã?

Salete:

Noutro dia ela estava chutando todas as portas de casa. Meus pais tinham saído pra igreja. Tentei conversar. Não deu.

Lili:

Ela era louca?

Salete:

Pior que não. Mas às vezes, dava esse negócio e ela chutava, chorava, gritava... mas, sempre passava. Minha mãe orava. Meu pai saía de perto.

Lili:

E aí?

Salete:

Um dia, voltamos da igreja e ela começou a ter isso de novo... Minha mãe não aguentou. Sacudiu ela e pegou no pescoço. Minha mãe estava com uma cara estranha, não parecia ela. Mas ela continuou apertando e gemendo, e minha irmã não gritava; só com aqueles olhos esbugalhados. Meu pai olhava e virava a cara. Eu vi que ela ficou mole e comecei a berrar: larga dela, larga dela! Meu pai me deu um tapa e mandou eu calar a boca para sempre...

Lili:

Desculpe Sandra Cecília, mas eu vou descer... Pare esse ônibus... Não tem conversa, pare que eu vou descer.

Gus:

Motor abre a porta!

Vitor:

Quando aconteceu, eu achei que nunca mais eu ia andar nisso. Foi uma surpresa. Apareceram umas pessoas na escola, dizendo que eram de um lugar de não sei onde nem por que. Só sei que eles diziam que traziam uma oportunidade por um concurso de história de vida da gente, da gente desse lugar, da periferia, da comunidade. A melhor história ganhava um prêmio e um curso que ia virar um trabalho. Desses de escrever e de assistência. Eu ganhei. Fiz o curso direitinho, mas eles não gostavam muito de mim, do meu jeito; acho que duvidavam que eu tinha escrito a redação. Trabalhei uns meses lá. Acabou.

Ricardo:

Você tem que ser esperto. Quando eu tinha sua idade era a mesma coisa. Ficava andando por aí, sempre me metendo em encrencas. Fumava com uma turma daqui, cheirava por ali... Quando eu não tinha pó, ia cola mesmo. Foi quando começou a rolar pedrinhas... Pirei! Era naquilo todo dia. Não pensava em outra coisa. A loucura aumentou e a confusão também. Aí dei um jeito. Conheci um cara, tipo eu com você aqui, que me apresentou um lance legal. Bom... Entrei pra

estamos todos presos. estamos?

polícia. Agora, 'tô te dando a mesma oportunidade. Topa? Vamos até ali, a gente fuma um e eu te conto como fazer... Você tem que aprender a se cuidar, cuidar de você.

(sobe uma *periguete*, assim que eles descem do ônibus)

Salete:

Quer sentar?

Lili:

Não, obrigada.

Salete:

Eu nem ligo muito pra essa louca. Nem ligo mesmo. Mesmo. Minha mãe foi parar num lugar pior. No Manicômio. Dali não se sai mais. Ninguém visita. É lugar de morto-vivo. É o lugar merecido pra minha mãe.

Lucia:

Como chama este tipo de crime?

Flávia:

Não consta nem no Código Penal: inominável!

Salete (para a periguete):

Não quer sentar?

Gus:

Todo dia a mesma coisa. Todo dia a mesma gente. Ainda chego em casa e tenho que aturar minha esposa reclamando das crianças, das contas, da comunidade, da vizinha, do conselho... como ela não encontra emprego nem de doméstica. Ela era linda, a mais linda; toda noite de sábado no baile. Linda, rebolando. Perfeita. Gostava tanto... Fica em casa o dia inteiro. As crianças enchem o saco. Feias e sujando. E meto a comida ruim pelos olhos, a cara na tv, mexo um pouco no celular e durmo. Não penso em nada, porque se tiver que pensar como agora, mato todos,

esquartejo, meto fogo, lavo a casa e a cara, e durmo em paz.
Definitivamente.

Acácio:

Oi, tudo bem?

Lili:

Tudo bem. Tudo bem nada. Agora 'tô com um cara e até dá pra viver. Também, se não for ele, eu me arrumo com coisa parecida. Tudo é parecido. Mas eu sei que se não rolar uma sorte, eu embucho de um deles e aí começa a descida pro inferno. Cuidar de casa e ficar seca ou gorda é a melhor das histórias. E vai até a prisão, com filho pendurado, colega pra arranjar namorado, um tanto de comida e uma trepada na visita íntima. Antes, as porcas passam as mãos no meu corpo e eu cagando de medo com o bagulho pra pagar o serviço encomendado. Ou, então, virar funcionária de malandro, pegar cana escondendo bagulho dos outros e sem saber quando vão me pegar em casa ou uma bala, vindo sei lá de onde, vai me atravessar.

Ricardo:

Mãe, olha um rato!

Cena 11. O incomum, o estranho

Flávia:

“A política na sociedade de controle permanece sendo a guerra prolongada por outros meios: diplomática, racista, terrorista, macabra. E neste medonho festim de sorrisos e de ameaças as pessoas despovoadas de si se conformam com democracia, participação, voto, ongs, televisão, software livre, aplicativos, redes sociais digitais, os independentes daqui e dali, partidos, centros de informática, educação para todos. Sociedade de controle é para todos; é para integração.

Gus:

Não suporta os rebeldes, porque [nós] desestabilizam[os] até revoluções.

estamos todos presos. estamos?

Flávia:

Os rebeldes não aceitam acomodações em seu interior, nem se consolam com utopias ou votos válidos, brancos ou nulos. São artistas da vida, amigos das experimentações de liberdade, não se amedrontam diante de ameaças. Resistem.

Gus:

Na era da comunicação instantânea e dos efêmeros, repare no rebelde que se aproxima, agora, de perto, quase imperceptível, invisível.

Flávia:

... quase imperceptível, invisível. Vírus?

Todos:

Tuiiiiiiiiiimmm

Flávia:

MÁQUINAS DE GUERRA!³⁰

FIM

Notas

¹ Aula-teatro 23 do Nu-Sol. Pesquisa realizada pelo Nu-Sol em 2008 (Cf. *verve* 15 <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/verve15.pdf>), com breves cortes e acréscimos. Produção gráfica: Andre Degenzajn. Preparação do coro: Marcia Lazzari (convidada). Operador de luz: Rafael Frydman (convidado). Coordenação: Edson Passetti. Com: Acácio Augusto, Beatriz Carneiro, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Lucia Soares, Ricardo Abussafy, Salete Oliveira e Vitor Osório.

² Julio Cortazar. *a volta ao dia em 80 mundos*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008, pp. 174-176.

- ³ Oscar Wilde. “A Balada do Cárcere de Reading”. Tradução de Paulo Vizioli. Disponível em: <http://www.casadobruco.com.br/poesia/o/oscar01.htm> (acesso em 28 de maio de 2018).
- ⁴ Alphonsus de Guimaraens. *Ismália*. São Paulo, Cosac Naify, 2006.
- ⁵ Julian Back. “Transformar o ânimo” (1983). In *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 11, 2007, p. 10.
- ⁶ Ricardo Piglia. *Anos de formação: os diários de Emilio Renzi*. Tradução de Sergio Molina. São Paulo, Todavia, 2017, p. 53.
- ⁷ William da Silva Lima. *Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho*. Petrópolis/Rio de Janeiro, Vozes/ISER, 1991, pp. 12-13.
- ⁸ “Estatuto do Primeiro Comando da Capital”, artigos 16 e 7 in Josmar Jozino. *Cobras e lagartos*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2004, pp. 36-38.
- ⁹ Folha de S. Paulo, 14 de setembro de 2008, p. I-2.
- ¹⁰ Michel Foucault e Gilles Deleuze. “Os intelectuais e o poder”. Tradução de Luiz B. Orlandi. In David Lapoujad (org). *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo, Iluminuras, 2007, p. 268.
- ¹¹ Renaud Thomazo. *Mort aux bourgeois! Sur les traces de la bande à Bonnot*. Paris, Larousse, 2007, p. 104.
- ¹² Ricardo Piglia, op. cit., p. 65.
- ¹³ Cláudio Lavazzo. <http://flag.blackened.net/pdg/presos/paginapresos/claudio/contribuci%F3n.htm> (acesso em 2008, site hoje fora do ar). Tradução de Acácio Augusto.
- ¹⁴ Jean Maitron. “Émile Henry, o benjamim da anarquia”. In *Revista Verve*, São Paulo, Nu-Sol, 2005, vol. 7, p. 20.
- ¹⁵ Ricardo Piglia, op. cit., p. 291.
- ¹⁶ Idem, p. 303.
- ¹⁷ Albert Camus. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 351.
- ¹⁸ Alexander Berkman. *Prison Memoirs of an Anarchism* (originally published in 1912 by Mother Earth Publishing Association). Tradução de Beatriz Carneiro. New York, Shocken, 1970, parte I, capítulo VI, “A cadeia”, pp. 45-46.

estamos todos presos. estamos?

¹⁹ Idem.

²⁰ Ibidem, parte II, capítulo III, “O Silêncio espectral”, pp. 120-121.

²¹ Emma Goldman. *Vivendo mi Vida*. Madrid, Fundación Anselmo Lorenzo, 1996, pp. 153-156.

²² Judith Malina. *Diário de Judith Malina: O Living Theatre em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais e Arquivo Público Mineiro, 2008.

²³ Judith Malina e Julian Beck. *Paradise now (1968)*. Criação coletiva do The Living Theatre. Tradução de André Degenszajn. New York, Vintage Books Edition, 1971, pp. 96-97.

²⁴ D.H. Lawrence. “Não-existência”. In William Blake & D.H. Lawrence. *Tudo o que vive é sagrado*. Seleção, tradução e ensaios de Mário Alves Coutinho. Belo Horizonte, Crisálida, 2001, p. 153.

²⁵ Rogério Duarte. *Tropicaos*. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2003, p. 36.

²⁶ Gilles Deleuze. “Para dar um fim ao juízo”. In *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1997, p. 153.

²⁷ Ricardo Piglia, op. cit., p. 323.

²⁸ Walter Campos de Carvalho. *A chuva imóvel*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008, p. 127.

²⁹ Ricardo Piglia, op. cit., p. 228.

³⁰ Edson Passetti. *Anarquismo urgente*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2007, p. 120.

***we are all imprisoned. are we?*, Edson Passetti & Acácio Augusto.**

aula-teatro 23

11 e 12
junho/2018
19h30
tucarena

[retirada de ingressos às 18h30]



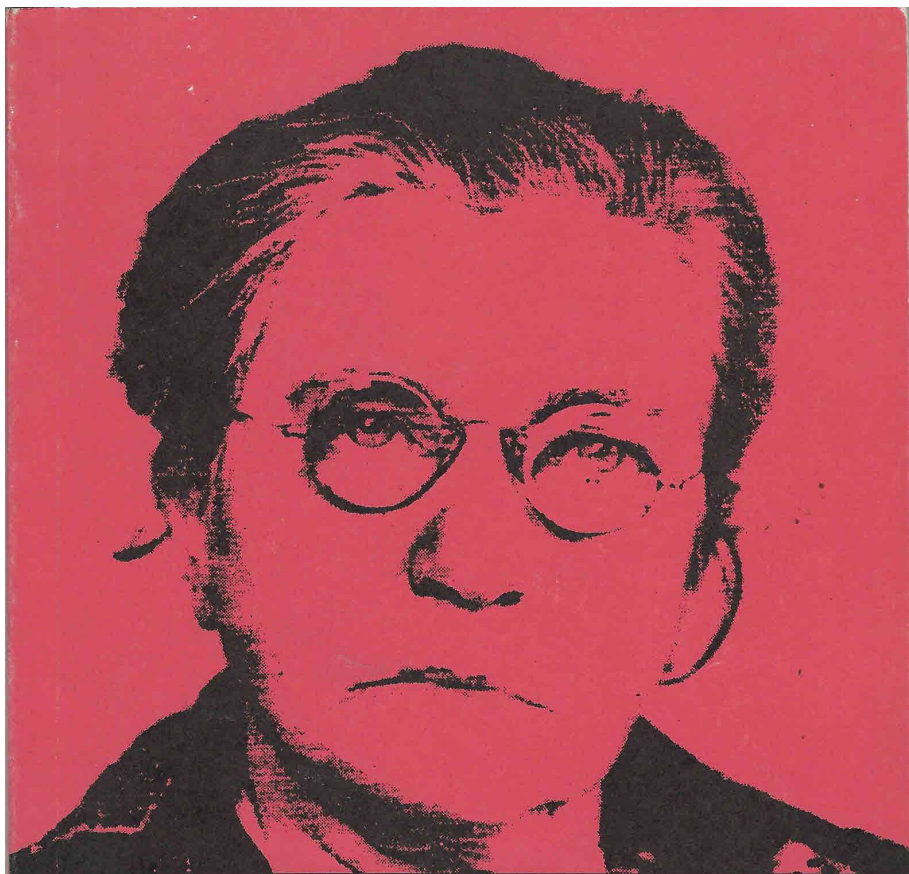
**estamos
todos
presos.**

estamos?

programa de estudos pós-graduados
em ciências sociais - puc/sp



nu-sol



Emma Goldman

The Traffic in Women
and other essays on feminism

with a biography by Alix Kates Shulman

Resenhas

a revolução negra anarquista

VITOR OSÓRIO

Lorenzo Kom'boa Ervin. *Anarquismo e Revolução Negra*. Tradução de Mariana Corrêa dos Santos. Coletivo Editorial Sunguilar, 2015, 187 pp.

Lorenzo Komboa Ervin nasceu nos Estados Unidos, em 1947 e viveu sua juventude em Chattanooga, no estado sulista do Tennessee, sob os efeitos terríveis do racismo e das políticas de segregação estadunidenses. Membro de uma gangue de rua, ainda aos 12 anos se associou à Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP, na sigla em inglês), fundada em 1909 em favor dos direitos civis de negros. Em 1954, a NAACP já era a maior organização por direitos civis do planeta, somando 500 mil associados. Em 1955, Rosa Parks, costureira que trabalhava como secretária da NAACP, foi presa ao se recusar a obedecer uma ordem de segregação racial em um ônibus de Montgomery, no estado do Alabama. Sua prisão motivou o movimento de “boicote aos ônibus de

Vitor Osório é pesquisador no Nu-Sol e doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: vitor.free@gmail.com.

Montgomery” e tornou-se símbolo das lutas pelos direitos civis.

Alguns anos depois da prisão de Rosa Parks, durante o serviço militar obrigatório, Lorenzo Komboa Ervin tornou-se militante contra a guerra do Vietnã. Em 1967 juntou-se ao Comitê Não-Violento de Coordenação Estudantil (SNCC, na sigla em inglês), outro importante grupo de luta por direitos civis, fundado em 1960, no estado da Carolina do Norte. Suas atividades concentravam-se em campanhas para uma maior participação negra no processo eleitoral. Todavia, já no final da década de 1960, muitos membros do SNCC eram a favor do rompimento com as organizações liberais que os apoiavam, e argumentavam que os negros deveriam construir seu “próprio poder” em vez de se acomodarem nas estruturas já estabelecidas. Em 1966, Stokely Carmichael, então presidente do SNCC, popularizou a expressão *black power* em um discurso no Mississippi após a tentativa de assassinato do militante negro James Meridith. Neste momento, segunda metade dos anos 1960, parte do SNCC abandonou a reivindicação por direitos e adotou uma estratégia revolucionária. Seus membros mais radicais juntaram-se ao Partido dos Panteras Negras, fundado em Oakland na Califórnia, em 1966, para a autodefesa de negros contra a violência policial. Com armas na mão, os Panteras exclamavam: *the revolution has come! Its time to pick up the gun. Off the pigs!* (a revolução chegou! é hora de pegarmos em armas. Fora porcos!). Lorenzo Komboa Ervin se associou aos Partido dos Panteras Negras ainda no ano de sua fundação.

Durante os levantes de 1968, em protestos contra a execução de Martin Luther King, Ervin foi acusado por autoridades da Geórgia de tentar assassinar um líder

da Ku Klux Klan. Para escapar ao acossamento policial decorrente das acusações, em 1969 fugiu para Cuba em um avião sequestrado. De lá voou para a República da Tchecoslováquia, na antiga URSS, visando obter asilo político. Contudo, a fuga para um território socialista não significou o fim da perseguição. Em Praga, em operação que contou com o apoio do governo local, Ervin foi capturado pela Agência de Inteligência Estadunidense (CIA). Mantido prisioneiro no Consulado Americano, novamente conseguiu escapar, desta vez em direção a Berlim Oriental, onde foi pego novamente em emboscada armada conjuntamente pelos governos dos EUA e da Alemanha Ocidental. Mesmo com as leis que impediam sua extradição, foi torturado por quase uma semana e levado aos EUA. Seu retorno sob custódia foi ocultado: o Departamento de Estado e o FBI forjaram uma documentação que “comprovava” que Ervin havia se integrado de maneira voluntária aos agentes no aeroporto JF Kennedy, em Nova York. De lá, foi mandado à Geórgia, onde foi julgado por tentativa de assassinato. Em 1970, foi condenado à prisão perpétua.

Em *Anarquismo e Revolução Negra*, Ervin conta que foi precisamente no cárcere que se aproximou do pensamento anarquista, a partir da convivência com um de seus parceiros de cela, Martin Ramirez Sostre, libertário porto-riquenho negro que havia sido preso, como ele, em decorrência da atuação incisiva do Programa de Contrainteligência do FBI (*Counter Intelligence Program*), criado por John Edgar Hoover. De 1956 a 1971, os agentes de Hoover interceptaram correspondências, armaram escutas telefônicas e construíram provas falsas contra líderes de movimentos identificados como perigosos

para a segurança nacional. O programa era a linha de frente do terrorismo praticado pelo governo dos Estados Unidos e serviu para criminalizar, sobretudo, os Panteras Negras. Sostre já conhecia os anarquismos, visto que, na segunda metade dos anos 1960, mantinha uma livraria Afro-Asiática que se tornou um centro de pensamento radical e de educação em Buffalo, no estado de Nova York. Simultâneo às fugas de Ervin, ele foi preso, julgado e condenado a 40 anos de pena por falsas acusações de “posse de narcóticos”, “tumulto”, “incêndio criminoso” e “agressão”.

Anarquismo e Revolução Negra foi publicado no Brasil pelo Coletivo Editorial Singuilar, em 2015. O Coletivo tem como intenção “abrir um processo de debate e enfrentamento, por meio de publicações como esta que apresentamos agora, para a superação da supremacia branca e do eurocentrismo que ainda imperam no anarquismo e no que convencionamos a chamar de ‘meio libertário’” (disponível em: <https://daslutas.wordpress.com/2015/11/20/anarquismo-e-revolucao-negra-pdf-para-impressao-em-grafica/>. Acesso em 20/05/2018). O coletivo disponibilizou o PDF para impressão do livro em gráfica, com todas as orientações necessárias. Anexado ao livro, foi publicado o texto “Anarquismo Negro”, de Ashanti Alston, outro ex-membro dos Panteras Negras que passou 15 anos preso.

Escrito no interior da prisão, a primeira edição de *Anarquismo e revolução negra*, intitulada *Anarchism and Black Revolution: Pages from Prison*, foi publicada pela Horse and Goat People, em 1979, quando Ervin completava 9 anos de cadeia, muitos deles dentro de celas solitárias. Na segunda edição do livro (P&L Printing:

1993), ele dedica algumas páginas para agradecer a Ginger Katz, militante da Cruz Negra Anarquista, pelos livros libertários enviados a ele, cartas trocadas e empenho para que o livro fosse, enfim, publicado. Segundo Ervin, Katz era uma das poucas anarquistas estadunidenses que ouviam o que os anarquistas negros tinham para dizer. Para ouvi-los, era preciso atravessar os muros da prisão. Anarquistas, desde o século XIX, são identificados como criminosos e perigosos. Foram inclusive objeto de análise da antropologia criminal lombrosiana, que procurou uma “essência” física e psicológica dos militantes e suas semelhanças com o “delinquente nato”. Ao mesmo tempo, a pele escura era também identificada à delinquência. Ainda hoje, um negro anarquista é considerado um duplo perigo para o Estado.

A tradução de *Anarquismo e revolução negra* é vital, pois, para além de apresentar a perspectiva revolucionária de Ervin, faz também com que nos voltemos para as histórias de libertários negros no Brasil. Aqui também a historiografia, bem como parte da militância, pouco comenta acerca do preto anarquista Domingos Passos, carpinteiro nascido no Rio de Janeiro e que passou grande parte da década de 1920 fugindo dos cárceres por todo o país. Além de Passos, pouco se comenta também sobre o libertarismo de Lima Barreto, escritor preto e suburbano. Barreto foi preso duas vezes no Manicômio Nacional. Precisou morrer para ser reconhecido como um dos maiores escritores da língua portuguesa.

Anarquismo e revolução negra é dividido em três partes: capítulo 1, “Uma Análise da Supremacia Branca”; capítulo 2, “Onde está a luta negra e para onde ela deveria estar indo?”; e capítulo 3, “Teoria e Prática Anarquista”. O

anarquista sublinha que, para se lutar contra o capitalismo, é preciso lutar contra a supremacia branca. Em suas palavras, “a exploração capitalista é inerentemente racista” (p. 18). Para Ervin, existe um “sistema de privilégios branco” estrutural que tem como efeito a “divisão da classe trabalhadora” (p. 16). A “raça branca” seria uma invenção capitalista para impedir a união dos trabalhadores brancos com os negros, e, dessa forma, garantir “sua própria escravidão assalariada e a super-exploração dos Africanos” (p. 16-17).

Desta maneira, o anarquismo irrompe como uma maneira de repensar as táticas e estratégias dos movimentos revolucionários negros. “Os ideais anarquistas são algo novo para o Movimento Negro”. Ervin faz a crítica à forma hierárquica com que se organizavam movimentos negros revolucionários como os Panteras Negras. Argumenta: “anarquismo significa que as pessoas devem se governar, não os governos, patetas políticos, ou líderes automeados”. Por outro lado, apesar da crítica, segundo ele, os anarquistas deveriam compreender os combates dos negros em suas lutas contra o sistema colonial interno ao qual estão submetidos, ponto que a “teoria anarquista” defende “a autodeterminação dos povos oprimidos, e seu direito de lutar pela liberdade por qualquer meio necessário” (p. 44). Conclui que os negros devem se organizar em federações de comunas e aproxima-se do anarquismo científico de Piotr Kropotkin. Todavia, no contato com os anarquismos, Ervin não abandona a perspectiva revolucionária como única maneira de gerar a reviravolta para suprimir a desigualdade social entre brancos e negros.

A revolução negra anarquista

Anarquismo e revolução negra chega em momento preciso ao Brasil. Em um país onde o Estado violenta e mata pretos aos montes, o livro é vital para pensar as resistências libertárias a estas violências. Escrita no interior da prisão e crítica da hierarquia e do autoritarismo no interior do revolucionário movimento negro estadunidense, a publicação também serve para problematizarmos a atual reivindicação por empoderamento. É sempre bom lembrar. Para além do combate à política e seu enredamento por direitos, onde irrompem práticas anarquistas é o próprio poder que é combatido.

as estranhas notícias de um jornalista quase invisível

GUSTAVO SIMÕES

Félix Fénéon. *Fragmentos jornalísticos de Félix Fénéon*. Tradução e organização de Adriano Lacerda e Marcos Siscar. Rio de Janeiro, Rocco, 2018, 190 pp.

Para certos anarquistas a arte é matéria mais próxima da vida do que da profusão de obras expostas em museus ou, atualmente, em vídeos, livros, sites, links, perfis em redes sociais. Em São Paulo, em diversos artigos publicados na metade do século XX, o garçon Felipe Gil de Souza Passos, por exemplo, já afirmava singularmente

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais. Contato: gusfsimoes@gmail.com.

o libertarismo como expressão de uma arte. Encarada desta maneira, segundo Passos, a anarquia torna-se algo mais potente do que a constante redução, às vezes feita pelos próprios militantes, a um ideal de famintos ou instrumento de reivindicação proletária. Colaborador assíduo do jornal *A Plebe*, Passos defendia o anarquismo não como o que chamou doutrina de nivelamento, mas, sim, como a socialização do que há de mais sofisticado, ética e esteticamente, na sociedade. São poucas as referências acerca da vida do garçon libertário. Assim como ainda são escassas as pesquisas sobre Félix Fénéon, anarquista que, como Passos, escreveu em jornais e revistas, além de valorizar, sobremaneira, a arte combinada à existência de afirmações anarquistas.

Na ultrapassagem do século XIX, Fénéon foi “funcionário público, editor, crítico de arte, jornalista...” (p. 9). E, entre tantos trabalhos, citado constantemente por importantes arquivistas da arte libertária como Pietro Ferrua, foi especialmente um incisivo militante ácrata. Com a recente publicação, no Brasil, de *Notícias em três linbas*, seleção de curtos textos publicados em 1906, na França, mais precisamente no jornal *Le Matin*, reportagens sobre eventos aparentemente diários nas ruas do país, de terríveis assassinatos causados por ciúmes, passando por suicídios decorrentes das mais variadas razões, até as greves que pululavam no início do século, podemos nos aproximar um pouco mais da escrita deste que certamente interessaria a inventores libertários como John Cage. Fénéon, no século XIX, adotava procedimentos que foram considerados contemporâneos somente com as chamadas vanguardas artísticas do início do século XX e mais tarde, em especial, após a Segunda Guerra Mundial. Somado

à eliminação do pronome ‘eu’ daquilo que publicava e as assinaturas com pseudônimo, conta-se que, “inventando um verbo com ‘silêncio’ (‘silence’), Alfred Jarry o nomeava ‘celui qui silence’ (‘aquele que silencia’)” (p. 5).

Nascido em Turim, na Itália, no início da década de 1860, em meados dos anos 1880 — década em que, ainda no rescaldo do massacre da Comuna de Paris, inúmeros artistas, sobretudo, aproximavam-se do movimento anarquista —, Fénéon com pouco mais de vinte anos, agitava as ruas de Paris. Em artigo publicado em 1884, na *Revue Indépendante*, alertava: “a ‘Pátria’ é ainda uma identidade, uma entidade vazia e oca, como Deus, como a Sociedade, como o Estado, como a Natureza, como a Virtude, a Moral etc.” (p. 7). E assim, antes da publicação, em 1891, de *A Alma do homem sob o socialismo*, livro de Oscar Wilde — talvez tenham se encontrado, pois, nesta década, Wilde também viveu na capital francesa —, e apesar “do orgulho de um esteta, cuja máxima elegância consistiria em passar despercebido” (p. 6), F.F. já era “personagem estranho e algo enigmático, aparentava um dândi baudelairiano com aspecto Yankee, o rosto bem escanhado à exceção de uma barbicha” (p. 9).

Em 1886, cinco anos antes da publicação de Wilde — responsável por empolgar entre os libertários um debate sobre a arte menos como veículo realista e emancipador, e mais como afirmação rebelde individual do artista que a produz, ao mesmo tempo que inventava o termo neoimpressionista —, Fénéon lançava na França os primeiros exemplares das *Iluminuras* do poeta Arthur Rimbaud. Empolgado por essa aliança entre artistas e militantes animada por ele, em 1887, nas páginas de *Le Revolté*, o

experimentado militante Jean Grave criou um suplemento dedicado exclusivamente às artes e literaturas às próximas das chamadas questões sociais. Deste modo, no início dos anos 1890, provocados primeiro por Fénéon, depois por Grave, pintores como Camile Pissarro passaram a contribuir com frequência em periódicos e publicações subversivas.

Entretanto, como era de se esperar, não tardou para que tal aproximação fosse interrompida. Como resposta ativa ao acossamento da polícia, agravado a partir de 1891 com o tiroteio que feriu na coxa o anarquista Leveillé e levou à prisão outros dois libertários (Decamps e Dardare), irrompe na França uma série de ações explosivas, iniciadas ainda em 1891 por Ravachol, tendo como alvo juízes, policiais e burgueses que reagiam ferozmente aos anarquistas desde o ocaso da Comuna de Paris. Tais ações não cessaram até meados dos anos 1910, porém, diminuíram consideravelmente em junho de 1894, sob efeito da punhalada fatal desferida por Santo Geronimo Caserio no então presidente da república, Sadi Carnot.

O ato de Caserio, resposta direta à execução de Ravachol conduzida pelo tribunal francês, acelerou a realização do “Processo dos Trinta”, julgamento no qual foram incluídos, sob alegação de formação de quadrilha, Fénéon, Grave e tantos outros, como Sébastien Faure. “Ao final das investigações, a quase totalidade dos implicados foi inocentado, incluindo Fénéon. O depoimento deste último é citado com frequência, ainda hoje, pela frieza e pela verve irônica que teriam contado a seu favor diante de um júri dividido” (p. 6), revela Marcos Siscar no prefácio de *Notícias em três linhas*. “Não custa lembrar”, prossegue Siscar, “que uma de suas testemunhas de defesa

foi Stéphane Mallarmé. Logo após a prisão do amigo, o poeta declarou a um jornalista: ‘Fala-se, segundo você, de detonadores. Certamente não havia, para Fénéon, melhores detonadores que seus artigos. E não creio que disponhamos de arma mais eficiente do que a literatura’ (Idem). O depoimento, além de afirmar uma relação de amizade, atesta a proximidade de Mallarmé, considerado um dos poetas mais radicais do final do século XIX, com as questões levantadas pelos anarquistas franceses.

Absolvido junto com grande parte dos acusados, um ano depois do início do “Processo”, Fénéon seguiu adiante com a militância libertária, combinando-a com o trabalho de editor à frente da *La Revue Blanche* (1895-1903), divulgando a escrita e a arte de jovens como André Gide, Marcel Proust, Guillaume Apollinaire e Henri Matisse. Foi após o longo período frente à revista, em 1905, que, convidado pelo jornal francês *Le Matin*, ele passou a escrever diariamente as inesperadas e concentradas notícias em três linhas publicadas somente agora no Brasil; sínteses descritas como “romance elíptico”, ‘micronarrativa’, ‘poesia em três linhas’, ‘haikai jornalístico’, fragmentos de ‘humor negro’, precursor do Twitter” (p. 12).

Apesar de não conterem sua assinatura, em muitas destas curtas, porém, intensas reportagens, o anarquismo, o antimilitarismo e o antiautoritarismo de Fénéon estão diretamente presentes. Em relação ao anarquismo, os breves relatos a seguir o deixam mais que evidente, escancarando a atenção do então anônimo jornalista para episódios antimilitaristas e antiautoritários. “Por disseminarem a história de um quimérico atentado anarquista contra a igreja da Madeleine, aproximadamente dez camelôs foram presos” (p. 18); “a ação sindical casa-se

com a parlamentar?, pergunta-se o Congresso de Amiens. Sim, diz Keufer; não, diz Broutchoux”; “o sexagenário Gallot, de Saint-Ouen, foi detido quando se dedicava a transmitir a alguns soldados seu antimilitarismo” (p. 37); “o recrutamento deixa louco Berlin, do 22º Regimento de artilharia, em Versalhes: ele se desnuda diante de Santo Antônio e se diz seu porco” (p. 114); “Pierre Melani, que tinha suas queixas contra a polícia, perfurou com uma facada na barriga o comandante Montial, de Lyon” (p. 99). Uma década depois das ações de Ravachol, em um momento em que grande parte do anarquismo era crítico das ações do passado e valorizava o sindicato como lugar de mobilização revolucionária, assim como a greve geral — “os grevistas de Ronchamp (Haute-Saône) jogaram na água um operário que teimava em trabalhar” (p. 26) —, F.F. registrou: “quero telegrafar a Ravachol!”, gritava Ninni Colonne, de Pantin. Prenderam-na como louca, sendo notória a morte do seu companheiro” (p. 125).

Mantidas em um caderno por Fénéon, as notícias acima foram publicadas somente em 1948, por iniciativa de Jean Paulhan. Ao comparar a escrita do anarquista em *La Matin* e seu trabalho como crítico, Marcos Siscar argumenta: “assim como valorizar um artista renovador pode ser entendido como um ato crítico subversivo, do ponto de vista literário ou artístico estabelecido, é bem provável que cada um desses fragmentos soasse, no contexto em que foram publicados, como uma discreta ‘bomba’ contra a ‘universal reportagem’ (na expressão de Mallarmé)” (p. 11). É explícito o caráter disruptivo dos textos de Fénéon. Todavia, o que salta logo à primeira leitura é sua disposição em expor os combates de sua época de maneira também anarquista, abrindo mão de

uma suposta autoridade como jornalista ou narrador de determinado episódio. Com essas *Notícias em três linhas*, Fénéon explicita que jamais deixou de ser um libertário, abrindo outras perspectivas, deixando os olhos livres para o leitor, apresentando episódios desconcertantes, comumente descartados pela História.

Em “A vida dos homens infames”, curto texto publicado em 1977, Michel Foucault também chamou de notícias os breves relatos de vidas infames que encontrou ao acaso em livros e documentos nos arquivos do internamento do Hospital Geral e da Bastilha. Segundo ele, tais existências infames irrompem menos como exemplo ou lição do que como afirmação de uma força bruta que se choca diretamente contra o poder e rapidamente se extingue. Fénéon, no campo de batalha, repórter de rua, foi precisamente um colecionador, um narrador de episódios infames, algo não tão distante, apesar de seu minimalismo, das perambulações de Rimbaud em *Illuminuras*. Onde muitos identificam o precursor do *twitter* e outras classificações limitantes que servem para justificar editoriais e editorias, desvela-se o olhar aguçado, à espreita de um jornalista anarquista.

NU-SOL

Publicações do Núcleo de Sociabilidade Libertária, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

hypomnemata, boletim eletrônico mensal, desde 1999;

flecheira libertária, semanal, desde 2007;

observatório ecopolítica, quinzenal, desde 2015;

Aulas-teatro, no tucarena

Emma Goldman na Revolução Russa, maio e junho de 2007;

Eu, Émile Henry, outubro de 2007;

FOUCAULT, maio de 2008;

estamos todos presos, novembro de 2008 e fevereiro de 2009;

limiars da liberdade, junho de 2009;

FOUCAULT: intempéries, outubro de 2009 e fevereiro de 2010;

drogas-nocaute, maio de 2010;

terr@, outubro de 2010 e fevereiro de 2011;

eu, émile henry. resistências., maio de 2011;

LOUCURA, outubro de 2011;

saúde!, maio e outubro de 2012;

limiars da liberdade, maio e agosto de 2013;

anti-segurança, outubro/novembro de 2013 e fevereiro de 2014;

drogas-nocaute 2, maio de 2014;

a céu aberto. controles, direitos, seguranças, penalizações e liberdades, novembro de 2014;

terr@ 2, maio de 2015;

libertárias, novembro de 2015;

LOUCURA, maio de 2016,

A Revolução Espanhola, novembro de 2016;

a segurança e o ingovernável, maio de 2017;

greve geral em são paulo, 1917, 21 e 22 de novembro de 2017, 6 e 7 de dezembro (Teatro Agora-SP);

estamos todos presos. estamos?, 11 e 12 de junho de 2018.

DVDs e exibições no Canal Universitário/TVPUC

ágora, agora, edição de 8 programas da série *PUC ao vivo*; 2007-2009.

os insurgentes, edição de 9 programas; 2008-2009.

ágora, agora 2, edição de 12 programas; 2008-2009.

ágora, agora 3, edição de 7 programas; 2010.

carmem junqueira-kamaiurá — a antropologia MENOR, 2010-2012.

ecopolítica-ecologia, 2012.

ecopolítica-segurança, 2012.

ecopolítica-direitos, 2013.

ecopolítica-céu aberto, 2015.

Canal do Nu-Sol no YouTube https://www.youtube.com/channel/UCmrOPJTtsO_Y5wYnHUSAQgDg.

Vídeos

Libertárias (1999); Foucault-Ficô (2000); Um incômodo (2003); Foucault, último (2004); Manu-Lorca (2005); A guerra devorou a revolução. A guerra civil espanhola (2006); Cage, poesia, anarquistas (2006); Bigode (2008); Vídeo-Fogo (2009).

CD-ROM

Um incômodo, 2003 (artigos e intervenções artísticas do Simpósio Um Incômodo).

Coleção Escritos Anarquistas, 1999-2004, 29 títulos.

recomendações para colaborar com verve

Verve aceita artigos e resenhas originais para possível publicação. Cada texto, respeitando o anonimato do autor, será apresentado a dois revisores escolhidos entre os membros do Conselho Editorial ou do Conselho Consultivo, ou ainda, a pesquisadores convidados que poderão recomendá-lo para publicação, recomendá-lo mediante ajustes, ou mesmo negá-lo. Em caso de pareceres distintos, um terceiro parecerista será convidado à leitura.

Verve é uma revista libertária e autogestionária. Ao apresentarem textos à Verve, os autores afirmam sua concordância com a leitura e divulgação ampla, pelos meios disponíveis, dos seus escritos.

Os textos enviados à revista Verve devem observar as seguintes orientações quanto à formatação:

Extensão, fonte e espaçamento:

a) Artigos: os artigos não devem exceder 17.000 caracteres contando espaço (aproximadamente 10 laudas), em fonte Times New Roman, corpo 12, espaço duplo.

b) Resenhas: As resenhas devem ter no máximo 7.000 caracteres contando espaços (aproximadamente 4 laudas), em fonte Times New Roman, corpo 12, espaço duplo.

Identificação:

O autor deve enviar mini-currículo, de no máximo 03 linhas, contendo e-mail para contato, para identificá-lo em nota de rodapé.

Resumo, Título e Palavras-chave:

Os artigos devem conter (em português e inglês): título, resumo (em até 10 linhas) e três palavras-chave.

Notas explicativas:

As notas, concisas e de caráter informativo, devem vir em nota de fim de texto.

Resenhas não devem conter notas explicativas.

Citações:

As referências bibliográficas devem vir em nota de fim de texto observando o padrão a seguir:

I) Para livros:

Nome do autor. *Título do livro*. Cidade, Editora, Ano, página.

Ex: Rogério Nascimento. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro, Achiamê, 2000, p. 69.

II) Para artigos ou capítulos de livros:

Nome do autor. “Título” in *Título da obra*. Cidade, Editora, ano, página.

Michel de Montaigne. “Da educação das crianças” in *Ensaio*, vol. I. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo, Nova Cultural, Coleção Os pensadores, 1987, p. 76.

III) Para artigos publicados em periódicos:

Nome do autor. “Título” in *Nome do periódico*. Cidade, Editora, volume e/ou número, ano, páginas.

José Maria de Carvalho. “Elisée Reclus, vida e obra de um apaixonado da natureza e da anarquia” in *Utopia*. Lisboa, Associação Cultural A Vida, n. 21, 2006, pp. 33-46.

IV) Para citações posteriores:

a) primeira repetição: Idem, p. número da página.

b) segunda e demais repetições: Ibidem, p. número da página.

c) para citação recorrente e não sequencial: Nome do autor, ano, op. cit., p. número da página.

V) Para obras traduzidas:

Nome do autor. *Título da Obra*. Tradução de [nome do tradutor]. Cidade, Editora, ano, número da página.

Ex: Michel Foucault. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma T. Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2000. p.42.

VI) Para textos publicados na internet:

Nome do autor ou fonte. *Título*. Disponível em: [http://\[endereço da web\]](http://[endereço da web]) (acesso em: data da consulta).

Ex: Claude Lévi-Strauss. *Pelo 60º aniversário da Unesco*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n1/indexn1.htm> (acesso em: 24/09/2007).

VII) Para resenhas:

As resenhas devem identificar o livro resenhado, logo após o título, da seguinte maneira:

Nome do autor. *Título da Obra*. Tradutor (quando houver). Cidade, Editora, ano, número de páginas.

Ex: Roberto Freire. *Sem tesão não há solução*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987, 193 pp.

As colaborações devem ser encaminhadas por meio eletrônico para o endereço nu-sol@nu-sol.org salvos em extensão “.docx”. Na impossibilidade do envio eletrônico, pede-se que a colaboração em cd seja encaminhada pelo correio para:

Revista Verve

Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-Sol), Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Rua Ministro Godói, 969, 4º andar, sala 4E-20, Perdizes, CEP 05015-001, São Paulo/SP.

Informações e programação das atividades do Nu-Sol no endereço: www.nu-sol.org



revista
ecopolítica
set - dez 2017



disponível em: www.pucsp.br/ecopolitica/revista_ed19.html

Observatório **ecopolítica**

visite:

<http://www.pucsp.br/ecopolitica/>
<http://revistas.pucsp.br/ecopolitica/>

Rua Monte Alegre, 984, sala S-17

São Paulo-SP

Telefone: (11) 3670-8372

